Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23221 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** · DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEGUNDA-FEIRA 16 ABRIL 90 60$00

Droga livre: sim ou não?

Grupo de Trabalho/DL debateu a despenalização do consumo

A despenalização do consumo de droga é tema sempre em foco. Um pouco por toda a Europa, psicólogos, psiquiatras, juristas, educadores, religiosos ou ateus já o debateram. Em Portugal, começa a ser abordado e a provocar as primeiras reacções, ainda que muito timidamente. O assunto foi agora discutido pelo Grupo de Trabalho/DL sobre Assuntos Sociais, formado pelo sociólogo J.M. Paquete de Oliveira, pelo psiquiatra J. C. Dias Cordeiro, pelo economista J. M. Brandão de Brito, pelos juristas Ana Prata e Rui Epifânio e pela técnica de educação Maria Emília Brederode Santos.

Págs. 16 e 17

Esquerda--Direita a fronteira ainda existe

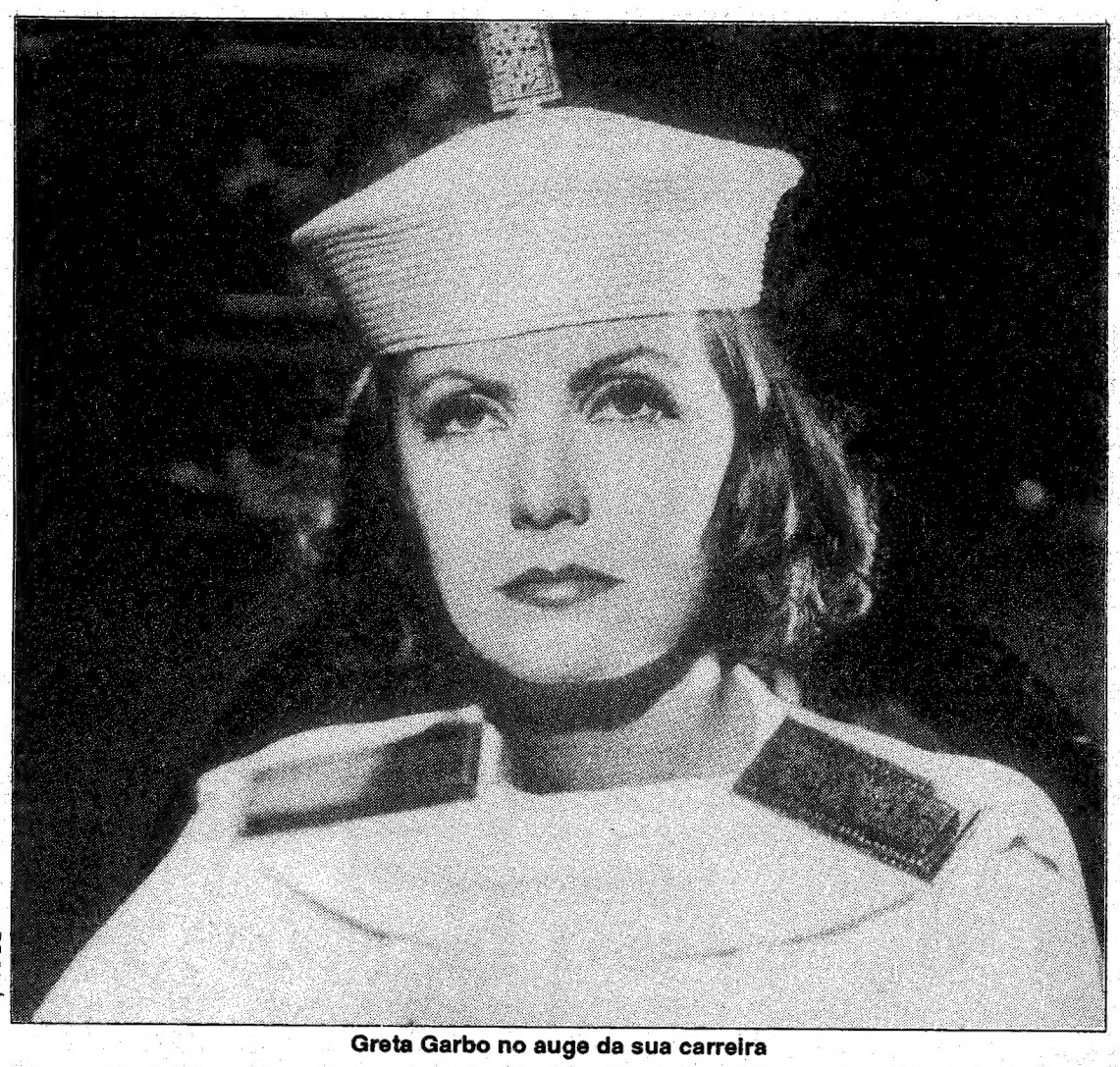
As modificações nos países de Leste deram nova vida à esquerda que, pondo de parte os dogmas marxistas, repensa os seus princípios históricos e procura adequar-se à nova realidade, revela um inquérito feito pelo DL junto de dirigentes políticos e pensadores de vários quadrantes.

Apesar da queda do muro e das recentes modificações na América Latina e África do Sul, as fronteiras que separam a esquerda e a direita mantêm-se sem alterações teóricas ou ideológicas significativas. Mas os valores circulam «sem dono», e entre eles a democracia, a liberdade de expressão ou o multipartidarismo, foram integrados pelos países de Leste enquanto na Europa do Sul o núcleo-duro do pensamento de esquerda se cataliza à volta dos Direitos Humanos, alargados a conceitos novos, como o direito ao consumo, à qualidade de vida, à preservação ecológica.

Uma sondagem que o DL publicará amanhã reforça, aliás, a ideia de que para a opinião pública a fronteira se mantém: a maioria dos entrevistados faz uma distinção ideológica nítida e considera que, nos últimos tempos, a vida política portuguesa se deslocou para a direita.

Págs. 2 e 3

Garbo: a morte póstuma



Arquivo DL

Greta Garbo no auge da sua carreira

Aos 84 anos, num hospital de Nova Iorque, morreu ontem Greta Garbo. A morte para o mundo ocorrera quase 50 anos antes, quando, no auge da carreira, ela compreendeu que só a morte ou o convento justificam o nascimento das lendas. Escolheu a ascese. O último dos grandes mitos de Hollywood não vai, por isso, a enterrar com Greta Garbo. Porque já era imortal muito antes desta morte clínica.

E dele ficam personagens como «Mata-Hari», «Ninotchka» ou «Anna Karenina».

Pág. 19

Colóquio DL começa amanhã no Forum Picoas

O 25 de Abril visto de fora

Suplemento especial nesta edição

O colóquio promovido pelo DL sobre «O 25 de Abril revisitado pelos *media* internacionais», que começa amanhã no Forum Picoas(ver pág. 13), é motivo de um suplemento, incluído nesta edição, no qual se reproduzem textos publicados em jornais estrangeiros, em 1974 e 1975, por alguns dos participantes na reunião de Lisboa, incluindo Mário Soares.

Pág. 13

EDITORIAL

O «Diário de Lisboa» publica, hoje, num suplemento especial, textos jornalísticos sobre Portugal, escritos nos anos de 1974-1975 pelos jornalistas que, a partir de amanhã, participarão no colóquio «O 25 de Abril revisitado pelos media». A selecção dos textos não obedeceu a nenhum pretenso critério de rigor histórico. Procuramos, apenas, documentar o testemunho dos jornalistas estrangeiros que «cobriram», nessa época, os acontecimentos portugueses e voltaram, agora, ao nosso País, a convite do «Diário de Lisboa».

Assinados por André Fontaine ou Henry Giniger, por Colette Braeckman ou Werner Herzog, por Marcel Niedergang ou Georges Dupoy, por Joelle Kuntz ou André Pautard, a maior parte dos textos incluídos neste suplemento foram apresentados aos leitores dos respectivos jornais sob a fórmula mágica do enviado especial .

Apesar do incremento da circulação da informação a nível mundial, da emergência do audiovisual e dos satélites de difusão directa, a referência ao enviado especial constitui ainda um sinal de qualidade que distingue o jornal que viu «com os seus próprios olhos» daquele que se baseou, apenas, nas versões de fontes que lhe são exteriores.

Pode contestar-se a utilidade do enviado especial: afinal, que vai ele acrescentar, de novo, ao trabalho das agências noticiosas? A resposta é: a sua própria subjectividade, o seu próprio olhar, que beneficiará,

Mário Mesquita

continua na pág. 6

EUA querem reduzir efectivos militares
Pág. 9

António Costa (PS) critica o Governo
Págs. 4 e 5

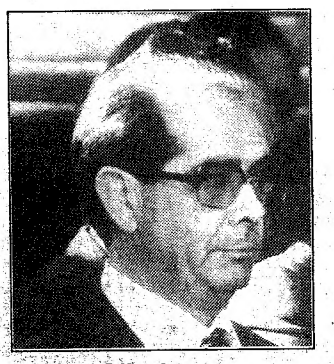
Terceira Via acompanha José Luís Judas
Pág. 6

Nove mortos num acidente em Viseu
Pág. 14

A mudança veio de Leste. Sem poder manter referenciais teóricos a esquerda repensa-se, procura integrar a mudança e prepara-se para cerrar fileiras em torno de uma ética que englobe as novas descobertas da ciência, Direitos Humanos alargados e uma economia de mercado isenta de tentações novo-riquistas

GRANDE ANGULAR

Esquerda despiu a ganga ideológica



Ana Maria Bettencourt, António Mega Ferreira, Fernando Reboredo Seara e Veiga de Oliveira

Os acontecimentos a Leste renovaram a esquerda. «Liberta da ganga ideológica, curada da síndrome marxista» mantém as raízes e procura «integrar valores até agora interditos», diz António Mega Ferreira, escritor, ex-jornalista, membro da Comissão dos Descobrimentos. E entre tais direitos distingue «a alegria, o consumo e o desperdício, o direito a ter um corpo», ou a possibilidade de zelar pela qualidade de vida e preservação deste planeta.

«Mantém-se a fronteira esquerda-direita, mas o núcleo duro do pensamento de esquerda vai polarizar-se, agora em torno dos Direitos Humanos», renovados e apoiados num referencial teórico que parecia esquecido pelos partidos de esquerda do Sul: a social-democracia, entendida no seu sentido histórico.

Heresias de um quarentão bem-pensante? Talvez antes a visão de um socialista «confesso e descomprometido», de alguém que pertence «ao povo de esquerda», liberto do «terrorismo intelectual que o marxismo exerceu sobre várias gerações».

«Para nós a esquerda era o pensamento marxista. E tomou-se a parte pelo todo, descurando as alternativas», diz. A Sul «não existe um corpo teórico» sobre a social-democracia e a prática (ou o pensamento) dos nórdicos chegou diluída. É nessa actualização que reside o desafio: a esquerda «terá de reavaliar onde se separam as águas».

O debate será feito mais facilmente fora dos partidos, «pois é sempre com atraso que as instituições partidárias integram novas ideias no seu discurso», diz Mega Ferreira. «Todos têm medo da opinião pública, todos receiam perder votos e funcionam, afinal, à semelhança do Canal 1 da RTP» ou seja «pela mediania das opiniões comuns».

«Foram muitas as perplexidades da esquerda nas últimas três décadas», diz e sorri de novo. Em meados dos anos 70 Pier Paolo Pasolini, militante comunista, condenava o aborto. Fazia-o em nome do direito à vida, e talvez para melhor gerir as suas angústias. Mas também porque «a fronteira entre a direita e a esquerda esbate-se», sobretudo em tempos de mudança, «quando em vez de teoria se discutem valores».

Estamos em tempo de mudança. Mega Ferreira receia que na reavaliação de valores os partidos esqueçam o seu passado histórico. «Tenho medo do novo discurso, excessivamente liberal, tenho medo do liberalismo novo-riquista aprendido a correr», diz e cofia o bigode.De facto, se os partidos de esquerda do pós-comunismo «esquecerem que para o Estado nem tudo dá lucro», que a cultura e a educação não são rentáveis, terá valido a pena ver cair o muro?

O peso do muro

Veiga de Oliveira recomeçou. Militante comunista histórico, ex-deputado pelo PCP e ex-candidato à Câmara de Cascais pelo mesmo partido, critica a prática dos partidos de Leste como se só agora a conhecesse.

«Durante três quartos de século os países ditos socialistas trilharam um caminho catastrófico», diz. No sistema de partido único «houve cidadãos de primeira e cidadãos de segunda», houve proscritos, gente enviada para trabalhos forçados. E a economia centralizada «cortou inteligências»

«A democracia política formal é imprescindível, não pode ser abandonada», diz. Justifica a criação de partido único na União Soviética pela situação de conflito que se viveu à seguir à Revolução de Outubro, mas passada essa época multiplica as críticas. Mas de tudo isso não infere que o ideal de socialismo esteja perdido. Continua marxista, não alterou a sua fronteira esquerda-direita, acha que mesmo confrontado com novos valores o Homem guarda «uma parte residual, um lastro que aumenta até se tornar intemporalmente válido».Entre tais aquisições perenes destaca a democracia «valor de progresso» e portanto de esquerda. Engenheiro civil, Veiga de Oliveira faz esquemas para melhor demonstrar que para um marxista é necessário actuar ao nível da produção, enquanto um social-democrata age na distribuição da riqueza produzida. De resto considera que a social-democracia, mesmo no sentido histórico lembrado por Mega Ferreira «por si só não vai a lado nenhum»

«Os sitemas capitalistas só não ficaram na nulidade porque havia uma alterantiva», o socialismo a Leste. Como se fossem uma balança com dois pratos ambos se influenciaram, a tensão entre os dois regimes dominou e fez mover o Mundo, funcinou como aguilhão para acabar com o colonialismo, acabou por libertar milhões de pessoas - a Ocidente.

Agora que as rivalidades se esbatem e a «détente» passou à História, que novos valores tem a esquerda que Veiga de Oliveira representa? Defende a liberdade de pensamento, a pluralidade partidária, o direito à informação e tem uma nova visão da economia.

Tal como Gorbachev, vê os grandes meios de produção na posse do Estado e a pequena empresa privada. «O lucro, como agilhão, não se pode exlcuir numa fase transitória», diz. Será necessário «limitar-lhe as consequências negativas» e, para além disso, seguir os novos caminhos, adequando a teoria à realidade.

A memória da direita

José Miguel Júdice acha este tema desinteressante. «Faz pouco sentido discutir a dualidade entre forças modernizadoras e forças que preferem manter o *status quo*, porque ambas são indispensáveis», diz. Para ele o socialismo acabou, «o Leste dá prova disso» mas a esquerda e e direita continuarão a digladiar-se - e a fazer andar o Mundo!

«Como é que podemos estabelecer balizas se a confusão é absoluta? Os conceitos de esquerda e de direita tornaram-se inoperacionais, podem ser definidos, mas isso não leva a nada», afirma. Júdice faz várias definições - a nível ideológico, político, sociológico - logo a seguir demonstra como podem mudar «consoante os povos e as épocas» e acaba por dar uma definição pessoal:

«O que distingue a esquerda e a direita é a memória, a ideia que guardamos dos combates perdidos.» De si fala, dos combates travados em Coimbra, na década de 60, «contra o poder da esquerda, então dominante». A essa memória vai buscar a convicção de ser de direita, para sempre.

Comentarista político, José Miguel Júdice espalhou prosas por «O Diabo» e

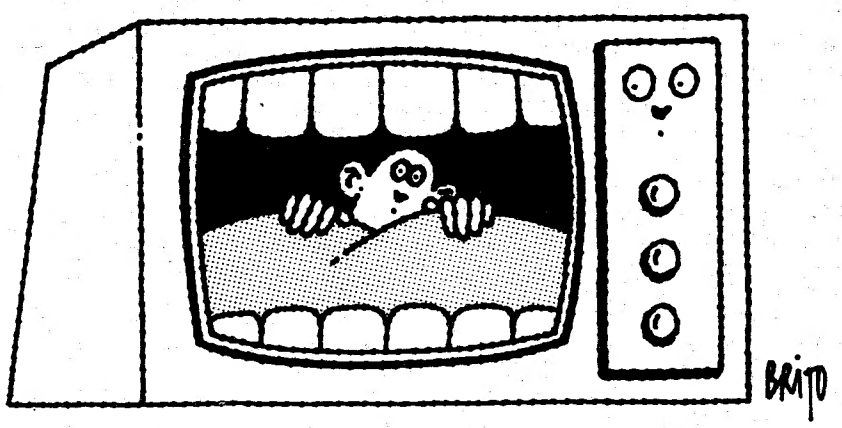
E a imagem fez-se História

Os media influenciaram as mudanças a Leste e trouxeram ao Ocidente informações (e imagens) geradoras de novos valores. Agentes da mudança política, têm um valor nunca sonhado pois, como diz António Mega Ferreira, «agora a história faz-se em directo».

«A queda do Muro de Berlim foi vista em toda a Europa, influenciou aquilo que depois se passou a Leste», afirma. Considerado um apaixonado da televisão, Mega Ferreira acha mesmo que os media foram determinantes para libertar os desejos recalcados de quem vivia «do outro lado», abrindo caminho ao consumismo, próprio de todos os povos.

Exagero? Talvez não se nos lembrarmos das imagens que a RTP transmite: os berlinenses de Leste vêm a Ocidente comprar. Depois da queda do Muro não consta que tenham ido a Munique ver a Pinacoteca ou Dachau, como fez a geração (ocidental) a que Mega Ferreira pertence.

Mas a influência dos media ultrapassa o Leste, entra-nos em casa. Vimos Havel chegar ao poder tal como assistimos à queda de Ceausescu. «Hoje é impossível controlar a informação , os acontecimentos têm uma influência brutal, a televisão transmite-os com toda a sua intensidade», acrescenta José Miguel Júdice. Para ele não se trata, aliás, de um dado novo: «Os Estados Unidos perderam a guerra do Vietname por causa da televisão», lembra, e logo faz o paralelo com a União Soviética, em sua opinião também perdedora pela força do ecrã.



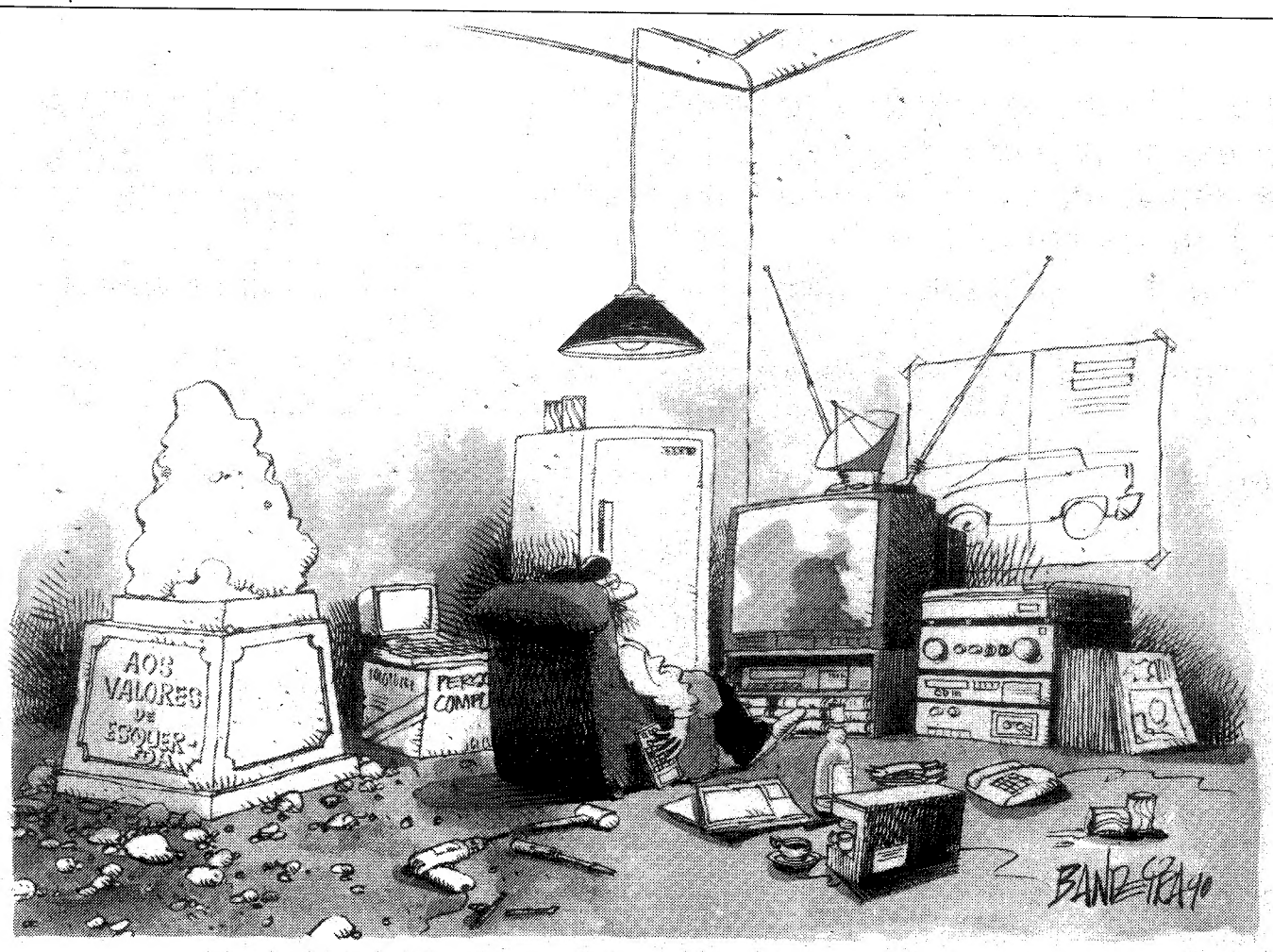
Veiga de Oliveira não vai tão longe. Os acontecimentos a Leste tornaram-no um defensor feroz do direito «à liberdade de pensamento, que não existe sem liberdade de expressão» .Diz isto mas não enfatiza. Para ele a transmissão das imagens da queda do muro foi importante, mas o poder da Comunicação Social não se restringe ao ecrã É visto como parte de um conjunto, «feito de meios de informação plurais».

A imagem volta a ser rainha para Reboredo Seara. Acha que os media «fizeram a revolução a Leste», e no Ocidente «contribuiram para o derrubar dos mitos». Pertence à geração para quem a RDA e a União Soviética «eram o Sol da terra», e «um paradigma a seguir em Portugal», conta com ironia. Sempre teve, obviamente, outros valores e possui também boa memória. Ainda se lembra que Ceausescu «foi dos presidentes mais bem recebidos em Portugal depois do 25 de Abril», numa altura em que a Roménia «também era um símbolo».

Reboredo Seara dá ainda importância aos media por ter estado na República Popular da China antes dos massacres deTiananmen Conta que no Sul se captavam imagens da televisão de Hong-Kong e pergunta «que influência terá tido esse novo mundo», na formação das mentalidades dos jovens que se revoltaram.

Ana Maria Bettencourt sorri. Tem mais vivas outras imagens transmitidas pela televisão: as de Maio de 1968 que viveu nas ruas. De resto afere o poder mediático em termos nacionais.

«Entre nós a avaliação das *perfomances* políticas faz-se pela televisão, se nada transmite é como se nada tivesse acontecido», diz. Queixas de um partido de oposição? Claro! E também de alguém empenhado na batalha da educação, coisa que vemos nos nosso s ecrãs domésticos com muito menor frequência do que as mudanças políticas - a Leste, na América Latina ou na África do Sul.



outros semanários. É considerado próximo do PSD, mas talvez por possuir uma definição própria de direita e esquerda, diz que tem «muito em comum com os socialistas da minha idade», talvez porque «hoje em dia todos somos de esquerda e de direita ao mesmo tempo». Um jogo de palavras?

Entre fronteiras

«Não sei se sempre houve uma fronteira nítida entre esquerda e direita», contrapõe Ana Maria Bettencourt, do secretariado do PS. «Há valores que circulam. A democracia, por exemplo, sempre foi um muito querida aos partidos socialistas e sociais-democratas. Não o era para os partidos comunistas de Leste e hoje vemos a transformação.»

«A descentralização também não era um valor de esquerda, que enfatizava a importância de um Estado laico e com força e hoje vemos em toda a Europa os países de esquerda defenderam o regionalismo», diz como quem partilha dúvidas. Numa coisa tem certezas: a esquerda mantém um residual de valores que incluem «igualdade de oportunidades, justiça social, solidariedade». Por seu lado a direita «é mais individualista, indiferente, partilha a ideia do sucesso pelo sucesso, usa o dinheiro como estratégia de avaliação das pessoas».

Vê também diferença na aplicação da justiça social e, sobretudo, no seu campo, a educação: «A direita confunde as diferenças e as desigualdades; a esquerda respeita a diferença e por isso pactua com as desigualdades», diz. E logo explica: «Nas escolas da Pedreira dos Húngaros, é uma hipocrisia obrigar crianças caboverdianas, com outra cultura, que mal falam português, seguir o programa escolar oficial. Respeitar-lhes a diferença seria dar-lhes melhores escolas, e professores que falassem crioulo.»

Reboredo Seara também vive o ensino. Professor no ISCSP e na Universidade Lusíada, estudou marxismo na terra de Karl Marx - mas isso não o impediu de ser secretário-geral do CDS, com Adriano Moreira. Agora está «afastado da acção política directa» e prefere seguir os fenómenos na escola. Aí «ressurgem os conceitos de direita», bem radicais.

Há jovens de 18 anos favoráveis à pena de morte (abolida em Portugal há 120 anos). «Gente que se debate com a droga, a violência urbana, fica com conceitos alterados e preconiza uma maior intervenção do Estado.»

«Os conceitos mudam, a democracia consumista que criámos obnulia a distinção tradicional equerda-direita». Outra nasce: «Quem for de esquerda vai querer um Estado mais individualista, menos interventor, contrariando todas ideias vindas da Revolução de 1917», diz. Será este um conceito visionário, ou um exercício de professor?

Reboredo Seara está convicto que a mudança de conceitos está em marcha. E dá um exemplo concreto, as reformas de Collor de Melo. «Feitas por um homem de direita, contrariam o modelo de economia de mercado, baralham tudo, mas de qualquer forma uma coisa é certa: se fosse Lula a executá-las já os militares estavam à porta dos quartéis».

M.G.L

Ciência: à procura de nova ética

A esquerda integra a ciência. Já não apenas em teoria mas na procura de balizas éticas que garantam dimensão humana às descobertas da genética, da microcirurgia, da informática. «Temos de repensar os caminhos do saber, de forma a usá-lo com respeito pelo indivíduo» diz Ana Maria Bettencourt.

Por aí passa uma das distinções esquerda-direita, assegura. No posicionamento face ao saber, na aplicação prática da ciência e, claro, na organização do sistema educativo, «feito de forma a não programar só carreiras lucrativas», para o Estado ou para as empresas.

«A ciência tem de ser interrogada pelos valores de esquerda, de forma a garantir um desenvolvimento que não prejudique a qualidade de vida», afirma. Mas será só na barreira da ecologia que se dividem as águas? Mega Ferreira separa-as de outra maneira. Para ele a evolução da esquerda começou na aceitação dos computadores.

«Foi uma luta de anos», diz a sorrir, «em meados da década de 60 toda a esquerda debatia, nos Encontros de Genève, o papel da informática». Fernando Namora deixou de tal discussão um relato («Diálogos de Setembro»). Falar de ficheiros informatizados, nessa altura, era associado de imediato a novas possibilidades de investigação dadas à Pide, aqui em Portugal. E, no resto da Europa, mesmo sem o papão da polícia política, a rejeição da informática manteve-se, durante anos. De tal forma viva que alguns ainda se lembram da primeira lei de despenalização: um suplemento de «L'Humanitá», em 1978, inteiramente dedicado às vantagens desta nova tecnologia.

«As fronteiras da nova esquerda passam por aí, pelo aceitar da inovação mas também pela defesa dos cidadãos face à informática», salienta António Mega Ferreira. Esta é uma das balizas que traça, ao alargar o seu conceito de Direitos Humanos, para além dos princípios «rígidos do jacobinismo republicano». E, de facto, vinte anos depois dos Encontros de Geneve, os cidadãos portugueses usam a informática como quem brinca, sem lei que lhes garanta não estar toda a sua vida reduzida a uma «disquete» capaz de passar de mão em mão, transmintindo informações económicas, hábitos, outros dados pessoais - até informação política.

Veiga de Oliveira acha que os valores culturais e científicos são universais, «passam por cima dos sistemas». Considera «um chavão» dizer que os progressos tecnológicos «dão novo alento ao capitalismo». Em sua opinião mais grave foi «a apatia provocada nos países socialistas pela falta de democracia, que levou a um atraso do conhecimento puro ou da sua aplicação prática». A URSS foi pioneira na conquista do espaço, isso não nega. Só que todo o conhecimento era usado no domínio militar «e os brilhantes avanços dos matemáticos nos anos 50 não foram aplicados ao quotidiano».

Também ele acha que a informática vem «colocar problemas novos» ao permitir informações cruzadas capazes de devassar a vida dos cidadãos. Mas não contem com ele para defender essa fronteira. Para já está interessado em outras lutas.

Amanhã no «DL»
Sondagem-A fronteira direita/ esquerda ainda existe?
Jovens: rombos no ideário político
Depoimentos de Diogo Pires Aurélio, João Carlos Espada e Pierre Guibentif

COMENTÁRIO

Tempo de mudança

Em menos de um ano tudo se alterou. Em Novembro caiu o muro e depois disso os países ditos socialistas entraram em transformação contínua; na América Latina eleições livres deram nova cara ao Chile; na África do Sul, Nelson Mandela deixou a cadeia e em liberdade assiste, hoje, a um concerto em Wembley. E, em tempo de mudança, a esquerda interroga-se, adequa referenciais históricos à realidade de todos os dias.

Onde estão as antigas fronteiras? O que resta da ideia de socialismo considerado como a força política e ideológica que unia, defendia a classe operária e proporcionava um modelo de modernização racionalista? E, invocar as características da direita - defensora da tradição, da religião, da família e do nacionalismo - servirá de referencial para quem quer a modernidade?

Em tempo de mudança as interrogações sucedem-se. Mas o pensamento de esquerda, não parte da tábuarasa. Mantém os seus referenciais históricos e a partir deles assimila a nova realidade, segura de que a fronteira ideológica em nada se alterou. Apesar das mudanças, ninguém hesita em classificar-se de esquerda ou de direita. Qualquer um de nós tem, hoje como ontem, essa definição intima, sinónimo de identidade e de maneira de estar na vida.

Mas, a nível mais amplo, onde se separam as águas? Na defesa dos Direitos Humanos lato senso, incluindo os princípios de justiça social, considerados como um direito e não uma esmola, coisa tão válida hoje como no início do século; ou no direito à diferença, entendida em todas as suas vertentes étnicas, sexuais, e ideológicas; ou no direito ao consumo e à alegria e à felicidade coisas de que Marx não cuidou e sucessivas gerações de pensadores descuraram.

As modificações deste final de milénio não enfraqueceram a esquerda. Pelo contrário liberaram-na de uma carga incómoda, o marxismo que, parafraseando Marx e um velho ditado germânico, fez tomar a árvore pela floresta. Agora a esquerda pode insistir no factores sociais e culturais do desenvolvimento, considerando-os válidos por si próprios, sem precisar de os atrelar à locomotiva do desenvolvimento económico e relegá-los para segundo plano. Pode privilegiar os contra-poderes, considerá-los factor de modernização, dar-lhes liberdade de existir e de criar. E pode, sobretudo, integrar a ciência.

O conhecimento não tem dono mas as novas aquisições científicas senpre foram melhor usadas pela direita, entendida no seu sentido clássico de possuidora da riqueza e de poder. A esquerda descurou a ética da ciência, a defesa dos cidadãos contra os atropelos da informática, o adequar das liberades formais com as últimas descobertas da biologia ou da genética. E se ninguém quer ou pode interromper a corrente do saber, a esquerda, para continuar a ser de esquerda, tem esses princípios a acautelar. Para que a liberdade e a igualdade continuem a fazer sentido.

Maria Guiomar Lima

António Costa ao «DL»

«Se o poder não for PS em 92 Portugal pode perder o desafio»

António Costa é o mais novo dos elementos do Secretariado Nacional do Partido Socialista e deve ser amanhã indicado, numa reunião de apoiantes da maioria, para concorrer ao cargo de coordenador da Federação da Área Urbana de Lisboa (FAUL) daquela formação política. «Fui o único dirigente da maioria que se mostrou disponível para o cargo», declarou ao «DL», quando desmentiu notícias que davam como certa a crispação entre ele e o actual coordenador, João Proença, cuja acção foi repetidamente louvada por sucessivos comunicados das estruturas do partido, quando as notícias de uma polémica surda vieram nos jornais.

«João Proença dirigiu bem a FAUL e o movimento favorável à minha candidatura não teria surgido se ele não tivesse já anunciado que não seria candidato devido às suas outras funções no PS e na UGT», declarou António Costa.

Sendo assim, terá Rui Cunha, da minoria afecta a João Soares, como único adversário nas eleições para os delegados ao próximo congresso federativo da FAUL, a realizar depois do Congresso Nacional do PS, marcado para Maio.

Aos 28 anos, casado, à espera de ser pai em Julho, este advogado em princípio de carreira começou a sua vida política na Juventude Socialista, tendo pertencido ao respectivo Secretariado Nacional entre 1978 e 1980. Foi representante da JS no Congresso Nacional do partido de 1980 até 1984.

Sem tricas com discussões

À distância, prevê um Congresso onde «não existirão tricas, mas grandes discussões».

Um congresso «sem quezílias internas, como os do CDS e do PSD, ou crises de identidade, como o do PCP».

O oposto ao que se passou no último Congresso do PSD,«de onde saiu uma ideia só», assinala António Costa.

Eurico Vasconcelos

António Costa: «Vamos preparar a substituição da maioria»

«João Proença dirigiu bem a FAUL»

Para já, o debate público das Bases e Princípios para o Programa de Governo do PS» está no centro das atenções. Parceiros sociais e adversários ideológicos vão dar sugestões e fazer críticas, até ao fim deste mês. Depois, «o Congresso Nacional apreciará e fará alterações ao texto que entretanto acolheu os contributos de muita gente».

António Costa não acha estranha essa inovação de discutir ideias em congressos. Nem considera o facto uma grande novidade, porque se recorda da discussão do Programa do PS para os anos 80, «Dez Anos para Mudar Portugal», em Congresso Nacional. «Vamos preparar a substituição da maioria que toda a gente prevê para o ano que vem», explica com toda a naturalidade António Costa, antes de vincar que «o PS tem de assumir a ambição de ter a maioria e, por isso, terá de estabelecer, daqui até às legislativas, um compromisso suficientemente sólido com o eleitorado, um pacto que lhe assegure um Governo sólido e homogéneo».

De maioria, claro.

A diferença decisiva

Não estarão os portugueses vacinados contra os Governos de ampla maioria, depois da experiência deste?

Ou o desejo de estabilidade é ou não susceptível de defraudar as esperanças do PS?

«A maioria não garante, por si só, a estabilidade. Em quatro meses, este Governo vai na terceira remodelação. Bate todos os recordes de instabilidade. O necessário é que se perceba que as maiorias não prescindem de um permanente esforço de consenso e diálogo, que é o que caracteriza a democracia. Essa é a diferença importante e decisiva que separa Jorge Sampaio de Cavaco Silva», define António Costa.

E exemplifica: «Na Câmara Municipal de Lisboa, Jorge Sampaio conseguiu ampliar a maioria da coligação *Por Lisboa* quando o plano e o orçamento passaram também com os votos do CDS. Ao mesmo tempo, Cavaco diminuiu a sua maioria, como todas as sondagens provam.»

«A maioria não garante, por si só, a estabilidade. Em quatro meses, este Governo vai na terceira remodelação. Bate todos os recordes de instabilidade»

Interesses instalados

Nos termos de António Costa, Cavaco Silva «reduz tudo aos interesses instalados», zanga-se com todos porque «nunca compreendeu que as sociedades modernas são complexas, conflituais, que exigem um permanente esforço de concertação».

Daí que, como o dirigente socialista faz questão em sublinhar, «o Congresso do PSD tenha sido o maior festival de contradição entre interesses instalados em dez anos de ocupação do Estado pelo partido».

António Costa acredita

Em poucas palavras

Ao abordar a situação política actual, António Costa definiu em poucas palavras partidos e poderes:

PCP
«É um partido a vacilar entre um espaço que está em derrocada e um espaço que não existe. O debate entre históricos e críticos é anacrónico, porque reedita a temática que levou à cisão entre comunistas e socialistas»

PRD
«Não tem comentário possível»

CDS
«Tem um drama que já foi testado por Lucas Pires e é agora reeditado por Freitas do Amaral. No fundo, é querer dar expressão política a uma direita sociologicamente inexistente em Portugal»

Poderes fácticos
«São os melhores exemplos do que é a simulação do poder político.»

que o PS terá de reparar os erros deste Governo, mas recorda que «em todos os momentos decisivos foi o Partido Socialista que teve de assumir as respostas. Nunca delas abdicámos e pagámos um custo pesado». Reconhece, todavia, «que foi superior o preço que o País pagou».

«Se o poder não for PS em 92, Portugal pode perder o desafio», avisa.

Mais vale tarde que nunca

«É em 1993 que o desafio verdadeiramente começa», salienta António Costa, para daí concluir que se «desperdiçaram anos preciosos, mas mais vale tarde que nunca, mais vale arrancar em 91 que em 96».

Nesta altura, «o importante é não perder mais quatro anos».

A conquista do eleitorado central ou a caça ao voto comunista têm sido duas posições colocadas em alternativa, quando se fala da estratégia socialista para as próximas eleições legislativas.

«O Partido Socialista não pode ter uma mensagem para o eleitorado que votou PCP e outra para quem votou PSD. O PS tem de ter um programa político que responda às necessidades e aspirações de um amplo bloco social que sempre, nos momentos decisivos, nele se reconheceu», diz António Costa.

Em campanha, «acabaram-se as promessas», posição já assumida «por Jorge Sampaio na campanha para a Câmara de Lisboa», remata António Costa.

João Isidro

«O Partido Socialista não pode ter uma mensagem para o eleitorado que votou PCP e outra para quem votou PSD»

Informação

ALTERAÇÃO AO SERVIÇO FERROVIÁRIO NO PERÍODO DAS 12.00 HORAS DO DIA 90/04/16 E AS 24.00 HORAS DE 90/04/24, RESULTANTE DOS PRÉ-AVISOS DE GREVE DO SINDICATO NACIONAL DOS MAQUINISTAS E DA FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS FERROVIÁRIOS

Prevendo-se perturbações que afectarão gravemente a normalidade do serviço ferroviário no período compreendido entre as 12.00 horas do dia 90/04/16 e as 24.00 horas do dia 90/04/24, a CP concretizará um programa de circulações que, no mínimo, abrangerá:

1. Eixo LISBOA/PORTO/BRAGA

1.1 Serviço Alfa

A CP vai realizar os seguintes comboios Alfas, todos com paragens em Coimbra, Aveiro e Gaia, com as seguintes horas de partida:

De Lisboa	De Porto
7.15	7.15
17.00	17.10
20.20	20.25

1.2 Seviço Intercidades
LISBOA-BRAGA/BRAGA-LISBOA
São suprimidas todas as circulações deste serviço.

1.3 Serviço Inter-regional
A CP assegura a realização dos comboios Inter-regionais 823 e 827 com partidas de Lisboa às 08.50h e 15.25h e comboios 824 e 828 com partidas do Porto às 12.00h e às 18.45h.

1.4 Serviço Regional
Realizar-se-á grande parte das circulações deste serviço.

2. Eixo LISBOA/GUARDA

2.1 Serviço Intercidades
A CP realizará os comboios Intercidades 510 e 511 com partidas de, respectivamente, Guarda 7.10h e de Lisboa 18.50 horas.

2.2 Serviço Inter-regional
Serão realizados os Comboios inter-regionais n.ºs 810 e 811 entre Coimbra e Guarda, com partidas respectivamente de Guarda às 13.15h e de Coimbra às 10.13 horas.

2.3 Serviço Regional
Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

3. Eixo LISBOA/COVILHÃ

3.1 Serviço Intercidades
A CP realizará os comboios Intercidades 540, 541, 542 e 543/545.

3.2 Serviço Inter-regional
A CP assegura a realização dos comboios Inter-regionais deste Eixo entre as estações de Entroncamento e Castelo Branco.

3.3 Serviço regional
Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis

4. Eixos LISBOA/LEIRIA/FIGUEIRA DA FOZ, PORTO/RÉGUA/TUA E PORTO/VIANA DO CASTELO/VALENÇA

4.1 São suprimidos os comboios Intercidades Lisboa/Leiria 500 e 501, assim como os Intercidades Porto/Régua 560 e 561 e Porto/Viana 550 e 551.

4.2 Comboios Inter-regionais e Regionais
Serão realizados nestes eixos as circulações que se revelarem possíveis.

5. Eixo LISBOA/ALGARVE

5.1 Serviço Intercidades
A CP assegurará os comboios Intercidades Lisboa/Faro 580 e 585 e Lisboa/Faro-Lagos 582 e 583.

5.2 Serviço Inter-regional
Serão realizados os comboios que se revelarem possíveis.

5.3 Serviço Regional
Serão realizados os comboios que se revelarem possíveis.

6. Eixo LISBOA/ALENTEJO
Serão realizados os Comboios Inter-regionais e Regionais que forem possíveis.

7. LIGAÇÕES INTERNACIONAIS
Serão asseguradas todas as ligações internacionais, com excepção da ligação Porto-Vigo, que será suprimida neste período.

8. RESTANTES LIGAÇÕES DE LONGO CURSO
Nos restantes itinerários de Longo Curso serão asseguradas as ligações possíveis.

9. SERVIÇOS SUBURBANO

9.1 Zona suburbana de Lisboa

9.1.1 Linha de Sintra
Serão realizados, com algumas supressões pontuais, os comboios com origem e destino em Sintra e Cacém.
O Serviço Ferroviário será complementado por Rodovia com origem e destino de Amadora (Câmara Municipal) e de Queluz (Estação) ambas em direcção à Estação do Metropolitano do Colégio Militar e vice-versa e de Cacém (Estação) em direcção ao Marquês de Pombal e vice-versa.
Entre as 21.00h e as 02.30h haverá igualmente um transporte complementar Rodoviário entre Lisboa-Rossio (Teatro D. Maria II) e Sintra, caso se justifique.
Todos os comboios têm paragem em Campolide.

9.1.2 Linha de Cascais
Prevê-se que seja praticado, com algumas supressões pontuais, o horário dos comboios que vigora aos Domingos.
Todos os comboios têm paragem em Santos.
A CP desenvolve também a partir das 06.00 horas e até às 21.00h um esquema rodoviário complementar com origens e destinos em:
Cascais
S. Pedro
Parede
Carcavelos
Oeiras
Paço D'Arcos
Cais do Sodré

9.1.3 LISBOA-AZAMBUJA
Prevê-se a realização do serviço normal.

9.1.4 BARREIRO-SETÚBAL-PRAIAS DO SADO
Prevê-se a realizaçção de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões nomeadamente na ponta da manhã.

9.1.5 VIA FLUVIAL
(LISBOA-T-BARREIRO)
Será praticado o serviço normal.

9.1.6 CACÉM-TORRES VEDRAS
Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões nomeadamente na ponta da manhã.

9.2 Zona suburbana do Porto

9.2.1 PORTO-MARCO, PORTO-GUIMARÃES, PORTO-BRAGA E PORTO-AVEIRO
Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

9.2.2 PORTO-PÓVOA
Prevê-se a realização de parte do serviço normal, o qual será complementado por rodovia com origem e destino em Póvoa do Varzim e Porto-Boavista (Cemitério de Agramont), entre as 05.00h e 10.30 horas.

9.3 Zona suburbana de Coimbra
(COIMBRA-FIGUEIRA DA FOZ E COIMBRA-SERPINS)
Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

10. Solicita-se aos Senhores Passageiros que contactem as Estações ou Secções de Informações da CP para a obtenção de esclarecimentos complementares sobre a evolução dos serviços a prestar.

90 Abril 11

Informação divulgada pela Divisão de Relações Públicas

Caminhos de Ferro Portugueses

EDITORIAL

O 25 de Abril visto de fora

continuação da pág. 1

quase sempre, de uma maior liberdade do que uma agência noticiosa, obrigada a satisfazer uma pluralidade de clientes.

Argumenta-se que, nalguns casos, a presença do enviado especial é meramente simbólica e o seu papel se reduz a criar a ilusão de um acesso directo ao acontecimento. Seria o caso, por exemplo, do jornalista que segue em directo as cerimónias públicas que são simultaneamente objecto de transmissão directa por via televisiva. Esse reporter encontra-se - poderá argumentar-se - em posição de inferioridade perante o telespectador que terá, ele sim, e só ele, acesso à integralidade da (tele-)cerimónia (Katz/Dayan).

Os acontecimentos recentes da Roménia preveniram-nos contra a aparente inocência das imagens directas de «informação em estado bruto». As manipulações de Timisoara mostraram que a presença de um «enviado especial», mesmo que não se trate de um conhecedor profundo do País em causa, nem de um especialista em política internacional, tem um valor testemunhal próprio e insubstituível.

As reportagens, crónicas e comentários republicados (desta vez, em língua portuguesa) traduzem a perspectiva de jornalistas que, na maior parte dos casos (Marcel Niedergang, por exemplo, era uma excepção), se confrontavam, pela primeira vez, com Portugal, país esquecido pela Imprensa internacional que, tal como hoje, nos observava, de longe, na melhor (ou na pior?) das hipóteses a partir de Madrid.

Relidos a mais de uma década de distância, esses textos, além do sentimento de nostalgia que possam suscitar, revelam também a imperfeição própria do «imediatismo» com que foram redigidos (o jornalismo, por mais que o queira, nunca chega a constituir-se em «história imediata»...). Alguns dos seus autores nem se reconhecerão já nesses testemunhos, que não escaparam, nem poderiam ter escapado, às suas «grelhas» culturais , nem às suas datas ideológicas. Outros, como, por exemplo, Dominique Pouchin, já se distanciaram, publicamente, do seu vanguardismo da época. Mas o que permanece interessante nessas reportagens é - como escreveu o próprio Pouchin no sua autocrítica de 1984 - aquilo que nelas reflecte esse « olhar (que) se dedica a perturbar o pensamento» ou esses «factos (que), pouco a pouco, confundem as ideias».

Dezasseis anos depois, convidámos enviados especiais e correspondentes estrangeiros de 1974-75 a revisitarem a Revolução dos Cravos e a confrontá-la com o Portugal dos anos 90, onde as jornadas revolucionárias de Abril são já um ponto de referência longínquo. Parafraseando um historiador célebre, estamos muito longe da Revolução do 25 de Abril , mas vivemos no mundo que ela nos abriu.

M. M.

Na quinta-feira

Judas apresenta crítica às teses oficiais do PCP

José Luís Judas fará na tarde da próxima quinta-feira, em Lisboa, a apresentação pública do seu documento crítico das teses oficiais do PCP ao congresso extraordinário de Maio.

À iniciativa do conhecido dirigente sindical, que entrega previamente o documento aos órgãos partidários, aderem, segundo apurou o «DL», diversos militantes comunistas conotados com os chamados sectores críticos.

«Judas não solicitou apoios, para que a sua atitude não configure uma situação de fracção», revelou a nossa fonte, admitindo que o documento possa ser mais tarde levado pelos seus apoiantes à discussão nas estruturas partidárias. Não estará excluida, por outro lado, a possibilidade de solicitar a publicação n'«o diário» ou mesmo no «Avante!».

José Luís Judas: documento individual não agrada a todos os «críticos»

Depois de Álvaro Cunhal, no passado dia 5, ter rejeitado liminarmente a possibilidade de o texto de Judas ser analisado enquanto tal pelo partido («o PCP não responde a documentos avulsos» - disse), nem todos os sectores «críticos» vêem com bons olhos a atitude do dirigente da CGTP..

Grande parte dos membros da Terceira Via reconhece-se no documento, pelo que estará, quinta-feira, ao lado do seu autor, na sessão pública de apresentação. Já Vital Moreira, sondado pelo nosso jornal, não revelou o seu posicionamento, limitando-se a um lacónico «não tenho comentários a fazer».

Paulo Martins

PS censura 100 dias do ministro da Saúde

Os primeiros 100 dias do novo ministro da Saúde foram esta manhã alvo de crítica do PS, que considera ter sido possível fazer mais, dada a margem de manobra de que o Governo dispunha.

Correia de Campos, delegado do PS para a área da Saúde, afirmou em conferência de imprensa ser tanto o desagrado pela actuação de Leonor Beleza que «bastaria fazer pouca coisa para que muito parecesse».

Na óptica dos socialistas, o essencial era melhorar o acesso dos cidadãos às consultas médicas e aos medicamentos, reforçar o orçamento da Saúde, aumentar a eficiência dos serviços e publicar as contas do Serviço Nacional de Saúde que desde 1985 não são apresentadas.

«O Governo nada disso fez. Em contrapartida tem consumido a sua imagem na comunicação social, procurando impor o 'charme' nos contactos com a Ordem dos Médicos. Fala em privatizações sem nunca ter divulgado qualquer plano ou estudo prévio e sem que tal estivesse previsto no próprio programa do Governo de 1987».

Correia de Campos salientou que o novo ministro e o Governo nada fizeram para atenuar a penúria orçamental da Saúde e que «bem pelo contrário, anunciam-se meses com verbas ainda mais apertadas».

Segundo o PS, o Governo deixou também cair a política de saúde mental, manifestando um optimismo «pouco consciente» face aos problemas da toxicodependência.

«Nada preparou também sobre a regulamentação do sector privado, parecendo ter cedido à Ordem dos Médicos na questão das convenções e preparando-se para esquecer uma das poucas medidas correctas de Leonor Beleza, que era o princípio da não acumulação na mesma pessoa da medicina convencionada e da medicina no âmbito do SNS», afirmou Correia de Campos.

Dâmaso apresentou moção alternativa à de Mota Amaral

A moção de estratégia a apresentar por Álvaro Dâmaso ao próximo congresso do PSD/Açores coloca o acento tónico na problemática da economia regional, definindo, de acordo com o seu autor, «caminhos para uma progressiva autonomização».

No documento subscrito por cerca de 300 militantes, ontem entregue ao presidente do Congresso, Raul Gomes dos Santos, o dirigente social-democrata alinha uma interpretação do momento político diferente de Mota Amaral, o líder histórico do partido no arquipélago, que pela primeira vez enfrenta moções alternativas.

Dâmaso privilegia a questão económica em detrimento da institucional.

Nesta medida, segundo afirmou esta manhã ao «DL», preconiza um relacionamento com o poder central «com menor crispação e mais resultados». Propõe, inclusivamente, a criação de uma Lei Quadro de Relacionamento Financeiro e o desenvolvimento, pelo Governo da República, de um diploma sobre a exploração do tráfego aéreo e marítimo, já em análise. Em causa, neste particular, o raio de acção da TAP.

O antigo secretário-regional da Economia dos Açores, que no que concerne à orgânica interna do partido se limita a defender a criação de um gabinete de apoio autárquico, considera que, na sua moção de estratégia, «Mota Amaral fala muito do passado e pouco do futuro». Sublinha, porém, não ser sua intenção pôr em causa a liderança: «não se trata de uma moção de censura».

Fechado -ontem - o prazo de apresentação de moções ao congresso regional do PSD, a realizar entre 27 e 29 deste mês em Ponta Delgada, também os jovens social-democratas avançam um documento, subscrito pela respectiva Comissão Política Regional.

P.M.

Durante a vigília pascal

Cardeal-patriarca evoca baptismo

«A noite da vigília pascal é a noite baptismal por excelência. Não se trata apenas de evocarmos a data longínqua em que fomos baptizados. Trata-se, sobretudo, de reassumirmos a frescura original da graça do nosso baptismo. Trata-se de partilharmos, efectivamente, a vida de Jesus ressuscitado, de conformarmos a nossa conduta moral com a dignidade de filhos de Deus e de membros do Corpo de Cristo», considerou o cardeal-patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, na vigília pascal que decorreu na Sé da capital.

Vítor Melícias e a TV da Igreja

Entretanto, em entrevista que concedeu ao programa da Antena 1, «Nem mais, nem menos», o padre Vítor Melícias disse existirem «suficientes instrumentos legais que possibilitam à Igreja ter um canal seu, se não completamente seu, pelo menos um espaço que lhe permita transmitir um direito fundamental que é o de transmitir a sua mensagem».

A sua opinião relativamente às formas de acesso aponta para a constituição de «um sector social em que se deveriam colocar todas as instituições que não são nem Estado nem sector privado lucrativo e a teriam acesso através de um concurso público, em igualdade de circunstâncias com as proporções devidas».

Anders Bjorck discute Leste

O papel do Conselho da Europa face às modificações políticas da Europa Central e de Leste, após a reunião do comité de ministros dos Negócios Estrangeiros que decorreu em Lisboa no mês passado, é um dos temas que o presidente da assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, Anders Bjorck, discute hoje com o presidente do Parlamento português, Vítor Crespo, e com o ministro João de Deus Pinheiro.

João Soares adia posse

João Soares assumirá no dia 25 o cargo de vereador do pelouro da Cultura, na Câmara Municipal de Lisboa, soube o DL junto de fonte próxima daquele dirigente socialista. Apesar de ter sido anunciado que o «número de três» da coligação «Por Lisboa» entraria hoje ao serviço no município lisboeta, João Soares só deverá iniciar as suas funções de autarca dentro de duas semanas. Até lá continua a recuperar do acidente que sofreu na Jamba.

Deputados visitam Madeira

Com o intuito de fazer o ponto da situação sobre assuntos relacionados com o Trabalho, Segurança Social e Família os membros da respectiva comissão da Assembleia da República visitam hoje a Madeira para reuniões com entidades regionais ligadas aos assuntos sociais.

Coimbra analisa orçamento

A Assembleia Distrital de Coimbra analisa hoje uma proposta do governador civil sobre as aplicações a dar ao Orçamento, que este ano ascende a 80 mil contos. Jaime Ramos disse à agência Lusa que na sua proposta está destinada uma verba de 5250 contos para estudos de consultadoria referentes à planificação de acções de desenvolvimento no distrito.

Novo comandante em Macau

O tenente-coronel Martins Dias foi ontem nomeado segundo comandante interino das Forças de Segurança de Macau. Martins Dias substitui no cargo o coronel Rola Pata, que terminou no passado dia 4 a sua comissão de serviço no território, por proposta de Governador Carlos Melancia que atingiu também o chefe do Estado Maior, coronel Nuno Roque. O comandante das FSM, coronel Proença de Almeida, que havia reiterado a sua confiança nestes dois oficiais, solicitou, por sua vez, a exoneração. O cargo de chefe do Estado-Maior das FSM não foi ainda preenchido, enquanto o cargo de comandante das FSM será extinto na nova versão do Estatuto Orgânico de Macau que a Assembleia da República votará amanhã.

FORUM

ANGELUS, ANGELUS, ANGELUS

Inquirido sobre os motivos pelos quais não quis liderar, no Congresso do PSD, nenhuma lista alternativa à lista do actual presidente do partido, o sr. eng. Ângelo Correia, que normalmente dá três razões para tudo quanto faz, afirmou, a um vespertino lisboeta, simplesmente:

— Além de tudo mais, por falta de disponibilidade de tempo. Não quero fazer política a «full-time». Não é, ainda, a altura de o fazer e não tenho condições para o poder fazer. De momento, eu não podia tomar outra atitude que não fosse a lealdade, crítica, mas celeridade nas decisões.

Vinda do sr. eng. Ângelo Correia, esta afirmação é preocupante por três motivos.

Primeiro, o sr. eng. Ângelo Correia confirma uma divulgada apreensão: a de que faz política em «part-time».

Segundo, o sr. eng. Ângelo Correia confirma uma generalizada preocupação: a de que não faz política em «full-time».

Terceiro, o sr. eng. Ângelo Correia confirma uma estabelecida ponderação: a de que tudo isto se passa fazendo o sr. prof. Cavaco Silva política em «full-time».

E aqui, justamente aqui, importa colocar três perguntas.

Sendo esta a *primeira*: o sr. eng. Ângelo Correia faz política em «part-time» porque o sr. prof. Cavaco Silva faz política em «full-time»?

Sendo esta a *segunda*: o sr. prof. Cavaco Silva faz política em «full-time» porque o sr. eng. Ângelo Correia faz política em «part-time»?

E sendo a *terceira* esta: o sr. prof. Cavaco Silva terá falta de disponibilidade de tempo para fazer política em «full-time» imediatamente antes ou imediatamente depois do sr. eng. Ângelo Correia ter, ele, disponibilidade de tempo para fazer política em «full-time»?

Perguntas que, naturalmente, desencadeiam três questões.

Uma: sabendo-se que o sr. eng. Ângelo Correia não liderou, no Congresso do PSD, uma lista alternativa à lista do actual presidente do partido, e não liderou por falta de disponibilidade de tempo, *«além de tudo mais»*, pergunta-se: *tudo mais* quê?

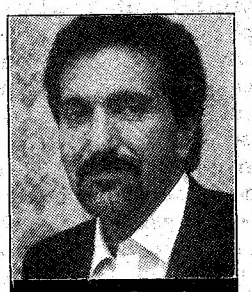
Duas: sabendo-se que o sr. eng. Ângelo Correia não quer fazer política em «full-time», não por três motivos, mas por dois, *primeiro*, porque não é, ainda, altura de o fazer, *segundo*, porque não tem condições para o poder fazer, pergunta-se: a) que é que o sr. eng. Ângelo Correia faz, se, sendo embora altura de o fazer, não tiver, ainda, condições para o fazer?; b) faz o quê, o sr. eng. Ângelo Correia se, tendo embora já condições para o fazer, não for, ainda, altura de o fazer?

Três: sabendo-se que o sr. eng. Ângelo Correia, por todos estes motivos, não podia tomar outra atitude que não fosse a lealdade, que outra atitude tomará o sr. eng. Ângelo Correia, quando não subsistirem todos estes motivos, a não ser a lealdade?

Questões estas que, obviamente, impõem três perguntas.

Significa isto, *primeiro*, que a lealdade do sr. eng. Ângelo Correia existe independentemente do facto de o sr. Eng. Ângelo Correia fazer política em «part-time»?

Ou significa, *segundo*, isto, que a lealdade do sr. Ângelo Correia existe dependentemente do facto do sr. eng. Ângelo Correia não poder fazer, de momento, além de tudo mais, se não política em «part-time»?



Artur Portela

Ou, ainda, *terceiro*, significa isto que o sr. eng. Ângelo Correia sente não ser, ainda, a altura de fazer, até porque não tem condições para isso, em termos de lealdade ou em quaisquer outros termos, outra coisa que não seja, ainda, se não, de momento, na celeridade de decisões que se impõe, além de tudo mais, política em «full-time»?

Inquirido, pelo mesmo vespertino, sobre o que quer quanto às eleições de 91, o sr. eng. Ângelo Correia respondeu:

— Quero a vitória!

Esta resposta final coloca, ela, manifestamente, três questões.

Uma: vitória, em 91, de quem?

Duas: vitória, em 91, de quê?

Três: vitória, em 91, claro, mas a começar quando?

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa , Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

FORUM

ESCRITORES SUBSÍDIOS E ELEIÇÕES

Em vésperas de eleições, que prometem agitação, uma vez que se apresentam duas listas (julgo o facto inédito, o que é animador), acho útil dizer duas palavras sobre a Associação Portuguesa de Escritores (APE) em resultado de dois anos de trabalho que nela prestei.

O impacte da APE na massa associativa é geralmente pequeno, se entendermos que uma associação deve proteger os interesses da classe que representa, terçar armas por ela no terreiro público quando é preciso, com isso correndo os inevitáveis riscos de oposição, censura e represálias da tribo hostil.

A APE tem dois problemas graves, que lhe atam as mãos: o humano e o financeiro. O segundo é fácil de entender: não há rendimentos próprios (exceptuando as quotas, que não chegam para o sabonete), significando isto que as sucessivas direcções investem um capital de trabalho excessivo em arranjar dinheiro para a subsistência; não lhes sobra tempo para se inteirarem do IRS que desce e sobe, nem das propostas de lei do Governo para regulamentar a televisão, que passam pura e simplesmente uma esponja por cima dela, como se os escritores não existissem. Tudo isso fica à porta do número 17 da Rua de S. Domingos à Lapa, não chega à mesa das reuniões, porque nas reuniões se estudam quase unicamente as maneiras de arranjar dinheiro para pagar as contas. Na direcção anterior, a APE teve de declarar publicamente o estado de falência, tendo sido salva por Mário Soares. Na actual direcção, houve dinheiro, ganhou-se com o suor do rosto - mas para quê?

Note-se que quero dizer o que está mal por me sentir no dever de contribuir para que a APE mude de rosto, e nada mais. Mas para a APE mudar de rosto é preciso que o dinheiro não venha de onde vem em grande parte: do Estado, através de subsídios da SEC, por exemplo. Qual é o mal? - perguntam. O Governo até tem a obrigação de dar mais, se não dá o bastante! Se o Governo desse seis mil contos por ano, a APE já podia produzir cultura e defender os que a produzem, em vez de se limitar a procurar árvores das patacas ou a coroar com prémios os que já se sabe que os vão ter, mesmo sem ser preciso ler as obras. Porque estas, antes de serem premiadas pela APE, já foram anteriormente premiadas pelos jornais, não é verdade? Quero dizer: a APE não se arrisca, salvo nos Prémios de Revelação, a ter a primeira palavra. Fala em último lugar, quando já não há perigo de levantar borrascas. De onde, não funciona como líder de opinião, pelo contrário.

Mas o problema dos dinheiros do Estado é o de que a APE fica na dependência dele, sem ousar um «ai!» quando lhe pisam os calos, quando os escritores são humilhados pelas leis, quando lá fora o mundo vibra, lateja, é preciso lutar contra os males gerais, criticar as actuações dos ministérios, mesmo quando nada têm a ver com best-sellers nem com a poesia mais ou menos lírica. Mas têm a ver com o ambiente, com as casas impossíveis que se constroem na cidade, com os esgotos, com os cães e com os gatos, com tudo o que diz respeito ao homem, e, por dizer respeito ao homem, necessariamente diz respeito ao escritor. A APE é um palácio de cristal, uma torre de marfim, que o mundo não toca o mundo. Bem comportada, não bebe o café pelo pires, usa gravata, ripa o cabelo, não herdou nem uma nódoa de tinta de Almada Negreiros e nem um simples pontapé do surrealismo. Mais académico, só Júlio Dantas. Mais virginal e cândida, só a Imaculada Conceição. É claro que os governos deviam ser suficientemente nobres, evoluídos, altruístas, para darem sem esperar a retribuição do silêncio, da conivência ou da vassalagem. Assim como quem passa um cheque em branco, sabendo que a missão do escritor é também intervir no destino da nação de uma forma crítica, interessada, veemente. Mas nem a APE morde a mão de quem lhes dá de comer, nem quem lhe dá de comer fica alegremente à espera de ser mordido.

Não sei quem vai vencer as eleições. Haja programas e vença o melhor. O melhor programa, entretanto, terá de ser aquele que descubra a maneira de sobreviver fora de pactos com os governos. Só quando a APE tiver voz livre é que ganhará força, e só nessa altura estará apta para satisfazer as legítimas aspirações da classe que representa.

Maria Estela Guedes

INTERNACIONAL

Congresso pretende contrapôr maiores cortes

EUA vão efectuar redução dos efectivos militares

Do nosso correspondente em Washington

O exército norte-americano sofrerá uma redução de 275 mil homens nos próximos sete anos, de acordo com uma proposta apresentada pelo secretário da Defesa, Richard Cheney, e que acaba de ser aprovada pela respectiva hierarquia militar. A revelação é feita, em primeira mão, pelo «Washington Post», o qual especifica que os referidos cortes irão afectar, não apenas o número de militares no activo, mas também 34 programas não especificados de compra de armas.

O Plano Cheney prevê a redução no número de militares no activo no exército de 764 para 580 mil homens, até 1997. Paralelamente, o actual efectivo na reserva e da Guarda Nacional descerá dos actuais 776 para os 645 mil. Com estes cortes, as chefias militares esperam poder manter o financiamento necessário para treino de tropas, por forma a manter o estado de prontidão para combate e a atrair melhores recrutas para um corpo militar todo ele constituído por voluntários.

Por outro lado, as decisões agora tornadas públicas permitirão a manutenção dos principais programas de modernização, ao nível do armamento, nomeadamente no que diz respeito à substituição dos tanques «Abrams». Anteriormente, Cheney havia proposto o congelamento do programa, após a substituição dos primeiros oito mil, o que aconteceria em 1993. Desta feita, é convicção de que o referido congelamento deixa de ter razão de existir. Os generais norte-americanos defendem que o exército do futuro terá necessidade de tanques fortemente blindados, equipados com armas com alto poder perfurante, mesmo que a ameaça dos blindados soviéticos na Europa fique reduzida.

A «batalha» de Capital Hill

As medidas avançadas correspondem, segundo fontes citadas pelo «Post», à maior fatia de reduções contidas no orçamento do Departamento da Defesa 1992/97, que será submetido à apreciação do Congresso, em finais deste ano ou, o mais tardar, no início de 1991. Os militares aprontam, assim, atempadamente para a batalha política que então se irá travar em Capitol Hill, onde uma maioria democrática irá vender caro eventuais concessões.

Sabe-se, a priori, que o Congresso irá contrapropor maiores cortes dos que os que estão contidos no Plano Cheney, que propõe uma redução orçamental de dois por cento ao ano, descontada a inflação. Ora, s democratas e alguns congressistas republicanos considerados influentes, acham que o secretário da Defesa está apenas a manter os cortes anteriores às alterações a que se tem assistido no Leste europeu. Em Capitol Hill, fala-se em tirar o máximo proveito do que habitualmente se designa por «dividendo da paz», levando a travagem a situar-se entre os três e os cinco por cento no sector militar, aplicando-se o diferencial no atenuamento do défice e em projectos nacionais de alcance social.

De acordo com o Plano Cheney, o actual orçamento para o exército, que ronda os 74 biliões de dólares, seria reduzido para 73 biliões, quedando-se em 1977, nos 76 biliões. Comparativamente, o programa fiscal ainda em vigor e preaprado ainda durante a administração, Reagan, previa que o orçamento militar atingisse os 94 biliões, em 1994.

Filipe Vieira

Lituânia não cede às ameaças de Moscovo

Os dirigentes lituanos estão determinados a não cumprir o ultimato de Moscovo para que a declaração unilateral de independência da república seja revogada, apesar da ameaça de bloqueio económico.

O vice-primeiro-ministro da Lituânia, Romualdas Ozolas, afirmou a noite passada na televisão, na altura em que expirou o prazo de 48 horas dado por Moscovo, que o Presidente e o primeiro-ministro se reunem hoje para estudar a resposta a dar ao líder soviético, Mikhail Gorbachev, sobre o ultimato.

Ozolas disse também que a vizinha república da Estónia iria nomear hoje um embaixador para a Lituânia e que esta iria proceder de forma recíproca.

Entretanto a Frente Popular da Estónia condenou as ameaças do Kremlin contra a Lituânia e apelou a população de todas as repúblicas bálticas para se unirem e «lutarem em conjunto pela liberdade».

De referir que, ontem, o Papa João Paulo II rezou pela paz na Lituânia, e, durante a mensagem da Páscoa, disse esperar que as aspirações de independência da república báltica sejam resolvidas através do diálogo.

Por outro lado, o Presidente soviético acedeu a dialogar com a Estónia, antes de iniciar negociações formais para o estabelecimento da independência daquela república báltica.

Esta declaração foi feita pelo presidente do Soviete Supremo da Estónia, Arnold Ruutel, no final de uma reunião com Gorbachev.

Índia: cem mortos em incêndio

Pelos menos cem mortos e dezenas de feridos é o balanço provisório de um grande incêndio que deflagrou esta manhã num comboio de passageiros na região de Bihar, no Leste da Índia. «Parece que o comboio estava superlotado», informou um porta-voz da companhia dos caminhos de ferro. Segundo uma autoridade local, já foram encontrados cerca de 80 cadáveres, calculando-se que haja, no mínimo, mais vinte mortos entre os destroços.

A causa do sinistro, segundo os bombeiros, foi a explosão de um cilindro de gás liquefeito transportado por um dos passageiros.

Alemanha mais próxima da unidade

Da nossa correspondente em Bona

Pela primeira vez em 40 anos, o adjectivo «democrática» no nome da República Democrática Alemã encontra justificação na realidade política deste Estado: desde a quinta-feira passada existe em Berlim Leste um governo legítimo, livremente eleito pela população oprimida por uma ditadura comunista durante quatro décadas, por sua vez precedida por 12 anos de regime terrorista Nacional-Socialista. Uma maioria parlamentar aprovou a composição do Governo de coligação chefiado pelo dirigente da União Cristã Democrata, Lothar de Maizière. Antes, porém, a presidente do Parlamento, Sabine Bergmann-Pohl (CDU), leu uma declaração solene da Assembleia Popular, na qual, em nome do povo, os deputados reconheceram a responsabilidade também da Alemanha do Leste pelo genocídio dos judeus perante a era nazi, pelos sofrimentos inflingidos à população da Polónia durante a Segunda Guerra Mundial, e pela opressão e perseguição de que foram vítimas os checoslovacos, após a intervenção brutal das tropas do Pacto de Varsóvia na Primavera de Praga, em 1968.

Esta declaração foi particularmente bem recebida pelos governos dos países em questão, nomeadamente Israel, Polónia e Checoslováquia. O presidente do Conselho Central de Judeus na Alemanha, Heinz Galinski, mostrou-se especialmente comovido com a declaração parlamentar. Sob o regime comunista, a RDA recusara-se sempre a reconhecer a culpa dos alemães do Leste pelo genocídio judeu, já que se partia do princípio teórico de que os nazis nada tinham a ver com o Estado dos Trabalhadores e Agricultores, onde regiam os perseguidos por Hitler. Pela mesma lógica os herdeiros da culpa pelos crimes cometidos na era nazi encontravam-se todos na Alemanha Ocidental.

Numa primeira declaração prestada ao Parlamento, o primeiro-ministro, Lothar de Maizière agradeceu ao Governo de transição chefiado por Hans Modrow, do Partido do Socialismo Democrático (PDS), no qual participaram, na forma de uma mesa redonda, representantes de todos os partidos e movimentos da RDA, o bom trabalho levado a cabo sob condições difíceis num período de crise e de insegurança. Aos deputados, Mazière prometeu que o seu governo tentará resolver os problemas que agora enfrenta com «confiança, moderação e responsabilidade social».

A influência do SPD

A declaração governamental só será, no entanto, tornada pública na próxima quinta-feira, dia 19 de Abril. Nela o primeiro-ministro voltará a fazer referência ao contrato governamental assinado na quarta-feira da semana passada pelos sete partidos que formam a coligação. O objectivo primordial do Governo, segundo estes contrato, é conduzir a RDA à unificação com a RFA na base do - já famoso - artigo 23 da Lei Fundamental. A influência do Partido Social Democrata é evidente no ponto seguinte, ou seja; a garantia do direito ao trabalho, à educação e à habitação pela nova Constituição de uma Alemanha unida. Igulamente garantidas deverão ser as relações de propriedade conforme existentes actualmente na RDA. Muitos proprietários no Leste receiam que após a reunificação, cidadãos hoje residentes na República Federal reivindiquem a posse de bens que lhes pertenciam, ou às suas famílias, num passado mais ou menos disntante.

Foto-família do Governo de transição da RDA, chefiado por Lothar de Mazière

O contrato governamental prevê ainda a criação, em simultâneo, de uma união monetária económica e social até ao próximo dia 1 de Julho.

As negociações para um tratado intergovernamental com a Alemanha Ocidental deverão ser encetadas a nível de peritos e ministros logo após a publicação da declaração governamental na próxima semana. O governo da RDA espera que este tratado se baseie no contrato governamental da coligação em Berlim Leste. Esta deixou bem clara a sua intenção de insistir num câmbio das moedas nacionais na relação de 1:1. A proposta do Banco Central da RFA de introduzir uma troca de 2:1 entre o marco do Leste e o marco Ocidental foi rejeitada por todos os partidos, que temem que esta medida atinja duramente os menos privilegiados, nomeadamente os desempregados, os trabalhadores não especializados e os pensionistas.

Segundo o contrato assinado pelos partidos da coligação é ao primeiro-ministro que cabe a responsabilidade pela política alemã. Uma competência de extrema importância, já que deverá começar em breve a chamada conferência «Dois mais Quatro» entre as duas Alemanhas e os quatro aliados vencedores da Segunda Guerra Mundial, cujo início está previsto para o fim de Abril ou o princípio de Maio. Também a RDA rejeitou a proposta recentemente apresentada pela União Soviética sobre uma adesão simultânea da Alemanha Unificada aos dois sistemas de defesa, a NATO e o Pacto de Varsóvia. O governo de Berlim Leste apoia a adesão, pelo menos temporária, da Alemanha Unificada ao Tratado do Atlântico Norte, decisão muito aplaudida pelos Estados Unidos da América. A condição imposta pela RDA é, no entanto, a alteração radical das actuais estratégias de defesa ocidentais. Apesar da rejeição da proposta apresentada pelo ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Edward Shevardnadze, as nações ocidentais directamente envolvidas nas negociações «Dois mais Quatro» não excluem a hipótese de uma permanência das tropas soviéticas no Leste da Alemanha, pelo menos até à criação de novas estruturas de defesa e de segurança na Europa. De qualquer modo, a NATO já prometeu não estacionar os seus soldados para além do que é, ainda, a fronteira entre as duas Alemanhas.

Cristina Krippahl

INTERNACIONAL

Tanto na Grã-Bretanha, como em França, ou em qualquer outro país desenvolvido, o «bolo» cresce, só que as migalhas destinadas aos trabalhadores são desproporcionadas, o que gera um clima social explosivo

O fosso cada vez maior entre riqueza e justiça social

Do nosso correspondente em Paris

O famoso adágio «para dividir o bolo é necessário que ele exista» tem sido declinado em todos os casos e géneros por todos os políticos liberais, desde Delfim Neto, o ilusionista do «milagre brasileiro», a Margareth Thatcher e Cavaco Silva, naturalmente mais inclinados a aumentar a riqueza do que a distribuí-la, mais preocupados com a saúde da economia do que com a justiça social.

Já alguns anos, porém, alguns políticos e economistas de diversas filiações teóricas, e mesmo patrões de grande empresas, têm questionado esse falso dilema, pelo menos no que respeita às economias menos desenvolvidas. Na medida em que a componente «mão-de-obra» tem cada vez menos incidência nos custos de produção, devido à automatização da indústria, a decisão de «não dividir o bolo» não teria efeitos radicais sobre o crescimento do mesmo; pelo contrário, criaria distorções sociais que acabariam por fazer mergulhar num subdesenvolvimento acrescido de economias promissoras, como a brasileira, ao desestimular a sua necessária modernização. Esse liberalismo exacerbado acabaria por criar e generalizar situações de conflito social, como é o caso mesmo em países desenvolvidos como a Grã-Bretanha, onde se assiste a um avançado processo de decomposição social, que se traduz pela marginalização de largas fatias da população. Seguem-se as revoltas, de que os distúrbios provocados pelos novos impostos locais são um bom exemplo, a que se podem associar muitas outras manifestações de «hooliganismo» a que, infelizmente, os britânicos nos ha-bituaram.

A esses aspectos tristemente famosos desse falso dilema do bolo e das fatias, o último «Sunday Times» acaba de acrescentar um outro, que passa muitas vezes despercebido. É que na realidade, enquanto não é dividido, não é só o bolo que cresce: algumas fatias, servidas por debaixo da mesa a alguns privilegiados, crescem também. Segundo o «Times», que não pode ser considerado um folheto esquerdista, só no ano passado os 200 britânicos mais ricos teriam amealhado mais 10 bilhões de libras, elevando para 48 bilhões de libras o valor total das suas fortunas, o que corresponde a 9,4% do produto interno bruto britânico.

A Grã-Bretanha não é uma república das bananas, nem uma ditadura militar, comenta o «Times», no entanto a composição social desse grupo de 200 nababos revela algumas coincidências curiosas: 104 dentre eles dispõem dessa fortuna por herança, e essas fortunas, constituídas em grande parte por bens imóveis, são consideravelmente mais sólidas do que as dos «self-made men», cujas companhias nem sempre escapam a um desaire comercial. São mais sólidas, mas incomparavelmente menos interessantes para o país, pois não se traduzem em exportações. Para acentuar ainda mais esse aspecto vem o facto de, desses 200 milionários britânicos, 54 serem aristocratas (incluindo a rainha que dispõe da maior fortuna, avaliada em 6,7 bilhões de libras), de 25 terem servido como oficiais no mesmo regimento e de 35 terem frequentado a mesma escola (Eton, para os candidatos...).

O liberalismo desenfreado acabou por criar situações de conflito social aberto. Na foto, elementos da Polícia britânica e membros do Partido Conservador manietando um manifestante enfurecido contra o recente imposto camarário instituído por Thatcher

Desigualdades aumentaram também em França

Esse pendor aristocrático das elites do dinheiro é certamente característico da Grã-Bretanha. Mas na França, cujo Governo socialista organizou no ano passado as comemorações dos 200 anos da Revolução Francesa, muitas vozes se têm elevado também para que a palavra «igualdade» não desapareça da mente dos governantes, para ornar apenas as fachadas dos edifícios públicos. A conclusão de um relatório recentemente divulgado pelo Centro de Estudo dos Rendimentos e Custos é inequívoca: as desigualdades aumentaram em França desde o início dos anos 80, quando precisamente François Mitterrand foi eleito Presidente da República.

Em 1988 10% dos assalariados dos melhor remunerados ganhavam mais de 13 600 francos por mês. Os 10% menos favorecidos não alcançavam os 4200 francos. A relação entre esses duas cifras é portanto de 3,20, contra 3,09 em 1984. No que respeita à abertura do leque de salários (pelo menos entre essas duas categorias) o ano de 1984 marca assim o fim de um longo período, durante o qual o leque salarial vinha a fechar-se progressivamente, sob as presidências de Georges Pompidou e Valéry Giscard d'Estaing, que, sob esse ponto de vista, como observa a revista «L'Expansion» até parecem «esquerdistas»... E essa inversão de tendência é tanto mais significativa quanto a massa salarial se tem mantido constante. Resumindo: o bolo não aumentou, as fatias é que foram sendo cortadas menos equitativamente, tendência que se acentua quanto mais alto se subir na escala dos salários. Enquanto os menos favorecidos recebem menos em termos reais de 1986 a 1988, os salários do grupo de 1% dos mais favorecidos aumentaram, nesse mesmo período, de 4,4%. Finalmente, para agravar a questão, é hoje público e notório que os rendimentos do capital progrediram de forma significativa face à estagnação dos rendimentos do trabalho.

Muitos outros estudos confirmam esta tendência do fundo, nomeadamente os que associam aos dados de rendimento bruto os das cotizações sociais, e sobretudo os da fiscalidade, cujo papel na redistribuição da renda pelo Estado - tradicional instrumento social-democrata - não parece suficiente para contrabalançar o peso das desigualdades geradas pelo mercado de trabalho e pela prosperidade da bolsa e do mercado imobiliário.

Uma diferença bastante notória

Diante desta realidade a questão que os socialistas têm posto é a de saber se, no que respeita à justiça social, e mais particularmente a distribuição da riqueza, existe uma diferença clara entre um programa liberal e um programa social-democrático.

Obviamente este tipo de debate é sempre falacioso, e no caso bastaria evocar a nova lei dos impostos locais de Margareth Thatcher para constatar que essa diferença é bastante perceptível. Tanto mais que o Governo francês prepara também actualmente uma reforma da fiscalidade local. São, porém, os próprios socialistas franceses a se interrogarem sobre a questão das desigualdades em França, porque essa pergunta é legítima.

O Governo de Michel Rocard não nega a evidência, sobretudo no que respeita à remuneração do capital, mas invoca em sua defesa o facto inegável de que a mais grave desigualdade é hoje a que se refere ao direito ao trabalho: o drama do desemprego.

Ora hoje em França ninguém põe em causa que a criação de postos de trabalho exige empresas (patrões e empresários...) saudáveis, bem capitalizadas, competitivas - para as quais um excesso de tributação seria mortal.

Mas, respondem os detractores do Governo, afinal essa defesa não consiste precisamente em aceitar que a justiça social já não pode ser alcançada por via da justiça fiscal?

Para estes últimos a própria criação de um Ministério da Solidariedade seria a tradução, em termos de organigrama governamental, dessa desistência. Incapaz de reformar a sociedade o Governo socialista contentar-se-ia com a tentativa de atenuar as consequências negativas impostas pela prosperidade capitalista sobre cada vez mais largas franjas da sociedade. Face a uma série de medidas de carácter social recentes, de iniciativa governamental, esta conclusão seria no mínimo injusta e desmesurada.

Margem de manobra estreita

Na realidade, na véspera do grande «mercado de 93», da libertação dos movimentos de capitais, a margem de manobra do Governo é estreita, tanto mais que a carga fiscal na França é já pesada, mais pesada por exemplo do que na Alemanha Federal, no que respeita ao capital.

Assim, do ponto de vista estritamente fiscal, a resposta a essa inquietação socialista consistiria talvez na redução dos impostos sobre os pequenos rendimentos, mais do que no aumento da tributação dos grandes. Acontece que essa medida, que tem sido aplicada recentemente, exactamente por ser mais eficaz, priva o Estado de importantes recursos, e limita assim a sua capacidade de intervenção.

Para evitar o reavivar da carga histórica e ideológica de que a ideia de «fazer pagar os ricos» é portadora, os socialistas «realistas», agrupados em torno do primeiro-ministro, caminham para outras soluções.

Em termos fiscais tentam aprofundar a noção de «eficácia social» da fortuna, que funcionaria como critério para definir o nível de tributação, e avançam a ideia de calcular o índice de tributação sobre as heranças em função do património do interessado.

Por outro lado, contestam a ideia «arcaica» e redutora de uma sociedade radicalmente dividida entre ricos e pobres. Inserindo o esforço de justiça social através de medidas que beneficiam importantes categorias da população, que são fruto da evolução demográfica, social e económica dos últimos vinte anos, como a dos jovens, dos reformados, dos desempregados, etc., procuram simultaneamente avivar a mobilidade social.

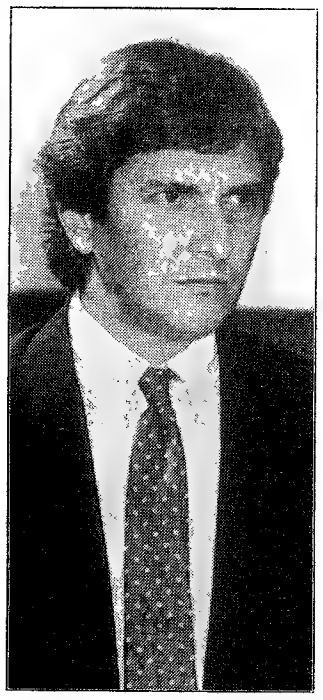
Esta seria a forma renovada do ideal de «igualdade de oportunidades para todos», adequada ao compasso exigido pela economia mundial.

Resta saber se politicamente a eficácia rende mais dividendos do que o culto dos inabaláveis sonhos de igualdade, num país onde as elites do capital fintaram todas as tentativas de reforma, e mesmo em muitos casos a Revolução, e ostentam despudoradamente as suas gordas fatias diante das migalhas alheias.

Pedro de Souza

Com a esquerda perplexa e a direita indignada

Collor entra no segundo mês com Plano aprovado



Collor de Mello

Da nossa correspondente no Rio de Janeiro

O Brasil entra hoje no segundo mês do Governo Collor. Foram 30 dias tão tumultuados e cheios de surpresas, que não há brasileiro que não estremeça ao pensar no que o espera ao longo dos próximos 1720 dias que restam do mandato. A ameaça da hiperinflação foi momentaneamente afastada, é verdade, mas palavras como «recessão» e «depressão» andam circulando com inquietante frequência no noticiário; a moeda mudou, o dinheiro sumiu, a troca directa de mercadorias virou prática comum. Para complicar, o país vive uma tal confusão ideológica, que ninguém sabe mais se é esquerda perplexa ou direita indignada. Em absoluta crise de identidade, o Congresso promoveu intermináveis discussões, sugeriu mais de três mil emendas às medidas provisórias... e aprovou o Plano Collor praticamente como lhe foi enviado pelo Governo.

O principal responsável por esta comédia de enganos foi o PMDB, maior partido do Congresso, que, apostando na tranquila maioria da sua bancada, apresentou um projecto alternativo ao do Governo - e deu com os burros n'água. Dos seus 129 deputados, só 78 votaram de acordo com a liderança. Resultado: um tremendo autogol para a oposição e uma vitória totalmente inesperada para o presidente, cujo minúsculo partido a que pertence, o PRN - Partido Renovador Nacional, não ocupa cinco por cento dos lugares do Congresso. Com o fim das discussões sobre a constitucionalidade das medidas provisórias e com o seu Plano económico devidamente sancionado, Collor está com o campo livre para mostrar a que veio.

O eclipse dos militares

Nestes últimos 30 dias, muita coisa já mudou na vida do país - e alguma coisa mudou para melhor. Os militares, que até ontem se achavam no direito de dar palpites sobre tudo, eclipsaram-se com rara eficiência, para bem de todos e felicidade geral da nação; os ministérios foram reduzidos a metade, dezenas de fundações foram extintas, as mansões e automóveis oficiais foram postos à venda, os preços estabilizaram-se e os brasileiros pararam, enfim, de se preocupar com uma loucura financeira absolutamente neurotizante.

Em compensação, a máquina administrativa parou, emperrada por uma reforma que ninguém consegue explicar; a actividade económica sobrevive apenas de esperança de dias melhores; o fantasma do desemprego tornou-se demasiado real para ser ignorado. A confiança dos cidadãos no sistema bancário foi seriamente abalada e as cadernetas de poupança (cujos montantes acima de 50 mil cruzeiros foram congelados pelo Plano Collor) perderam o prestígio conquistado ao longo de décadas de incentivo e propaganda oficial. Pelo sim e pelo não, todos estão preferindo guardar o dinheiro debaixo do colchão -e, por causa disso, não há moeda circulante suficiente para atender à procura. Num toque surrealista tipicamente brasileiro, a Casa da Moeda tem trabalhado dia e noite, imprimindo novas notas a pleno vapor... no auge de um plano anti-inflacionário.

Cora Ronai

Mandela prefere «rock» a Thatcher

O vice-presidente do ANC, Nelson Mandela, anunciou ontem à tarde, em Londres, que se vai encontrar com a primeiro-ministro britânica, Margaret Thatcher, durante a próxima visita que, durante o Verão, fará ao país.

Numa entrevista hoje publicada no diário londrino «The Daily Mirror», Mandela qualifica Thatcher de «mulher possante, que preferiria ter como aliada a inimiga» e indica que espera encontrar-se com ela a partir de Maio.

O dirigente nacionalista sul-africano, em visita privada a Londres para assistir a um concerto em sua honra no estado de Wembley, recusou encontar-se nesta altura com qualquer membro do Governo britânico. Na sua entrevista ao «Daily Mirror», Mandela manifesta ainda intenção de se avistar brevemente com George Bush, e Gorbachev.

Na África do Sul vinte pessoas foram assassinadas no fim-de-semana, na sequência de mais lutas entre facções da população negra da província do Natal, revelou ontem fonte policial.

AFP/Lusa

Nepal vai ter Governo de ampla coligação

Cerca de 500 nepaleses morreram, segundo fontes da oposição, para que, ao fim de 30 anos, a democracia e o multipartidarismo voltassem ao país. Hoje, o rei Birendra demitiu o Governo e dissolveu o Panchayat (parlamento), depois de 15 horas de uma discussã- maratona com a oposição que durou até de madrugada sem que se chegasse a acordo. Há dois meses que as ruas de Katmandu são palco de manifestações, lideradas pelo Movimento para a Restauração da Democracia (MRD), uma coligação chefiada pelo Partido do Congresso que reúne sete facções comunistas.

O nome mais provável para ocupar o cargo de primeiro-ministro de um novo Governo de ampla coligação é justamente o do líder do Partido do Congresso, Ganesh Man Singh, de 75 anos, que sucede a Lokendra Bahadur Chand. Singh, porém, já anunciou que não aceitará o cargo, invocando motivos de saúde.

Redacção «DL»/ AFP/Lusa

ECONOMIA

Negociações nebulosas no Uruguay Round

Têxteis e agricultura são os dois pontos quentes

«Não é possível encontrar pontos reais de convergência sobre a matéria das negociações comerciais no quadro do Uruguay Round, apesar de se estar a oito meses da sua conclusão», assegura Arthur Dunkel, director-geral do GATT.

Dunkel justifica a sua afirmação pelas seguintes razões: a centena de países participantes levam as negociações muito a sério e as intervenções de uns e de outros mostraram que existe uma boa percepção dos parâmetros que orientam as manifestações.

O director-geral do GATT confirmou, na passada semana, em Génève, que os têxteis e a agricultura são os dois dossiers mais difíceis, pois se trata de domínios em que os países têm interesses bastante grandes, mas nos quais continuam «à nora» há 40 anos.

Outro ponto vital para a sobrevivência e multilateralismo é pôr a funcionar um «sistema seguro e sólido de regras de litígio». Normalmente, as falhas que subsistem neste domínio são muitas vezes o pretexto para executar represálias unilaterais ou para tentativas de criação de regulamentos unilaterais.

Para Arthur Dunkel, as mudanças que se efectuaram no mundo, tanto a Leste como em certos países da América Latina e de Africa, acentuam a necessidade da existência de um sistema multilateral forte e dão mais relevo ao Uruguay Round.

O director-geral do GATT não se mostra pessimista, apesar dos países em fase de desenvolvimento terem denunciado, em termos diplomáticos, o egoísmo do mundo industrializado e estimado o falhanço do Round.

Questionado sobre a reunião entre trinta ministros do Comércio, nos próximos dias 19 e 20 de Abril, em Puerto Vallarta, México, Arthur Dunkel afirmou que ela vai permitir avaliar, a nível político, os compromissos estabelecidos nas negociações e examinar, ao longo dos contactos bilaterais, as margens de manobra recíprocas sobre os pontos divergentes.

O Uruguay Round fora lançado em Setembro de 1986 em Punta del Este, uma estação balneária uruguaia. Simbolicamente, será o ministro uruguaio dos Negócios estrangeiros, Hector Gros Espiell, que presidirá à reunião final, em Bruxelas, no próximo mês de Dezembro.

«DL»/AFP

Políticos, empresários e académicos consideram que vão aumentar dificuldades para exportações e não esperam grandes vantagens do Mercado Único

Portugal «mais apertado» na cena internacional

A Espanha, os países da Europa Central e do Leste e os novos países industrializados do Sudeste Asiático serão os concorrentes principais de Portugal nos próximos cinco anos, concluíram os participantes no *meeting* sobre Portugal, organizado pelo *Worl Economic Forum*, segundo divulgou agora a revista desta organização, a *World Link*.

Dos dirigentes políticos, empresariais e académicos presentes na reunião, 60 por cento entende que as reformas em curso na Europa de Leste, aumentarão as dificuldades nas exportações portuguesas, enquanto 20 por cento julga que baixará o investimento directo estrangeiro.

Inquiridos sobre como é que "1992" afectará a competência das empresas sediadas em Portugal em exportar para fora da Comunidade, os dirigentes dividiram-se entre os que pensam que do Mercado Único não resultarão mudanças nas barreiras comerciais nos mercados exteriores à CEE e os que pensam o contrário.

Um aspecto da reunião de Lisboa, cujos resultados são agora divulgados pela World Link

Sem vantagens

Para enfrentar a queda das barreiras nacionais, decorrentes do Mercado Único, dois terços manifestaram-se a favor do desenvolvimento de *joint-ventures*, e de outros laços, com empresas europeias sediadas fora de Portugal. Posição diferente foi expressa por 20 por cento dos conferencistas, que advogaram o privilégio de mercados não-europeus, como o do Japão e o dos Estados Unidos.

Por outro lado, a falta de gestores qualificados e a fraqueza da área da Educação foram apontados como os dois grandes *handicaps* de Portugal, que o impedirão de tirar vantagens do Mercado Único..

Estes dirigentes apresentaram-se ainda divididos no respeitante à expansão previsível da economia portuguesa. Enquanto metade admitia a hipótese da taxa de crescimento em 1990 ser maior do que a de 1989, a outra metade ficava-se só pela manutenção da verificada no ano passado. Para 1991, um terço pensa que a taxa será maior do que em 1989, outro terço estima que seja a mesma e o terço restante julga que será inferior.

Quanto à inflação, 70 por cento prevê que, este ano, a taxa atinja valores situados entre os 11 e os 12 por cento.

Já no que toca às privatizações, mais de dois terços classificaram de "bem sucedidos" os esforços do Governo.

Quando inquiridos pela *World Link* sobre que duas medidas tomariam para revitalizar a Bolsa portuguesa, os executivos sugeriram quatro: melhoramentos nas transacções, definição de políticas que incrementem a participação estrangeira na posse de títulos, mais informação e facilitação do acesso ao mercado.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47$00	53$00
ALEMANHA FED. (marco)	87$60	88$80
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$045	4$295
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$05	128$55
(notas de 5 a 1000)	126$55	129$05
DINAMARCA (coroa)	22$90	23$30
ESPANHA (peseta)	1$345	1$465
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146$95	150$45
(notas de 5 a 1000)	147$45	150$95
FINLÂNDIA (marka)	36$90	37$50
FRANÇA (franco)	26$05	26$75
HOLANDA (florim)	77$80	78$90
IRLANDA (libra)	235$95	239$95
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$886	$941
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	242$50	247$00
SUÉCIA (coroa)	24$05	24$55
SUÍÇA (franco)	98$80	100$30
VENEZUELA (bolívar)	2$628	3$428

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Governo restringe consumo público

Divulgadas empresas a privatizar imediatamente

O Governo decidiu «reduzir ao mínimo indispensável» os gastos públicos que não tenham impacto nos tecidos económico e social, de forma a poder controlar a inflação. Na última reunião do Conselho de Ministros foi igualmente divulgada a lista das empresas a privatizar de imediato: Unicer, Centralcer, Banco Totta & Açores, Banco Português do Atlântico e o capital público da Transinsular.

No que respeita às despesas públicas, as que vão, prioritariamente, sofrer cortes são, «para além de muitas outras», as que se relacionam com aquisição de novos automóveis durante o ano em curso para serviços do Estado, com deslocações ao estrangeiro de servidores do Estado (desde que não resultem prejuízos para os interesses gerais do País) e com a aquisição de bens e serviços que não sejam imprescindíveis.

Foi igualmente decidido que o Governo procurará «sensibilizar as empresas públicas, as autarquias locais e institutos públicos não contemplados no Orçamento Geral do Estado, para que prossigam igualmente uma política de contenção das despesas de consumo público». As restrições não respeitam a investimentos, vencimentos e prestações sociais e de serviços directos aos cidadãos, de forma a que delas «não resulte qualquer prejuízo para os cidadãos». A metodologia seguida, segundo o Governo, visa também disponibilizar recursos para a iniciativa privada.

BREVES

Sistel em crescimento faz investimentos

A Sistel, empresa de comunicações, automação e sistemas, registou no ano passado um acréscimo de 29 por cento nos resultados líquidos, com 216 mil contos, bem como um crescimento de 32 por cento no volume de facturação, que chegou quase aos 3,2 milhões de contos. Em 1989 esta empresa continuou com acções de desenvolvimento, com investimentos em activos corpóreos e reforço dos meios humanos.

Air Atlantis situada entre «Os mais»

A companhia de navegação aérea Air Atlantis foi a vencedora da eleição «Os Mais» de 1989, promovida pela revista «Turismotel», para a categoria de companhias de aviação. A publicação promove estes galardões para «manter a saga do prestígio e qualidade do turismo português», premiando empresas e personalidades que mais se distingam na área da sua actividade.

Crédit Lyonnais Europe aposta em Portugal

O presidente do Crédit Lyonnais Europe, Jean-Yves Haberer, disse pretender fortalecer a implantação do grupo bancário em Portugal, através da duplicação das agências, do aumento do capital e da capitalização no público. O banco encontra-se presente em 70 países e dispõe de 15 balcões portugueses, com a abertura prevista de mais cinco, durante este ano.

QUOTIDIANO

Marcel Niedergang, de «Le Monde», recebido no Aeroporto da Portela por Rui Camacho, chefe de Redacção adjunto do «DL»

O colóquio sobre o 25 de Abril organizado pelo «DL»

Lisboa ponto de encontro dos *media* internacionais

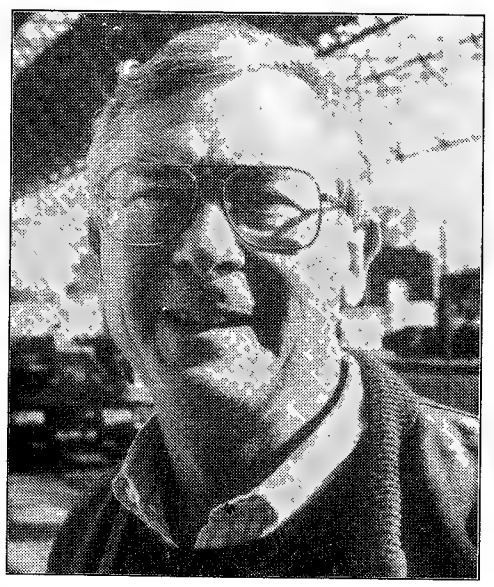
Dezasseis anos depois da Revolução, homens e mulheres que, dos quatro cantos do mundo, acorreram a Lisboa para testemunhar esses acontecimentos ímpares, voltam hoje ao nosso País, a convite do «Diário de Lisboa», a fim de participarem no colóquio «O 25 de Abril revisitado pelos *media* internacionais», que se realiza durante três dias (17,18 e 19) no Forum Picoas, com entrada livre. São jornalistas de alguns dos mais prestigiados órgãos de Informação que, na qualidade de enviados especiais ou de correspondentes, acompanharam os primeiros dias da Liberdade reencontrada, em Abril de 1974.

Revisitam a cidade, emocionados, como confessam, porque vêm recordar o 25 de Abril. E, transcorrido tanto e tão pouco tempo, para serenamente reflectirem em conjunto sobre o caminho desde então andado.

Ao fim da manhã de hoje, encontravam-se já em Lisboa Colette Braeckman, do «Le Soir», de Bruxelas, Marcel Niedergang, de «Le Monde» de Paris, e Steve Broening, do «Baltimore Sun», dos Estados Unidos que, em 1974, estava sediado em Lisboa, na Associated Press. Para além de reconhecerem no colóquio promovido pelo «DL» um importante evento cultural de onde pode resultar um útil balanço do percurso da democracia portuguesa, no confronto de sonhos e realidades, de mitos e verdades cruas, apreciam também a oportunidade de reencontrar camaradas de profissão com quem partilharam os tempos heróicos da Revolução, contando para os seus jornais ou estações de rádio e de televisão os momentos decisivos de 1974 e 1975, quando Portugal se procurava um rumo.

Colette Braeckman participará já na primeira sessão de trabalhos, que terá início às 10 e 30, imediatamente após a abertura solene do colóquio, sob a presidência do ministro Adjunto e da Juventude, Couto dos Santos, que usará da palavra, com António Ruella Ramos e Mário Mesquita, respectivamente presidente do Conselho de Administração e Director do «Diário de Lisboa» O painel subordina-se ao tema «O 25 de Abril na Inprensa Francófona» e será moderado por José Leite Pereira, chefe de Redacção adjunto do «Diário de Lisboa». Georges Dupoy, do «Quotidien de Paris» (no «Figaro» em 1974) e José Manuel Nobre Correia, da Universidade Livre de Bruxelas, apresentarão também comunicações, que serão comentadas por António Barreto, deputado à Assembleia da República, Jean-Pierre Clerc, de «Le Monde», e M. Bettencourt Resendes, director-adjunto do «Diário de Notícias».

De tarde, a partir das 15 e 30, e sob a presidência da presidente da Associação dos Jornalistas Estrangeiros, Jill Jollif, decorrerá o segundo painel do dia, acerca de «A Península Ibérica da Ditadura à Democracia», moderado por Rui Camacho, chefe de Redacção adjunto do «DL». Marcel Niedergang apresentará uma comunicação que será comentada por Artur Portela, presidente do Conselho de Comunicação Social, Fernando Piteira Santos, da Universidade Clássica de Lisboa, e Vicente Jorge Silva, director do «Público».



Colette Braeckman, do «Le Soir», e Steve Broening, do «Baltimore Sun», à chegada a Lisboa

COLÓQUIO/DL

O 25 de Abril revisitado pelos media internacionais

Organizado pelo «Diário de Lisboa»

Forum Picoas, 17, 18 e 19 de Abril

Terça-feira, 17 de Abril

9.30 - Sessão de abertura
Preside à sessão o ministro **Couto dos Santos**

- **António Ruella Ramos**
Presidente do Conselho de Administração do Diário de Lisboa
- **Mário Mesquita**
Director do Diário de Lisboa
- **António Couto dos Santos**
Ministro Adjunto e da Juventude

10.30 - PAINEL O 25 DE ABRIL NA IMPRENSA FRANCÓFONA

- Moderador: **José Leite Pereira**

Comunicações:
- **Colette Braeckman** (Le Soir)
- **Georges Dupoy** (Quotidien de Paris)

11.00 - Pausa-café

11.15 - **José Manuel Nobre Correia**
(Universidade Livre de Bruxelas)

11.30 Comentários:
- **António Barreto**
(deputado à Assembleia da República)
- **Jean-Pierre Clerc** (Le Monde)
- **M. Bettencourt Resendes**
(Diário de Notícias)

13.00 - Intervalo

15.00 - PAINEL A PENÍNSULA IBÉRICA, DA DITADURA À DEMOCRACIA
Preside à sessão a presidente da Associação dos Jornalistas Estrangeiros, **Jill Jollif**

- Moderador: **Rui Camacho**

Comunicação:
- **Marcel Niedergang** (Le Monde)

Comentários:
- **Artur Portela**
(Conselho de Comunicação Social)
- **Fernando Piteira Santos**
(Universidade Clássica de Lisboa)
- **Vicente Jorge Silva**
(Público)

16.30 - **Pausa-café**

17.00 - Debate

18.00 - Encerramento da sessão.

Quarta-feira, 18 de Abril

9.30 - PAINEL PORTUGAL 1974-1990
Preside à sessão o presidente da direcção da Associação 25 de Abril, **Vasco Lourenço**

Comunicações:
- **Dominique Pouchin** (Libération)
- **Werner Herzog** (Tages Anzeiger)

Comentários:
- **Acácio Barradas** (Diário de Lisboa)
- **Fernanda Mestrinho**
(Diário de Lisboa)
- **Francisco Bélard** (Expresso)
- **Fernando Assis Pacheco** (O Jornal)

11.00 - Pausa-café

11.15 Comunicações:
- **André Pautard** (L'Express)
- **Joelle Kuntz**
(Radio-Télevision Suisse Romande)

Comentários:
- **Dinis de Abreu** (Diário de Notícias)
- **José Carlos de Vasconcelos**
(Jornal de Letras)
- **José Rebelo** (Le Monde)
- **José Silva Pinto** (O Jornal)

13.00 - Intervalo

15.00 - PAINEL A PERSPECTIVA DO JORNALISMO RADIOFÓNICO E TELEVISIVO
Preside à sessão o presidente da direcção da Casa da Imprensa, **Manuel Gonçalves da Silva**

Comunicações:
- **Hans Huebner** (WDR)
- **Ramon Font** (TVE)
- **Susannah Ross** (BBC)

Comentários:
- **Diana Andringa** (DL)
- **Manuel Ricardo Ferreira** (RTP)

16.30 - Pausa-café

16.45 - **Emídio Rangel** (TSF)
- **Adelino Gomes** (Público)
- **Maria Elisa*** (RTP e Marie Claire)

18.00 -Encerramento da sessão

Quinta-feira, 19 de Abril

9.30 - PAINEL OS ACONTECIMENTOS DE 1974-1975 NA IMPRENSA NORTE-AMERICANA E PORTUGUESA
Preside à mesa o presidente da Direcção do Sindicato dos Jornalistas, **João Mesquita**

Comunicações:
- **Henry Giniger** (New York Times)
- **Onésimo Teotónio de Almeida**
(Universidade de Brown)
- **Steve Broening** (Baltimore Sun)

Comentários:
- **Bernardino Gomes** (Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento)
- **Joaquim Letria** (Sábado)
- **Nelson Traquina**
(Universidade Nova de Lisboa)

11.00 - Pausa-café

11.15 - PAINEL PERCEPÇÕES SOVIÉTICAS DE PORTUGAL 1974-1975, ANTES E DEPOIS DA GLASNOST

Comunicação:
- **Vadim Poliakovsky** (Za Rubejom)

Comentários:
- **Alexandre Zditovetsky** (Novosti)
- **Carlos Fino*** (RTP)
- **Carlos Gaspar**
(Política Internacional)
- **Álvaro Vasconcelos** (Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais)

13.00 - Intervalo.

15.00 - PAINEL A REVOLUÇÃO DE ABRIL NO PANORAMA EUROPEU
Preside à sessão o Presidente da República, **Mário Soares**

- Moderador: **João Paulo de Oliveira**

Comunicação:
- **André Fontaine,**
(director de Le Monde)

Comentários:
- **Francisco Pinto Balsemão**
(Presidente do Conselho de Administração do «Expresso»)
- **José Medeiros Ferreira**
(Universidade Nova de Lisboa)
- **Mário Mesquita** (Diário de Lisboa)

16.30 - Intervenção do Presidente da República, **Mário Soares**

17.00 - Palavras de encerramento do colóquio:
António Ruella Ramos,
presidente do Conselho de Administração do «Diário de Lisboa»

A participação dos comentadores assinalados com * está ainda sujeita a confirmação

Com o patrocínio da LISGRÁFICA, S.A.

Apoios: BBC, Embaixada dos Estados Unidos da América, Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, Novosti e Air France, Hotel Meridien de Lisboa Caves D.,Teodósio, C.M.L./Departamento de Turismo e Instituto de Promoção Tuística.

ENTRADA LIVRE

BREVES

Descarrilamento paralisa Linha de Sintra

O descarrilamento de uma composição, em Campolide, cerca das 9H30, provocou esta manhãa paralisação do tráfego ferroviário na Linha de Sintra, entre as estações do Rossio e de Benfica, soube o DL junto da CP. O comboio embateu num poste de energia eléctrica impedindo, dessa forma, o normal funcionamento da rede. O Gabinete de Relações Públicas da companhia não sabia informar, até à hora de fecho desta edição, as razões que motivaram o descarrilamento. Previa-se que a situação ficasse normalizada cerca das 13 horas.

Entrega de plano do Chiado adiada uma semana

A entrega à Câmara Municipal de Lisboa do plano definitivo da reconstrução do Chiado, pelo arquitecto Siza Vieira, foi adiada para o próximo dia 24, revelou, ao DL, uma fonte do Gabinete do Chiado. Prevista inicialmente para hoje, esta entrega está a ser aguardada com grande expectativa, dela dependendo a realização dum debate, a promover pela Câmara e o arranque das obras de reconstrução dos edifícios atingidos pelo incêndio de Agosto de 1988.

Norueguesa vence concurso Miss Universo

A norueguesa Mona Grudt ganhou ontem, em Los Angeles, o concurso de Miss Universo, com a colombiana Lisbeth Mahecha e a norte-americana Carole Gist como damas de honor. Mona Grudt, que disputou o título com representantes de 70 países, recebeu como prémio 220 mil dólares, um automóvel de luxo e um relógio de ouro com brilhantes, entre outros galardões. O concurso foi seguido pela televisão por cerca de 500 milhões de pessoas e teve como novidade a presença, pela primeira vez, de uma Miss URSS, Evia Stalbovska.

Faleceu o jornalista Severino Costa

O decano dos jornalistas do Alto Minho, Severino Costa, faleceu sábado em Viana do Castelo, com 90 anos. Severino Costa nesceu em Ponte de Lima a 23 de Outubro de 1899 e iniciou a actividade jornalística, a que se dedicou durante 60 anos, como correspondente de «O Século» em Viana do Castelo. Fundador e colaborador de vários jornais, destacou-se ainda no campo da etnografia e do desporto. Em 1975 foi-lhe atribuída a medalha de ouro de Viana do Castelo. À família enlutada e a todos os seus numerosos amigos o «DL» apresenta as mais sentidas condolências.

Novo período de greve dos maquinistas da CP

Os maquinistas da CP iniciam um novo período de oito dias de greve parcial, a partir do meio-dia de hoje. O presidente da direcção dos Sindicatos dos Maquinistas Portugueses, Castelo Lopes, precisou que a paralisação será de quatro horas e meia no início de cada turno e inclui, ainda, a recusa de cumprimento de trabalho extraordinário.

MUNICÍPIO DE LISBOA

AVISO N.º 26/90

PUBLICIDADE EXTERIOR EM IMÓVEIS CLASSIFICADOS

Tendo em atenção o Regulamento Sobre Publicidade, Edital n.º 7/90, publicado no Diário Municipal n.º 15823, de 26 de Fevereiro, avisam-se todos os detentores de publicidade em imóveis classificados ou contemplados com os prémios Valmor, Municipal de Arquitectura, valores concelhias ou outros semelhantes, que se não encontrem nas condições previstas no n.º 2 do art.º do Regulamento Sobre Publicidade que, até ao próximo dia 31 de Outubro p. f. devem apresentar projecto alternativo de instalação de publicidade e/ou ocupação da via pública em obediência aos critérios fixados no Regulamento em causa.

Mais se informa que o não cumprimento do que aqui se determina implicará a capacidade da licença anteriormente concedida que, assim, não será renovada a partir de 31 de Dezembro de 1990.

Paços do Concelho, em 1990/03/27
O verador
(assinatura ilegível)

QUOTIDIANO

Os tripulantes alegam que navegavam em águas da Serra Leoa quando foram «assaltados» por uma patrulha militar guineense

Pesqueiros portugueses retidos em Conakry

Continuam difíceis as negociações para a libertação das tripulações e pesqueiros portugueses apresados pelas autoridades da Guiné-Conakry no dia nove de Abril. É exigido, ao armador, uma multa de 80 mil contos para que os tripulantes e embarcações possam deixar o país.

Os barcos Frapec e Sandro Cunha foram apresados quando faziam arrasto de camarão em águas da Serra Leoa, a oito milhas das águas territoriais da Guiné-Conakry. Os pesqueiros que têm licença para trabalhar nessas águas, só na sexta-feira foram capazes de comunicar o que se passava. Aproveitando uma distracção da guarnição que se encontra a bordo, o mestre do Faprec conseguiu comunicar com a agência Lusa usando um telex por rádio que os militares julgavam ser um computador.

Os barcos portugueses «foram assaltados no dia 9 pelas 09H00, na posição de 08.56N e 013.41W, quando procediam ao arrasto de camarão em águas territoriais da Serra Leoa», referiu o comandante do Frapec, Vitor Almeida.

Depois de recusarem ir a bordo verificar, «por radar ou por satélite», a sua posição (legal no dizer dos portugueses), os «marinheiros da Guiné-Conakry começaram a disparar», acusou o responsável da embarcação. O Sandro Cunha foi logo assaltado por «homens armados de metralhadora», enquanto o Frapec continuou a sua faina.

«Podia ter fugido, mas fugir porquê se eu estava a trabalhar legalmente? Não fugi mas meti as redes dentro do arrastão e parei, após o que também fui assaltado», explicou Vitor Almeida.

Os barcos portugueses foram depois obrigados a navegar para norte, em direcção às águas da Guiné-Conakry, tendo os seus comandantes sido obrigados a ir para bordo do navio de guerra. «Lanço um apelo às autoridades nacionais e comunitárias porque aqui não existe uma embaixada portuguesa para nos apoiar, não se esqueçam de nós, pois eles assaltaram uma propriedade na qual a bandeira nacional está sempre içada», concluiu Vitor Almeida.

Saliente-se que se encontram a bordo dos dois barcos 22 pescadores portugueses, para além da mulher e do filho, de 4 anos, do mestre do Faprec. Fazem também parte das tripulações dez cidadãos da Serra Leoa.

Atitude enérgica do armador

O armador dos pesqueiros apresados, Raul Catela, agiu logo e viajou imediatamente para Conakry, onde já se reuniu com representantes do governo, na tentativa de desbloquear a situação. As negociações não têm sido fáceis pois as autoridades não abdicam da exigência do pagamento de uma multa de 80 mil contos e o próprio Raul Catela já teve um incidente desagradável em território da Guiné. Segundo declarações de João Catela, irmão e sócio do armador dos pesqueiros, este esteve preso três horas quando regressou de uma breve deslocação à Serra Leoa. Apesar disso, e de acordo com as últimas informações, aquele empresário não está disposto a pagar a multa nem a ceder o pescado que os barcos têm a bordo (avaliado em 30 mil contos), por considerar que os arrastões pescavam legalmente quando foram apresados.

Contactado pelo DL, o Ministério Português dos Negócios Estrangeiros não dispunha de nenhuma informação sobre o caso até à hora de fecho desta edição.

Ultrapassagem causa nove mortes

Saldou-se em mortes o balanço do um acidente de viação ocorrido ontem ao fim da tarde, a dez quilómetros de Viseu, envolvendo três veículos, informou a Brigada de Trânsito da GNR. As vítimas seguiam numa carrinha Ford Trânsit que no Itinerário Principal nº 5, próximo da Boa Aldeia, embateu frontalmente num camião Tir, sob o qual ficou completamente destruída.

No acidente, que se verificou pelas 19 horas e 15, esteve também envolvido um veículo ligeiro, não estando ainda esclarecidas as circunstâncias em que o sinistro ocorreu, presumindo-se. em princípio, que se terá ficado a dever a uma ultrapassagem sem as devidas precauções, por parte do condutor da carrinha.

Na sequência do embate foram ainda retiradas com vida, do meio dos destroços, Maria do Céu Correia, de 25 anos, residente na Damaia e Elvira Domingos Santos, residente em Gaia, que, no entanto, viriam a sucumbir aos graves ferimentos no Hospital de Viseu, para onde foram levadas pelos bombeiros daquela cidade.

Do local do acidente foram retirados os corpos do condutor da viatura, Albino Pereira, de 42 anos, de Alhões, Sinfães; Domingos Pontes, de 46, José Maria Ferreira, de 51, residente em Lisboa, José Almeida Fonseca, de 45, residente em Sinfães; Artelina Rodrigues, de 23; Domingos Martins Ribeiro, de 22 anos, ambos de Sinfães e Carla Rodrigues, de 19 anos, residente em Lisboa.

Num outro acidente de viação ocorrido na madrugada de sexta-feira, em Alvalade-Sado, registaram-se dois mortos e cinco feridos. O sinistro ocorreu na Estrada Nacional 10, quando dois automóveis chocaram de frente, devido a ultrapassagem irregular.

Os feridos foram conduzidos ao Hospital de Ourique. As vítimas mortais são Américo Costa Ferreira e Tânia Avelina Oliveira.

Desde o meio-dia de quinta-feira até ao fim do dia de ontem registaram-se nas estradas portuguesas 34 mortos em acidentes de viação, segundo números da Brigada de Trânsito da GNR, cifrando-se os sinistros em cerca de um milhar, de que resultaram perto de quatro centenas de feridos dos quais cem em estado grave.

O amadorismo desmascarado

Da nossa correspondente em Bona

A polícia alemã prendeu três indivíduos de naturalidade portuguesa que na noite de quarta-feira assaltaram um comboio de transportes dos Correios da República Federal da Alemanha. Escondidos no vagão, os assaltantes atacaram quando o comboio fazia o percurso Dusseldorf-Colónia.

Brandindo armas, gritaram -- em língua germânica -- «Isto é um assalto! Todos no chão!» e amarraram os três guardas. Um quarto cúmplice, igualmente português e, tal como os seus companheiros, empregado dos Correios, aguardava, num carro, perto de Colónia, o momento de agir. E assim aconteceu, proporcionando a fuga aos malfeitores.

Mas na manhã seguinte, a polícia detinha os assaltantes que, talvez confiantes em excesso, tinham depositado o produto do saque, no valor de 140 mil contos, em casa de uma estudante de 18 anos, que conheciam apenas há duas semanas.

O delegado do Ministério Público Emil Brachthauser e o porta-voz da polícia alemã Wolfgang Rodax mostram parte dos 140 mil contos que quatro portugueses roubaram num comboio expresso

Desconfiando do conteúdo dos sacos pertencentes a um banco alemão e talvez do ar de mistério e conspiração alardeado pelos seus amigos de fresca data, a jovem alertou a polícia, que viria, pouco depois, a prender o bando dos quatro de Leverkusen.

Moral da história: enriquecer rapidamente na Alemanha Federal é a ambição de muitos estrangeiros; no entanto, o proverbial diletantismo português não funciona num país onde a polícia é conhecida pela eficácia dos seus métodos. Talvez seja melhor reconhecer que o caminho mais indicado seja o da aplicação das iniciativas no totobola.

As acções espectaculares, essas, deviam ser deixadas a cargo dos profissionais de Hollywood.

Cristina Krippahl

Os hábitos de consumo alimentar dos portugueses estão a mudar. A conveniência e a facilidade de confecção e utilização determinam, muitas vezes, a escolha

Tendências alimentares copiam padrões europeus

«Os indicadores das tendências alimentares registadas em Portugal, após a integração na Comunidade Económica Europeia, mostram que o nosso País está a tornar-se cada vez mais europeizado». A afirmação é feita por Adelino Baptista Cruz, professor da Escola Superior de Comunicação do Instituto Politécnico de Lisboa, que publica, na edição de Abril da revista «Distribuição Hoje», uma pormenorizada análise dos novos hábitos de consumo alimentar dos portugueses. O autor sustenta que os padrões nacionais estão a aproximar-se dos verificados nos demais países europeus.

Baptista Cruz sublinha que, num país «onde cerca de 45 por cento do rendimento familiar é absorvido pela alimentação», alguns dados estatísticos «ganham já valores significativos de uma mudança, cujo sentido tem por horizonte os padrões europeus».

Mas há fenómenos enganadores. «Se por um lado as vendas de açúcar têm baixado desde 1984 a uma média de 4 por cento ao ano, o mercado do chocolate cresceu 18 por cento em 1986; 48 em 87 e 32 por cento em 88». Apesar disso «o nosso consumo de chocolate *per capita* é ainda muito inferior à média europeia».

«Será que o que se modificou foi o modo pelo qual o açúcar é consumido, o qual foi agora transferido para produtos mais sofisticados?» interroga Baptista Cruz.

Para este especialista existe uma tendência acentuada neste sentido. «O consumo contínuo, mas dirigido a produtos mais sofisticados/ industrializados» está a tornar-se evidente noutra categoria tradicional dos hábitos alimentares portugueses: o tomate e seus derivados — escreve o especialista. Registam-se, assim, «significativas alterações do consumo em Portugal, a transferência para produtos, ou categorias de produtos, de acordo com o grau de *convenience* que oferecem».

O consumo de congelados, tal como o de enlatados, experimentou um crescimento explosivo, em Portugal, nos últimos anos

«Um exemplo típico desta situação - escreve Baptista Cruz - é o crescimento explosivo do segmento de alimentos congelados e enlatados». O aumento da venda de fruta em conserva cresceu, respectivamente, 80 e 85 por cento em volume, nos últimos dois anos.

Da mesma forma, «alimentos e refeições congeladas aumentaram as suas percentagens em mais de 40 por cento, em 1987, e em 1988 cresceram, respectivamente, 20 e 31 por cento».

Cereais ao pequeno-almoço

Ao nível dos hábitos nas refeições, operam-se também algumas alterações importantes. Baptista Cruz cita o caso concreto do pequeno-almoço, particularmente o infantil. O tradicional leite e pão com manteiga ou doce está a ser progressivamente substituído pelos cereais. As estatísticas não deixam mentir: «Desde 1986, o volume de vendas de cereais para o pequeno-almoço tem vindo a aumentar a uma velocidade estonteante: em 1986 o volume de vendas, cresceu 51 por cento; em 1987, 142 por cento; e em 1988, 35 por cento».

Curiosamente, outro produto está a impor-se de forma imparável no mercado. «Após o leite comum, os iogurtes são o segundo segmento mais importante do sector de produtos lácteos. A categoria revela um crescimento constante nos últimos três anos - 25 por cento em 1986; 30 por cento em 87 e 13 por cento em 1988», revela Baptista Cruz.

Whisky em vez de bagaceira

O consumo de bebidas está também a transformar-se. Segundo este perito, «um novo segmento emergiu igualmente: o dos sumos de fruta cem por cento puros e o dos néctares de frutos tropicais». Estas bens cresceram 13 por cento em 1986; 35 por cento em 1987 e 64 por cento em 1988.

Apesar disso, «é importante recordar que os sumos de fruta representam ainda somente 10 por cento do volume total de vendas de *soft drinks*». O consumo de cerveja continuou a registar um crescimento de 14, de 24 e de 18 por cento nos últimos três anos.

Por outro lado, é curioso sublinhar uma constactação de Baptista Cruz: «a tradicional "bagaceira" começa a ser substituída pelo *whisky* em estratos sociais económicos muito diferentes daquela onde tradicionalmente se situava o seu consumo».

Uma outra afirmação do professor Baptista Cruz suscita admiração. Com efeito, o autor afirma que «a maior categoria do segmento de bebidas foi a única que não registou crescimento: a da água mineral». Com tantas marcas novas no mercado?

Por fim, o perito aprecia o sector das gorduras, onde o consumo de margarina perdeu terreno em relação ao dos óleos vegetais e o azeite retoma «um crescimento errático em 1986 e 1989». A manteiga patenteia, igualmente, «um crescimento saudável».«Será que recuperada por muitos daqueles que a abandonaram por razões de economia», interroga, por fim, Baptista Cruz.

Diríamos o mesmo em relação a muitos outros produtos de que falou.

P. A.

Conselho de Imprensa reprova o «Expresso»

O Conselho de Imprensa, em nota ontem divulgada, reprovou, mais uma vez, o semanário «Expresso» por ter suprimido partes relevantes de uma carta que lhe fora enviada, ao abrigo do direito de resposta, sem para isso ter, previamente, obtido a concordância do autor.

O C.I. recebera uma queixa do empresário de Alijó, José Gouveia Rebelo, a lamentar que uma sua carta/resposta a um artigo em que era visado tivesse sido publicada fora de prazo, com cortes e em local diferente do devido.

A carta foi publicada, efectivamente, no terceiro número posterior à sua provável recepção e na secção de «Cartas ao Director», não na mesma página em que se inserira o texto que lhe dera origem. O Conselho de Imprensa entende que, como em outros casos anteriores, «o respondente não sai prejudicado na sua defesa» pela publicação da sua carta naquela secção, «no entendimento de que se garante ali igual nível de leitura».

Assinala, porém, que a resposta só foi publicada três números depois, quando a lei determina que o seja numa das duas seguintes edições, admitindo, todavia, não dispor de elementos suficientemente comprovativos da recepção da carta/resposta, pelo que, neste campo, se limita a recomendar ao «Expresso» a necessidade do cumprimento integral da lei. Assinala, ainda, que aquele semanário suprimiu algumas passagens da carta (o que poderia ter feito quando o escrito contenha partes não directamente relacionadas com o tema) sem ter obtido o consentimento do autor,o que é exigido pela legislação em vigor.

BREVES

Lisboa tem dez mil casas e ruas largas

Lisboa tem dez mil casas em que há dezoito mil vizinhos, cem mil almas, entrando nisto 9950 escravos. As ruas, se bem que largas, são muito incómodas, por subidas e descidas contínuas a que obriga a desigualdade do terreno. Este é um dos possíveis roteiros sobre a capital descritos na pasta didáctica «Lisboa e a Expansão Marítima — Séculos XV e XVI», incluída no plano de acções do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses que será apresentado amanhã na Casa dos Bicos. A Lisboa antiga, ponto de partida da expansão marítima, surge recortada em vários roteiros, documentos genuinos que marcam o sentir duma urbe que rapidamente é catapultada para o palco dos grandes acontecimentos mundiais.

A Câmara do Montijo e os horários fluviais

A Câmara Municipal do Montijo pediu a suspensão dos novos horários das carreiras fluviais entre aquela localidade e Lisboa e solicitou ao ministro das Obras Públicas e à administração da Transtejo uma reunião para expor o s anseios dos munícipes. A autarquia considera que os novos horários, apesar de aumentarem o número de ligações, agravam a situação nas horas de ponta.

Associação Olho Vivo promoveu debates

A Associação Juvenil Olho Vivo promoveu um encontro nacional na Colónia de Férias da Praia da Maçãs, durante três dias. Subordinada ao tema «Juventude em acção, mente sã em corpo são», a reunião de convívio foi sede de várias iniciativas, entre as quais se destacou a realização de seminários sobre alcoolismo, a droga, a sida e o racismo, que contaram com a participação de três médicos. O programa, em que participaram cerca de 200 jovens provenientes de todo o País, incluiu ainda passeios a pé, provas de atletismo, jogos tradicionais, um baile e um café-concerto.

Doem-lhe as costas ? É melhor ir trabalhar

Por essa Europa fora, a maioria dos médicos começa a defender que « não deve ser concedida baixa sistematicamente ao doente com lombalgia.

Quanto mais tempos estiver de baixa, provavelmente menos possibilidades terá de alguma voltar a trabalhar». A afirmação é do especialista Canas da Silva, durante um encontro médico realizado em Palmela.

Aquele médico do Núcleo de Reumatologia do Hospital de Santa Maria defendeu durante o encontro, que reuniu centena e meia de médicos daquela região, a necessidade de «dotar Portugal com serviços autónomos de reumatologia, que existem em todos os países europeus, e tanto mais que se trata de uma especialidade cujos doentes são a causa mais frequente de invalidez e de reforma precoce».

Canas da Silva recordou não existir um método infalível a permitir aos clínicos «serem sempre justos com os clientes que pretendem baixa ou reforma» e questionou o próprio sistema.

«Num ensaio recentemente publicado por uma revista médica britânica, os doentes com lombalgia que estiveram mais de 20 dias de baixa apresentaram uma escassa capacidade de posteriormente retomarem o mesmo tipo de trabalho», referiu, para, logo a seguir, sublinhar particularmente a situação dos pacientes com doenças inflamatórias (nomeadamente a espondilite ancilosante) que afecta sobretudo jovens «que deveriam ser reorientados profissionalmente».

Aquele especialista entende que «em Portugal, as pessoas são postas de baixa ou reformadas compulsivamente, impedidas de exercer qualquer outra profissão e não existir aqui, como em outros países da Europa, a possibilidade de serem recolocadas profissionalmente ou de iniciarem uma actividade em *part - time*».

Canas da Silva referiu, paralelamente, a falta de meios de diagnóstico ao alcance dos clínicos gerais, nomeadamente o recurso a tomografia axial computorizada.

« Certas lesões discais, disse, podem deixar, caso não sejam diagnosticadas a tempo, lesões severas» para acrescentar que «além disso, não dispomos infelizmente de serviços de reumatologia e o facto desses doentes não terem acesso a TAC através do seu médico assistente leva, muitas vezes, a situações de grande dificuldade, comprometendo a eficácia dos tratamentos, quando não leva mesmo a uma neurocirurgia tardia, com todas as consequências»

Droga livre: sim ou não?

A liberdade do homem continua am
a venda e o consumo de droga aume
Mas, liberalizar não chega se não s
as redes de tráfico. Estas alguma
que estiveram em debate na ú
do Grupo de Trabalho
sobre Assuntos Sociais, compost
José Manuel Paquete de Olivei
Rui Epifânio, pelo psiquiatra Jo
Cordeiro, pelo economista José
de Brito, pela jurista Ana Prata
de educação Maria Emília Bre

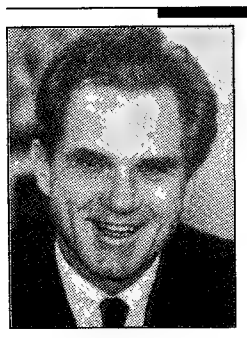
J. M. Brandão de Brito - Parece-me relativamente evidente que o problema da droga não tem em Portugal o carácter «epidémico» de que se reveste, por exemplo, nos Estados Unidos. No entanto, existe e, sem atingir os valores dramáticos dos EUA, onde, segundo estimativas recentes, cerca de 10 por cento da população é afectada pelo consumo de narcóticos, representa aqui preocupação bastante para merecer um amplo debate nacional que envolva todas as partes interessadas: instituições oficiais, responsáveis pela saúde pública, associações de juventude, de pais, consumidores, médicos, etc.. Daí, o considerar que, os números apresentados sobre sentenças pelos tribunais portugueses apenas representam um pequeno e porventura incorrecto meio dissuasor. Penso que o problema não pode encontrar solução apenas através de medidas policiais, repressoras, judiciais ou por intervenções clínicas circunscritas. Em Portugal, como noutros países, tem vindo a ficar demonstrada a ineficácia de um tal procedimento. De resto, num quadro onde à escala mundial o tráfico de droga representa um negócio de 500 mil milhões de dólares e envolve 40 milhões de consumidores, como recentemente afirmou em Londres o secretário-geral das Nações Unidas, a procura de soluções tem de ser perspectivada de forma a apelar à participação de toda a comunidade.

Rui Epifânio - Tendo em conta o total de sentenças proferidas entre 1986 e 1988 parece haver um aumento na percentagem de condenações relativamente aos traficantes. Penso, no entanto, que seria relevante apurar o conteúdo dessas sentenças, se houve lugar a prisão ou a outro tipo de sanção, uma vez que a nossa lei trata com diferente severidade o tráfico e o consumo. No que diz respeito a este, foi até acolhido, pela primeira vez, o princípio da oportunidade, o que permite ao Ministério Público deixar de exercer a acção penal, verificados que sejam certos requisitos. O novo Código Penal, por outro lado, possibilita, em caso de julgamento e condenação, a aplicação de toda uma gama de medidas não detentivas preferidas claramente às penas de prisão.

J. C. Dias Cordeiro - Para mim estes números não representam, de forma alguma, o número de consumidores, de traficantes e de traficantes/consumidores que existiam em Portugal em 1988. Os números reais são muito mais elevados. E, por outro lado, parece-me que o nosso sistema se revela mais eficaz em punir as vítimas do que os traficantes.

«(...) a nossa lei trata com diferente severidade o tráfico e o consumo de droga»

Rui Epifânio



«Penso que o consumo da droga deve ser totalmente despenalizado, ao contrário do tráfico que deve ser fortemente penalizado»

J. C. Dias Cordeiro

J. M. Paquete de Oliveira - Em princípio, estes números indicam um aumento de consumo e de tráfico de droga. E digo em princípio, pois, por hipótese, poderiam significar um incremento na vigilância ou «perseguição» policial e maior número de casos enviados a tribunal.

O facto do maior número de sentenças se referir a consumidores, é possível que tenha correspondência a uma relativa e proporcional distribuição entre o universo de consumidores e traficantes. Porém, só uma análise mais aprofundada dos dados deste «processo» poderia revelar que, também aqui, o galho da árvore parte pelo lado mais fraco.

Ana Prata - Bom, partindo do princípio de que os números indicados têm uma relação exacta ou aproximativa com a realidade, e, embora seja de observar que rogação sobre o fundamento ético-jurídico da lei (Decreto-Lei nº 430/83, de 13 de Dezembro).

Poder-se-ia dizer, em primeiro lugar, que ela se funda na defesa de bens - a vida, a integridade orgânica, psicológica e funcional da pessoa - que, sendo pessoais têm um valor supra individual que ao Estado cabe tutelar e que, por isso, ele protege mesmo contra a vontade do seu titular. Que isto não é verdade demonstra-o o facto de outras condutas atentatórias desses bens não serem criminalmente punidas quando o seu agente seja, do mesmo passo, a vítima: assim, *maxime*, o suicídio (a sua tentativa), a mutilação ou a utilização e consumo de outros agentes agressivos da vida e da saúde.

Uma outra hipótese explicativa consistiria em supor que se trata de um crime de perigo e não de dano: a conduta seria punida porque cria uma situação de risco e não pelo dano que ela própria envolve. Isto poderia ser verdade, se estivessem demonstrados dois elementos: por um lado, o consumo de estupefacientes cria perturbações psicológicas e funcionais e geradoras de estados comportamentais agressivos e tipicamente vocacionados para a prática de actos criminosos. Em segundo lugar, a lei penal prevê e pune todas as condutas pelas quais tais estados são criados, como por exemplo, o alcoolismo ou o consumo de euforizantes ou tranquilizantes.

Não sendo certo que o primeiro elemento esteja provado, pelo menos, em relação a todas as substâncias de estupefacientes em estado puro, e, sendo certo que o segundo o não está, há que procurar a explicação da penalizaçao por outra via.

Rui Epifânio - Como sucede com todas as grandes questões que hoje se colocam, só as teorias extremistas, de ambos os lados, encontram respostas simples, lógicas e lineares que satisfaçam as respectivas militâncias. Já se disse que estamos condenados a escolher entre as nossas contradições. O sistema penal tem uma função simbólica face à sociedade, de afirmação, reforço e defesa de valores. Usado com cuidado, pode ser positivo para a colectividade e para o cidadão que se lhe submete. Entre nós critica-se o que o consumidor fez, mas não o que ele é. Tendo em conta o contexto histórico-cultural em que vivemos parece razoável a explicação da lei para a punição dos consumidores. A lei reconhece até que é nesta área « que se levantam as dúvidas mais pungentes para o legislador». Aceita-se a função suprema da prevenção toda orientada na educação para uma vida saudável, por outro lado, o pragmatismo exige, até por razões socioeconómicas, que se censure o consumo desde logo pela «quebra da responsabilidade individual de cada cidadão perante os outros».

J. M. Paquete de Oliveira - O problema de punir ou não o consumo de droga é encarado com grande dramatismo. Penso que é um erro estratégico que, talvez por efeito perverso, não concorra para desmotivar o recurso à droga. Quem quer conseguir efeitos positivos nas cruzadas de combate à droga deveria analisar os resultados provocados pelo tratamento sistemático da apresentação deste fenómeno como um «fenómeno demoníaco» e «digno de piedade».

Por mais dura que pareça esta afirmação, em última análise, um indivíduo tem sempre o direito de fazer o que quer à sua vida. Não será que assiste ao próprio indivíduo o direito de se matar? Porque não o de drogar-se ?

Efectivamente, este problema é muito complexo. A punição dos consumidores não resolve. Vigiar não é punir. Nem punir é vigiar. A garantia das liberdades é feita de riscos. Advogar este princípio não equivale, necessariamente, a defender pura e simplesmente a legalização. O Estado deverá proteger os indivíduos sem infringir as liberdades de cada um. Este é um tema polémico sobre um problema difícil. Mas, aten-ção, não se coloca só para a droga. Coloca-se para outros complicados problemas, como o do tabaco, do álcool, da Sida, do conduzir automóvel.

J. C. Dias Cordeiro - Penso que o consumo da droga deve ser totalmente despenalizado, ao contrário do tráfico que deve ser fortemente penalizado. Isto corresponde a dizer que o cerne da questão deve deslocar-se da punição do consumidor para uma tentativa, cada vez mais profunda, de compreensão das razões pessoais, familiares e sociais que levam ao consumo da droga. Punir o consumidor, em vez de o considerar uma pessoa que precisa ser tratada é envolvê-lo nos mecanismos sado-masoquistas que infindavelmente levam a agredir/ser punido, ser punido/agredir. Ora, nós sabemos que esta via da violência e da agressão, auto e hetero-

«(...) o direi vida. N indiv Por

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

...ua ameaçada, enquanto ... aumentam em Portugal. ...e não se desmantelarem ...algumas das questões ...te na última sessão ...abalho DL ...mposto pelo sociólogo ...Oliveira, pelo jurista ...atra José Carlos Dias ...a José Maria Brandão ... Prata e pela técnica ...ia Brederode Santos

económica, tecnológica e social com a expansão do uso das drogas. Penso que o seu consumo como estímulo ou como evasão ou, simplesmente, como preenchimento de uma vida onde o desaparecimento de valores de solidariedade social deixaram um vazio, só pode ser limitado se forem removidas as principais causas que tornaram propícia a sua expansão: competitividade social levada a extremos quase irracionais, segregação social, sistemas de vida que se encontram em crise, a convibialidade que perde sentido, em suma, um certo desenraizamento que aquelas transformações, há pouco referidas, têm vindo a agravar continuamente.

Rui Epifânio - Os alicerces da verdadeira liberdade são a tolerância, o respeito pela intimidade da vida privada, familiar, o direito à diferença, enfim, a opção individual. O Estado, então, deve interferir nas escolhas do cidadão ou, quando o faz, exige-se-lhe que adiante motivos claros e expressivos. Ora, a questão do consumo não se esgota na relação indivíduo-subsistência reflectindo-se de modo contínuo e pertinaz, mas no projecto colectivo e de uma forma que está longe de se considerar positiva. Basta atender nos problemas de saúde que acarreta, enfim, na instabilidade social que gera. Por outro lado, ao problema da punição junta-se o da dinâmica de relações internacionais, que caracteriza o mundo de hoje e aponta muito para a tomada de posições comuns a fim de não se criarem «paraísos» artificiais de droga.

J. M. Paquete de Oliveira - As consequências sociais da toxicodependência são outro lado da questão. É um assunto a ser encarado por diferentes especialistas, criminologistas, psiquiatras, psicólogos, etc. Mas não devemos embarcar nas soluções fáceis, porque mais evidentes ou exequíveis. A repressão é coincidente com o aumento de consumos. Os interesses por detrás dos traficantes são muito maiores, e também, verdade se diga, estão muito mais escondidos do que por banda dos consumidores. Liberalizar por liberalizar é uma solução simples de mais. É necessário desmantelar o grande negócio que é a droga. Sem subterfúgios, sem complacências, sem hipocrisias, mesmo que estas sejam «internacionais». A regulamentação deverá ser precedida de estudos interdisciplinares, pois este problema não tem a ver só com circuítos económicos. Neste sentido, é importante analisar a experiência dos outros países. Os factores envolventes neste processo são múltiplos. Controlar um, não significa controlar os outros. E é preciso controlar todos.

Ana Prata - Dir-se-ia que a repressão criminal do consumo se justifica pela repressão da criminalidade associada tipicamente a tal consumo. Tais actividades criminosas (tráfico de droga, furto, roubo, burla, ofensas corporais, homicídios, crimes de dano, etc.) têm uma conexão com o consumo normalmente estabelecido por duas vias principais: ou constituem actividades instrumentais da obtenção dos meios económicos para a compra do produto ou consubstanciam comportamentos agres-sivos provocados pela descompensação inerente ao estado de carência e/ ou pela ingestão de produtos estupefacientes combinados com substâncias químicas altamente nocivas da saúde, em particular da mental.

J. C. Dias Cordeiro - É um facto que as medidas repressivas do tráfico, tanto a nível nacional como internacional se têm revelado ineficazes. Quanto à regulamentação do mercado, isso corresponderia à venda lícita de algumas ou de todas as drogas. Mesmo com regras relativamente restritas, essa atitude não resolveria o problema. Essa perspectiva corresponderia a centrar o fenómeno toxicodependência na droga, quando nós sabemos o que importante é criar, nas pessoas e nos grupos, resistências que possam fazer face à droga, ao álcool, tabaco, etc. O fenómeno da toxicodependência nos jovens, tal como existe na nossa cultura ocidental, é um fenómeno relativamente recente, mas que não tem cessado de se agravar, mesmo nos países

A acção da Justiça

Sentenças (P/ nº de indivíduos)	1986	1987	1988
Consumidores	225	497	533
Traficantes	168	341	440
Traficantes/consumidores	43	73	69
Total	436	911	1042

Fonte: Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga (1988)

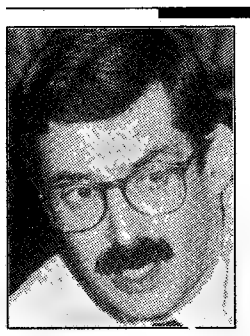
cológica do produto sempre que e enquanto o estado de carência não for eliminado. O que significa que, ao lado da profilaxia e da terapia dos factores de dependência, o indivíduo deve poder ter acesso ao produto em condições de protecção da sua saúde, isto é, com controlo médico.

Ainda não se chegou ao sublime estádio ético de impor a denúncia da prática

«(...) grande parte de danos sociais conexos com o consumo releva da própria proibição, que teoricamente, visa combatê-los.»

Ana Prata

deste crime, muito embora, se premeie tal denúncia (a lei prevê medidas especiais de tutela para aqueles que colaborem com as autoridades policiais na descoberta de agentes dos crimes de consumo e tráfico de estupefacientes). Seja qual for, porém, o grau de civilização que se venha a lançar na matéria, espero não vir a estar nunca preparada para acompanhar um processo em que ao cidadão seja cometida a função de denunciante.



«A repressão tem-se revelado um processo ineficaz exactamente porque não tem demonstrado capacidade para reduzir a incidência do flagelo, bem pelo contrário. Porquê então reprimir o consumidor?(...)»

J.M. Brandão de Brito

que tentaram a regulamentação no mercado.

Ana Prata - Não se percebendo o fundamento ético-jurídico da punição penal do consumo dos estupefacientes, não pode deixar de se admitir que grande parte de danos sociais conexos com o consumo releva da própria proibição, que teoricamente, visa combatê-los. Num mercado legalizado, transparente e regulamentado, é de supor que a situação poderia melhorar substancialmente. A toxicodependência é, como qualquer outra dependência, uma situação patológica que deve ser objecto de adequada terapia: esta visará a supressão das causas e terá de responder à necessidade orgânica e psi-

alguém que perguntava se, no mundo real e quotidiano, a despenalização não acarretaria um disparo nos usos. Tudo isto é incompatível com a regulamentação do mercado a qual não poderá, pelos vistos, ser analisada de forma desgarrada.

M. Emília Brederode - Durante os anos 60 e 70 defendeu-se a despenalização do consumo das drogas com base no respeito pelos direitos do indivíduo. Seguiu-se uma enorme reacção, sobretudo daqueles que, por razões pessoais ou profissionais, são obrigados a lidar com casos graves de toxicodependência. Perante tais casos tão dramáticos e dolorosos, parecia-lhes absurdo falar com a frieza distante dos princípios. A droga seria um mal absoluto a combater e a despenalização do consumo das drogas leves poderia aumentar o risco da passagem para as drogas pesadas.

Mas, agora, surgem vozes destes mesmos sectores que consideram que a proibição da produção e tráfico das drogas vai interferir com lucros de tal modo fabulosos que é impossível impedir a sua difusão. Assim, encaram o fim dessa interdição como única forma de diminuírem aqueles lucros, desincentivarem e controlarem a produção e o tráfego e de combaterem a criminalidade decorrente deste processo. Por exemplo, a proibição de tráfego e consumo de álcool nos E.U.A. teve, como se sabe, efeitos desastrosos que, em grande parte, terão desaparecido com o levantamento da proibição. É claro que o consumo continuou mas, pelo menos, desa-

Rui Epifânio - As medidas repressivas são e serão sempre, de certa maneira, ineficazes. Daí que defenda a dita prevenção sem limites como forma de se diminuírem os consumos. Noutra perspectiva, aceito a punição do consumo e até a posição já defendida por

«Penso que é de distinguir claramente os diferentes problemas (produção, tráfego, consumo, drogas de vários tipos, efeitos imediatos e secundários sobre os indivíduos...) e de encarar todas as alternativas sem tabus nem terrorismos intelectuais.»

M. Emília Brederode

pareceram os efeitos secundários. No caso do tabaco não houve proibições directas, mas algumas indirectas (de publicidade, de modelos fumadores...) e uma intensíssima campanh educativa, que, ao q parece, teve algum êxi apesar dos efeitos cor ditórios que estas cam has, muitas vezes, t Penso que é de distin claramente os diferer problemas (produç tráfico, consumo, drogas vários tipos, efeitos ime tos e secundários sobre indivíduos...) e de enca todas as alternativas se tabus nem terrorismos i telectuais.

J. M. Brandão de Brito - É óbvio que os narcotraficantes, servidos por organizações poderosas e gerindo interesses tentaculares, têm vindo a construir pacientemente o mercado para os seus produtos. Mas, não é menos verdade, que encontram nas nossas sociedades o caldo de cultura adequado para o seu contínuo alargamento. Sob a aparência de um combate que se pretende global, encobrem-se tibiezas e complexidades que obrigam afinal, na maioria dos casos, à procura de soluções individuais e parcelares. Por isso, e ao arrepio das modernas tendências liberalizadoras, creio que os Estados por serem expressão organizada das sociedades, têm de desempenhar nesta matéria um papel fundamental. É que não se trata apenas de reduzir «a ânsia e o desejo do consumo da droga», como defendeu há dias Margaret Thatcher, mas de conseguir no plano internacional, o reforço da cooperação e da solidariedade entre os governos e organizações não governamentais e, no plano nacional, de empreender uma luta pela remoção dos problemas sociais que lhes estão na origem.

J. C. Dias Cordeiro - Maquiavel, seguramente na melhor das intenções, fazia a apologia de que os fins justificam os meios. Em todas as sociedades e em todas as culturas se encontram pessoas, animadas da mais convicta pseudocaridade, que seriam capazes de denunciar mesmo um familiar que se drogasse. Penso que a proibição do consumo de droga deve ser entendida como o oposto à liberalização do consumo. De facto, para ser coerente, a liberalização do consumo obrigaria à liberalização da venda, o que teria consequências extremamente nefastas.

pes- agressão é dos factores mais
s que autodestruidores paras as
roga. pessoas.
n vez **J. M. Brandão de Brito** - A
ssoa repressão tem-se revelado
é en- um processo ineficaz, exac-

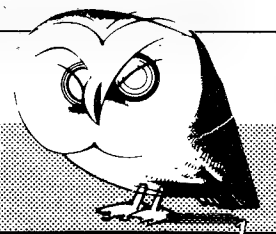
«(...) um indivíduo tem sempre o direito de fazer o que quer à sua vida. Não será que assiste ao próprio indivíduo o direito de matar-se? Porque não o de drogar-se?»

J.M. Paquete de Oliveira

mos tamente porque não tem
in- demonstrado capacidade
agre- para reduzir a incidência do
ido/ flagelo, bem pelo contrário.
mos Porquê, então, reprimir o
e da consumidor? Porquê com-
tero- bater as consequências em
lugar de identificar as causas
e procurar, então sim, debelá-las? Que leva um indivíduo a ser consumidor de estupefacientes?

Parece-me legítimo relacionar a evolução das sociedades nas duas últimas décadas, o profundo processo de transformação

CULTURA



olhar de mocho

Regresso à Galáxia

O programa televisivo de domingo no 2, «Artes e Letras» não só teve o mérito de nos mostrar um dos notáveis da arte fotográfica contemporânea, mas transportou-nos, também, à célebre tese da Galáxia. Anos 60: o canadiano Marshall McLuhan anuncia a «segunda» revolução copérnica. A Galáxia de Gutenberg teria os dias contados, a imagem escrita e fotografada passaria a ser arrumada no sótão das velharias arqueológicas, segundo o «patriarca» dos *media*, a televisão deteria o monopólio da mensagem, seria ao mesmo tempo mensagem e mensageiro. Depois, o norte-americano Neill Postman, já nos meados da década de 80, reforçaria a tese, ampliando-a: a televisão passaria a gerar o puro analfabetismo cultural, daqui para o futuro só existirão *shows* televisivos, baseados nas ossadas da cultura. E também houve autores que sugeriram a divisão da História antes de «Dallas» e depois de «Dallas» - estava dado o mote para o enterro da Galáxia de Gutenberg.

Mas a reportagem sobre o fotógrafo Newton que ontem tivemos o prazer de saborear, demonstrou, também, que as teses sensacionalistas de McLuhan e de Postman têm pés de barro.

Por um lado, Gutenberg ainda não acabou - na Imprensa escrita regista-se um *boom*, na fotografia também. Por outro, o *show* televisivo da televisão - «Dallas» seria palavra-chave e símbolo - não esgota as audiências quando surgem programas como o feito sobre Helmut Newton. A revolução de Gutenberg ainda não foi sepultada com a «telecracia» do pequeno ecrã. As fotografias de Helmut Newton não são «decadentes e reaccionárias», um postulado da tese de Postman para quem, no império da Televisão, não haveria lugar para coisas do espírito, para beleza, para voyeurismo, para a subjectividade de quem com o olhar recria a natureza.

E se for lícito recuarmos um pouco no tempo, seremos obrigados a concluir que o Kant da Prússia oriental volta a estar na moda. Primeiro, porque ele partiu da beleza existentes nas imagens da natureza: «o que é sublime provoca-nos, o que tem beleza obriga-nos a pensar». E depois, porque esse mesmo Kant foi, agora, repescado pelo «patriarca» do pós-modernismo que dá pelo nome de Jean-François Lyotard. A beleza captada num momento é o «sublime» de Kant, regressaram às escolas filosóficas numa autêntica era de Renascimento: por um lado, joga-se aí todo o movimento ecológico de defesa da Natureza que é o ninho da beleza e do sublime. Mas por outro, e este será aqui o mais importante, a ditadura do império da Televisão é fortemente contestada. Helmut Newton contribui, ao ser passado no pequeno ecrã, para fomentar o relativismo desse império.

Em tempos de Páscoa onde a ressurreição é ponto central, surge o fotógrafo Newton a relembrar que a Galáxia de Gutenberg também ressuscita e que os novos imperadores da civilização mediática, afinal, ainda estão na escola dos sargentos.

José Sousa Monteiro

No meio da pobreza teatral portuguesa - de que tanto se fala... - eis que vamos poder ver, e não apenas em Lisboa, Shakespeare representado por uma das melhores companhias teatrais europeias

Kenneth Branagh em Portugal

Kenneth Branagh e a sua Renaissance Theatre Company estarão em Portugal, numa iniciativa conjunta do British Council e do Teatro Nacional D. Maria II, a partir de 20 de Abril, para a apresentação das obras shakesperianas «Rei Lear» e «Sonho de uma Noite de Verão». Os dois espectáculos são encenados e protagonizados pelo jovem actor inglês.

Será uma oportunidade única para presenciar, na língua original, a actuação de uma companhia de teatro que é (e, diga-se, que com alguma justiça) considerada por muitos a melhor de Inglaterra, rivalizando - em vantagem, dizem os entendidos - com o National Theatre e com a célebre Royal Shakespeare Company.

No Porto, no Auditório Nacional Carlos Alberto, a 20 e 22 de Abril, será apresentado «O Sonho de uma Noite de Verão» e o «Rei Lear», no dia 21.

Os amantes de Shakespeare de Coimbra, terão a oportunidade de presenciar as mesmas peças, pela ordem atrás referida, no Teatro Gil Vicente, nas noites dos dias 27 e 28 de Abril.

Na capital, os espectáculos poderão ser vistos nos dias 2, 3, 4 e 5 de Maio, no Teatro de S. Luís (e não no Teatro Nacional, devido às obras em curso neste último).

Simultaneamente, terão lugar actividades paralelas, entre 11 de Abril e 4 de Maio, que versarão a estrutura da Renaissance Theatre Company (RTC), os textos de Shakespeare que vão ser representados e os próprios espectáculos.

Aquelas actividades iniciaram-se no dia 11 de Abril com a projecção do filme «Henry V», realizado por Laurence Olivier, inserido no ciclo de cinema dedicado a Shakespeare, uma iniciativa da Cinemateca Portuguesa, do British Council e do Teatro Nacional D. Maria II. A mostra de cinema prolongar-se-à até dia 26 de Abril, altura em que terá lugar a ante-estreia da versão cinematográfica do «Henry V» de Branagh, a que este estará presente. Entretanto, serão apresentadas obras de realizadores como Bergman, Kurosawa, Woody Allen e Orson Welles.

A estrutura da companhia inglesa que, em termos económicos, vive unicamente de financiamentos privados, será alvo de debate, inserido na temática «Modelos de Produção Teatral» que promoverá um encontro entre membros da RTC, profissionais de teatro e a imprensa especializada, nos dias 21 de Abril e 3 de Maio, respectivamente, no Porto e em Lisboa.

Os textos de Shakespeare que vão ser representados serão objecto de comunicações de Ivette Centeno e António Feijó e de leituras encenadas realizadas por actores do Teatro Nacional, no dia 27 de Abril, em Lisboa.

No dia 4 de Maio, os críticos de teatro terão oportunidade de debater os espectáculos da RTC, no salão nobre do Teatro D. Maria II.

Kenneth Branagh

Branagh: «O Fazedor»

Kenneth Branagh, com apenas 29 anos de idade, é já considerado um dos maiores actores de teatro ingleses. Dirigiu, protagonizou e adaptou cinematograficamente o filme «Henry V» (que foi nomeado para os *oscares* nas categorias de melhor realizador, melhor actor principal e melhor guarda-roupa - tendo vencido nesta última).

Por outro lado, escreveu duas peças teatrais, «Tell me Honestly» e «Public Enemy» e, aos 28 anos, foi autor de uma autobiografia, «Beginning». Esta última obra foi realizada, unicamente, com objectivos lucrativos (facto que, aliás, o autor não esconde no prefácio do livro), tendo em vista angariar fundos para a criação da sua própria companhia, a Renaissance Theatre Company. Pode dizer-se que foi, quase exclusivamente, com o mesmo fim que participou em filmes como «High Season», onde contracenou com Jaqueline Bisset, «A Month in the Country» ou em séries de televisão como «Fortunes of War». O dinheiro angariado, gerido «milagrosamente» pelo consultor financeiro Stephan Evans, permitiu a criação e a solvência da RTC e, inclusivamente, a produção da obra cinematográfica já referida.

A companhia não recebe qualquer financiamento estatal. Referindo-se a este facto, Branagh afirmou que ele não constitui qualquer adesão voluntária ao *tatcherismo*, mas sim «um facto duro da vida e deve-se à política filistina promovida pelo Governo».

A Renaissance não possui instalações nem elenco permanente. Este é, na sua quase totalidade, constituido pelas grandes estrelas da Royal Shakespeare Company: Judi Dench, Richard Brieres, Derek Jacobi e Brian Blessed são (apenas para citar alguns exemplos) «frequentadores habituais» dos palcos da RTC.

Os factos descritos anteriormente colocam Branagh na boa tradição britânica dos actores-empresários (que, aliás, e por motivos vários, parece estar a renascer em termos de gestão teatral). Por outro lado, o sucesso demonstrou, como o actor queria, que o grande dramaturgo inglês pode ser levado a largas camadas do público.

O percurso de Kenneth Branagh é, frequentemente, comparado ao de Laurence Olivier e alguns factos aí estão para justificar esta atitude (a enumeração é meramente exemplificativa): ambos escreveram autobiografias (Olivier apenas aos 75 anos); ambos tentaram modificar o panorama do teatro inglês do seu tempo, os dois se inseriram na, já referida, tradição dos actores-empresários; curiosamente, as duas únicas versões cinematográficas do «Henry V» foram realizadas por Branagh, em 1989, e por Olivier, em 1947.

A jovem estrela do teatro britânico nasceu em Belfast e, cedo se mudou com a família para Londres devido à violência que se verificava naquela parte do mundo. Na capital inglesa decidiu (contrariando a vontade dos pais) frequentar a Royal Academy of Dramatic Art e depressa foi convidado para trabalhar na Royal Shakespeare Company, o que acabou por fazer representando o papel principal na peça «Henry V», não sem antes ter actuado no West End londrino.

Mário Rocha

CULTURA E ESPECTÁCULOS

"Divina" lhe chamavam, e nesse epíteto cabia toda a reclusão imposta pela lenda. Greta Garbo morreu ontem num hospital de Nova Iorque. Desde 1941 que o mundo não sabiamais dela do que passará a saber agora. Nunca do seu nome foram alimentadas entrevistasbombásticas ou colunas de escândalos. Celebrizada a frase-chave de um dos seus filmes deculto, a actriz acabou por viver à medida desse desabafo: "Quero que me deixem em paz"

O mistério continua

Relutantemente, Hollywood viu-a partir, após a sua "Ninotchka", a caminho duma reclusão que substituiu o crepúsculo. Para ela, não houve decadência. Depois do apogeu, as décadas da vida de Greta Garbo abismaram-se nos confins do tempo, sem ecos para fora. Ocasionalmente, era vista pelas ruas de Nova Iorque, sob a capa imensa dos óculos escuros. E as revistas especulavam: "Ela ainda é muito bela". Garbo nunca tirou por isso os óculos. E nunca mais desceu ao mundo.

Afinal, ela estava morta há quase 50 anos. Billy Wilder poderia ter aproveitado a história desta ascese para fazer um filme sobre os deuses sem crepúsculo. Da enorme continência desta actriz, parte a estranha evolução dum duradoiro mito hollywoodesco. O único mito que não exigiu imolação. Garbo devia saber que o seu caminho era a única alternativa ao sacrifício sumário dos únicos que ascenderam à lenda: Bogart, Marilyn, James Dean. Escolheu a morte em vida, que é uma outra forma de morte prematura para os eleitos dos deuses.

O destino marcou cada uma das estranhas opções da "Divina", na sua ascenção a partir de uma família sueca muito pobre (no seio da qual nasceu a 18 de setembro de 1905). O pai, açoigueiro em Estocolmo, conseguiu-lhe o primeiro emprego num cabeleireiro da cidade. Dali partiu ela para o primeiro filme publicitário, para a primeira curta-metragem cómica, para o primeiro curso de teatro. Descoberta pelo pioneiro Mauritz Stiller, Greta Gustafsson acabou por partir com ele para Hollywood, em 1925 Apesar de ser considerada "demasiado gorda" por Louis B. Mayer - o patrão da M.G.M. -, a actriz consegue sucesso imediato no seu primeiro filme americano: "The Torrent" (1926).

Entre 1926 e 1941, contracenou em cerca de 45 filmes, muitos deles com os mais célebres galãs da época: Clark Gable, Melvyn Douglas, Frederic March, John Gilbert, Robert Taylor, John Barrymore. De alguns dos colegas fez alguns dos seus poucos amigos. Nunca casou. Teve alguns romances conhecidos, como a tempestuosa ligação com John Gilbert, que quis casar com ela. Nesse tempo, corria em Hollywood que ela chegava a fechar-se nas casas de banho dos hoteis para não ter de comparecer na cerimónia de casamento.

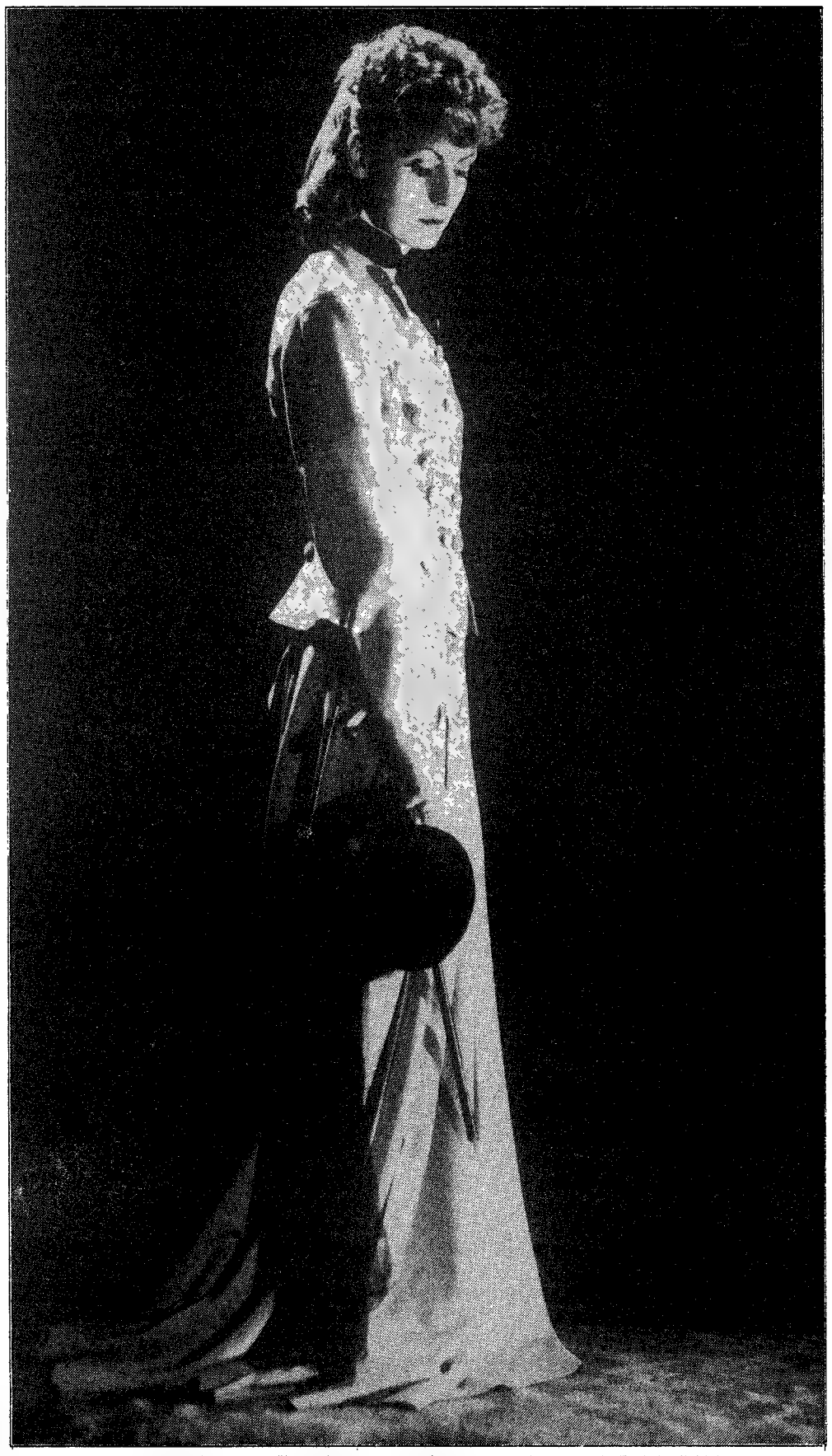
No advento do cinema do cinema sonoro, o estúdio temeu pela carreira da actriz. A voz profunda, com marcado sotaque, acabou por impor-se como uma das componentes da lenda de Greta Garbo. E é o sonoro que lhe lança a primeira ponte para o mito. Os cartazes diziam já, como quem se refere a Deus: "Garbo Fala!".

No seu penúltimo fiilme, "Ninotchka" (Ernst Lubitsch, 1939), anunciava-se outro sortilégio: "Garbo ri!". Abalada a última barreira entre ela e o seu público, Garbo retirou-se aos 37 anos, após as filmagens de "Two Faced Woman" (George Cukor, 1941). Nunca mais falou da carreira nem recebeu os jornais.

Contentava-se ultimamente com ocasionais passeios ao Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, onde, sozinha, visionava os seus filmes. O apartamento de Manhattan costumava ter as cortinas fechadas. Por trás delas, desenhava-se o fumo do mesmo cigarro, na mesma longa espera de "Deus sabe o quê", diziam os amigos. Incógnita e disfarçada, não ousava mesmo assim entrar nas lojas da Baixa onde a multidão sempre a assustou. Reconhecia que perdera a esperança de novos projectos. Queria comprar um rancho e viver no interior - dizia-se que ela tinha confidenciado isto a John Gilbert. Nunca o fez.

Clinicamente morta aos 84 anos (fontes hospitalares recusam-se a revelar a causa), Greta Garbo estava morta por opção desde os 37 anos. Mais importante do que apurar circunstâncias duma vida póstuma, será indagar sobre a força imensa que lhe permitiu a ascese. Ela foi a única lenda sem crepúsculo nem imolação. Uma grandeza por igualar, em toda a história do cinema.

Marina Tavares Dias



"A Arte da Ressurreição"

"Fez uma coisa que poucas artistas conseguiram fazer: retirar-se no auge da carreira. Estava óptima, tinha apenas 36 anos quando abandonou o cinema". Assim se referiu a Greta Garbo o cineasta António Lopes Ribeiro. Mais novo do que a actriz, Lopes Ribeiro completa hoje 82 anos. Considerando Garbo ao nível dos maiores mitos de Hollywood, nota que a "divina" poderia "ter feito muito mais, se não tivesse abandonado tão cedo o cinema". A actriz eternizar-se-á na sua obra, porque " o cinema - diz Lopes Ribeiro - é a arte da ressurreição".

PROGRAMA

- **Dia 19** às 21.45 h — *Teatro,* nos Recreios da Amadora
- **Dia 23** às 21.30 h — *Exposição «Portugal em Abril»*, na Galeria Municipal
- **Dia 24** às 21.30 h — *Música Popular Portuguesa,* no Parque Central
- **Dia 25** a partir das 9.30 h — *Inauguração do Coreto, Concerto de Bandas, Largada de Pombos,* no Parque Central
- **Dia 27 e 28** às 21.30 h — *3.º Festival de Música Popular Portuguesa* D. João V - Damaia
- **Dia 28** às 09.30 h — *Sarau de Ginástica* no Parque Central
- **Dia 29** às 10 h — *Estafeta,* partida e chegada da CMA
- **Dia 29** às 16 h — *Rock em Estreia*, no Jardim das Águas Livres — Damaia

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Inaugurada no sábado, a exposição fotográfica de José Antunes estará patente até dia 29, no Padrão das Descobertas. Por ela passa uma Lisboa em ficção real, auto-retrato do tempo perdido

Lisboa enquanto há

Eurico Vasconcelos

José Antunes (à direita) no acto inaugural da sua exposição

A cor é, para ele, uma experiência nova. Sai de casa com a "maquinazinha" e... "em vez de ir para o jardim jogar às cartas", retoma os cantos à cidade e faz de muita pose lisboeta um fragmento de eternidade. Durante anos, foi ele mesmo uma das figuras da sua "Lisboa na rua": o repórter fotográfico. Nesse tempo, cada fotografia era urgente e a preto-e-branco, para o jornal.

Chamavam-lhe (chamam-lhe) "mestre". E isso queria dizer, quase sempre, que dele se esperava o "boneco" mais rápido e melhor, em ocasião generosa como em ocasião ingrata; a propósito de visita régia, primeiro dia de Primavera ou simplesmente coisa nenhuma. Continua com a "nostalgia do boneco para a primeira página". Mas, devolvidas à sua paz primordial, as fotografias que faz agora reflectem-no melhor.

A Lisboa de José Antunes é uma cidade em retratos e auto-retrato. Uma realidade de ficção paralela à realidade quotidiana. E as 90 fotografias expostas agora em Belém reconstituem a cidade para além do seu caótico presente e do seu incerto futuro. Como se, passados os anos da urgência noticiosa, cada imagem fosse por ele muito escolhida e ponderada. A ilusão do real é tão mais perfeita quanto cada uma das fotografias joga no campo seguro das referências etnográficas. Mas esta Lisboa, ao contrário do que parece, não existe aos olhos de todos.

Qualquer um pode andar pelas ruas, utilizá-las ou habitá-las. Conhecer Lisboa é outra coisa. Morar em Lisboa é outra coisa. Morar em Lisboa é atentar nas pessoas, nas casas, nas zonas onde o típico permanece anterior ao "kitsch". Venerar Lisboa é outra coisa ainda: é conseguir isolar essas ilhas puras para as salvar do real. Esta última, genial tarefa, aparece cumprida na obra recente de José Antunes. E é com algum orgulho que ele confessa isso mesmo: «Já viu como na exposição aparece tão pouca *lata*? - Consegui fotografar Lisboa quase sem automóveis.»

Há nestas fotografias misteres e poses que só em Lisboa conseguiram esconder-se do tempo. A hortaliça em bancas à porta das novas lojas do Bairro-Alto; o ponto-pé-de-flor bordado no degrau soalheiro de Alfama; a música habitual no coreto da Avenida que o Jardim da Estrela importou; o velho moço de padeiro com o mesmo cesto dos seus vinte anos; a conversa de vizinhos com o ferro-velho ambulante; o "deita-gatos" a restaurar panelas à sombra de gaiolas com canários. Tudo isso em Lisboa, tão longe da Lisboa vulgar que se diria auto-retrato de um artista tranquilo.

Apesar de reconhecer a superioridade do preto-e-branco, José Antunes utiliza a cor no registo suplementar da Lisboa festiva. E são talvez as procissões, as manifestações, os desfiles que melhor se enquadram nessa opção. O contraste perfeito não se perde, contudo, em cada um dos retratos populares. E é frequente uma luz amarela a definir, para além de uma porta, o perfil ou o afazer de alguém. Depois, há outra cidade perante a qual o fotógrafo condescende, na busca de mais expressões, referentes a novos hábitos: são os centros comerciais e as horas de ponta, em zona temática quase periférica. Mas mesmo no engarrafamento da rotunda da Avenida, o primeiro plano escolhido cabe a dois dos últimos táxis lisboetas dos anos 60.

Falta dizer que estas pessoas, fotografadas por José Antunes nas ruas de Lisboa, raramente sorriem. Tenho para mim que isso se deve à intuição de um destino solene, à responsabilidade da transmissão da memória. O segundo fragmentado que, pela via fotográfica, arremessam à eternidade, nunca poderia ser tão leviano como o juízo que deles farão os vindouros. É que Lisboa ainda é assim mesmo, no ano da graça de 1990: "Uma cidade cheia de olhar".

"Uma vida inteira para pintar ou escrever acerca deste alfobre de destinos", pediu Alves Redol. Uma vida inteira para o fotografar da maneira mais serena, na zona mais calma, no gesto mais memorável, tem sido a de José Antunes. É ele quem vai descobrindo as filhas das filhas das filhas das peixeiras de Joshua Benoliel. É ele quem vai sabendo que esta é a última oportunidade para fazer isso: fotografar o povo de Lisboa.

Marina Tavares Dias

Dizzy Gillespie poderá actuar em Portugal em Maio

O célebre jazzman norte-americano, Dizzy Gillespie poderá vir actuar em Portugal em Maio, disse quinta-feira o seu empresário.

O trompetista chegou quinta-feira a Lisboa, vindo de Nova Iorque, para desempenhar o papel de Bill Swan, no filme «O Inverno em Lisboa», realizado por José Antonio Zorrilla e produzido por Tino Navarro e para o qual compôs a música.

Correio da Manhã Rádio transmite MandelaDay na íntegra

O «Correio da Manhã Rádio» vai transmitir em directo e na íntegra, o concerto de celebração de Nelson Mandela hoje, a partir das 18 horas de hoje com a reportagem, em directo do Estádio de Wembley.

Participarão neste concerto os nomes de Johny Cleg, Lou Reed, Peter Gabriel, The Neville Brothers, Simple Minds, Little Steven, Natalie Cole entre outros. A RTP transmitirá em directo a pimeira parte do dito concerto, o que exclui o discurso de Nelson Mandela que terá lugar cerca das 22 horas.

Jean Ziegler reincide: depois de «A Suíça acima de qualquer suspeita», ei-lo que acaba de publicar «A Suíça lava mais branco», outra revelação escabrosa sobre um país aqui tão perto e de que saberíamos tão pouco não fossem este sociólogo e o seu companheiro de geração, o cineasta Alain Tanner

Um Guilherme Tell...

Orson Welles, em «O Terceiro Homem», às tantas dizia qualquer coisa como isto: «Na Suíça só há chocolates e relógios de cuco.» Poderia ter acrescentado que há também Guilherme Tell. Há, digo bem, e não houve, porque se Guilherme Tell já morreu, o espírito de justiceiro solitário que ele simboliza, esse persiste na Suíça.

Jean Ziegler, pelo menos, mantém tal espírito e o seu novo livro «A Suíça lava mais branco», editado já este ano, é qualquer coisa como uma reincidência desse outro publicado a meio da década de 70, «A Suíça acima de qualquer suspeita».

No conjunto, as duas obras aquilo que fazem é revelar-nos esse país aqui tão perto e do qual sem Ziegler pouco mais saberíamos do que Orson Welles em «O Terceiro Homem».

É isto um tanto injusto, porque uns anos antes de Ziegler ter escrito «A Suíça acima de qualquer suspeita», um outro suíço - Alain Tanner, cineasta - fazia um filme que era uma denúncia também dos males do seu país.

Mas se com o «Último a Rir», «A Salamandra» e por aí fora, Tanner foi dizendo sempre dessa hipocrisia tão suíça, há uma diferença entre ele e Ziegler, homens hoje ambos na casa dos 60 anos. Enquanto Tanner, de simpatias esquerdistas, foi passando da denúncia irónica à utopia, para cair na desesperança e quase no desespero, Ziegler, como social-democrata que é, continua a acreditar-se um Guilherme Tell. «Os meus livros são as minhas armas», disse ele um dia.

Se um homem só pode ou não pode mudar o mundo, pouco importa, a discussão é algo académica, mais fascinantes do que discuti-los sempre foram os percursos de todos os justiceiros solitários.

Poder-se-ia dizer em abono da crença de Ziegler que entre 1976 (data do seu livro «A Suíça acima de qualquer suspeita») e 1990 se o seu país mudou foi para pior. A classe possidente está hoje mais rica, mais cínica, mais surda se possível às muitas denúncias e aos muitos apelos de homens como Tanner e Ziegler (e eventualmente outros, mas suíços que se saiba há estes dois, e um *objecto* híbrido meio suíço, meio francês que dá pelo nome de Jean-Luc Godard, mas este é outra galáxia).

Que a Suíça não é só o que Ziegler e Tanner dizem provam-no, curiosamente, dois factos, indesmentíveis: Tanner continua, apesar de tudo, a poder filmar; e Ziegler, para além de dar aulas na Universidade, tem sido há longos anos sucessivamente eleito pelas listas do Partido Socialista.

Há gente na Suíça, pois, que apoia ambos, mas não é desta gente que o último livro de Ziegler sobretudo fala. É da outra, dos homens e mulheres com pés bem assentes sobre o ouro vindo dos quatro cantos do mundo, que continuam a imperar e a ditar leis, e sabemos também agora, a «limpar» o dinheiro sujo de todas as mafias e a viver disso.

Aquilo que com «A Suíça lava mais branco» Ziegler denuncia é precisamente a lavagem do dinheiro da droga e do demais capital internacional de proveniência duvidosa. Todo este dinheiro chega à Suíça ao abrigo do segredo bancário, uma disposição legal que é uma moral e uma filosofia de viver. Depois, uma verdadeira legião de funcionários encarrega-se de o reciclar, aplicando-o em investimentos acima de qualquer suspeita.

A Suíça torna-se assim, a um tempo, o cofre forte do mundo e uma placa giratória de capitais. Só em casos extremos tem sido possível demover o país desta amoralidade que faz dos bancos suíços os possuidores do terceiro tesouro do planeta.

«A Suíça lava mais branco» lê-se como uma novela daquelas em que se pega e só se larga chegada a palavra «fim». E nela avulta uma personagem: a de Ziegler, evidentemente. Ele mais a sua crença, a sua obstinada crença em que pela divulgação dos factos mais escabrosos, algo pode mudar para melhor.

Não sei se ele, a bem dizer, acredita nisso, ou se, como a personagem da velha tia do último filme de Tanner («A mulher de Rose Hill»), toma esta atitude apenas como uma questão de princípio, um acto quixotesco ou (já que estamos na Suíça) para fazer jus à herança de Guilherme Tell.

Mas uma coisa é certa: se hoje a Suíça não é mais para nós uma mancha neutra, ali perdida no meio da Europa, é por causa de homens como Ziegler e Tanner.

A um país sem rosto deram-lhe uma identidade e graças a eles a Suíça perdeu para nós a indiferença, que é o oposto de todos os sentimentos.

Rodrigues da Silva

Psicanalistas vão reunir-se para discutirem fenómeno político

Um outro filme

"E assim teremos uma cidade para nós e para vós, que será uma realidade e não um sonho,como acontece na maioria delas, onde se combate por sombras e não pelo verdadeiro Bem"

Platão

Nos próximos dias 20 e 21 e 21 de Abril, no Auditório da Universidade Católica de Lisboa, o VI Colóquio da Sociedade Portuguesa de Psicanálise decorrerá sob o tema Psicanálise e Política. Interrogámo-nos, pois, junto de dois dos seus organizadores - Frederico Pereira e Fernanda Alexandre - acerca das linhas e motivações fudamentais deste colóquio, procurando esclarecer um pouco melhor este título genérico - propício a tantas fantasias...

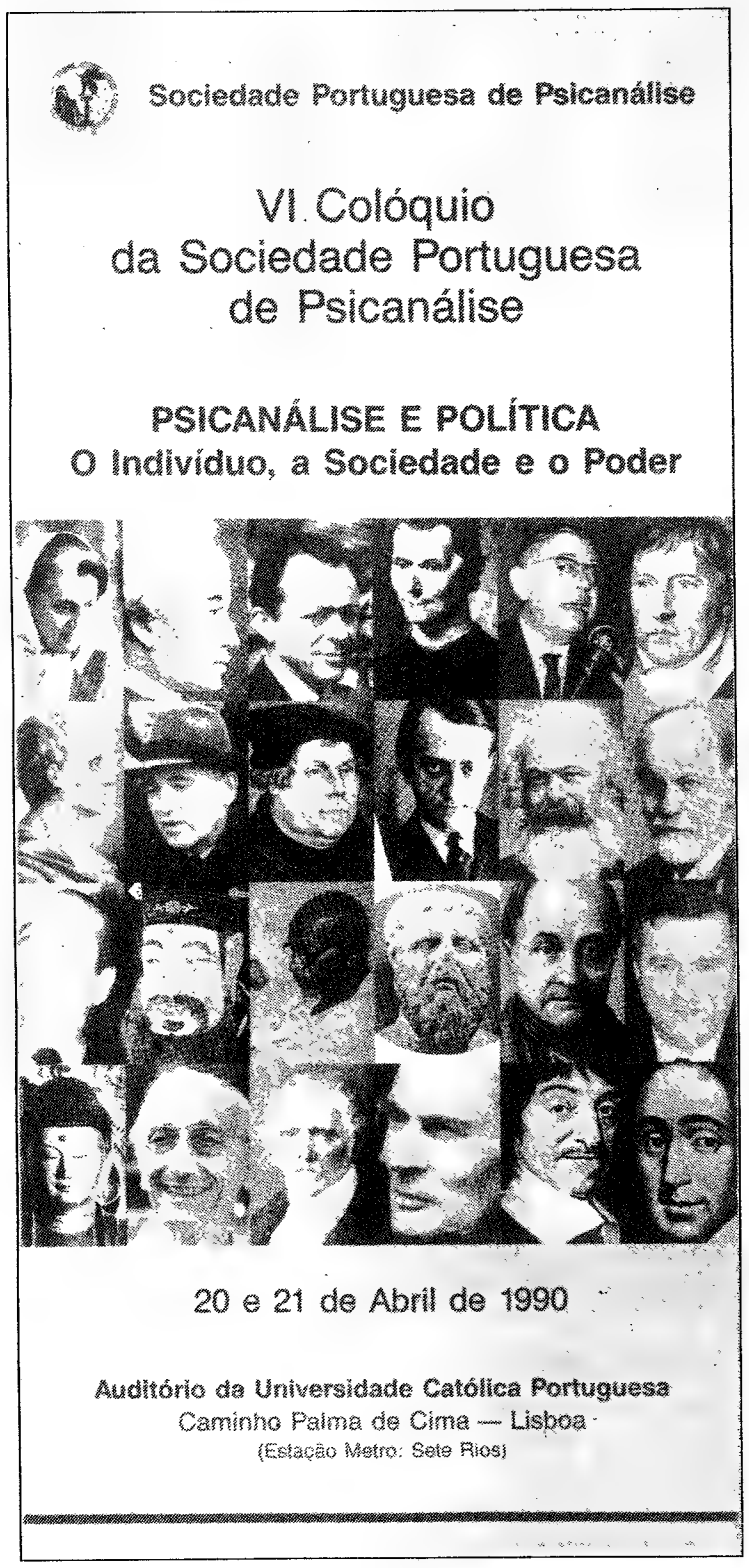
No projecto deste colóquio, os organizadores procuraram cruzar pontos de vista diversos, vozes de outros terrenos. Assim, entre os intervenientes, para além dos nomes já conhecidos da psicanálise, Pedro Luzes, C. Amaral Dias, Frederico Pereira, Eduardo Cortesão, etc, constarão ainda as presenças de Mariano Gago e David Mourão Ferreira.

Estamos já de certo modo familiarizados com os temas inicialmente "privilegiados" da investigação psicanalítica. A imagem exterior desse privilégio gerou, inclusive, muitas confusões ideológicas, criando um preconceito no senso-comum, de que a "psicanálise só se ocuparia do indivíduo isoladamente". Mas os problemas do alcance e limites da psicanálise não passaram nunca por aí, tão só pela historicidade do desenvolvimento de qualquer ciência, e pela emergência de novos objectos problemáticos. Depois, como ninguém sabe, a começar pelos psicanalistas, o que é isso do "indivíduo isoladamente, o senso-comum teve de se haver consigo próprio...

Então este colóquio, de que trata? Da política da Psicanálise? "Não", Jaime Milheiros escreveu no texto de abertura "que é um assunto cativante mas exigente de outra circunstância". Trata-se, então, de psicanalisar os políticos? Não! "Deixamos o divã em casa, e fazemos até questão de afirmar que qualquer semelhança entre o que aqui se passar ou disser e pessoas reais ou factos realmente acontecidos, não será, como nos filmes, mais do que mera coincidência".

Trata-se de um outro filme.

Numa época em que o mundo parece virado do avesso, em que a situação internacional processa uma quantidade de factos/informações que denotam a complexidade crescente das normas, dos valores e das atitudes, parece oportuno - é talvez inevitável - que a psicanálise, ciência das relações humanas, dê o seu contributo, no sentido (talvez o único possível) de **ajudar a pensar a relação humana política.**



A psicanálise tem vindo, progressivamente, a penetrar em novos campos, depois do divã e da análise cultural, terrenos a partir dos quais se iniciou, e são célebres alguns dos textos em que Freud iniciou a pesquisa da acção do homem no plano político-social ("Mal-estar na Civilização", "Futuro de uma Ilusão", "Psicologia Colectiva", etc).

O fenómeno político, mais precisamente do poder, começou entretanto a tornar-se, nas últimas décadas, um importante centro de atenção, fruto da prória evolução da sociedade, e dos problemas daí emergentes. Esta evolução fez-se no sentido, cada vez mais visível, da lógica da competição, narcísica por excelência, começando a gerar, por sua vez, patologias específicas.

"A complexificação do fenómeno político" - referiu Frederico Pereira - "com o grande peso atribuído à retórica, e o enorme desenvolvimento da tecnologia", tende a colocar o indivíduo em ruptura consigo próprio, "pela valorização da **externalização** na esfera do social, valorização do lado espectacular da relação política".

Assim, o que aparece como preocupante, nas palavras de Fernanda Alexandre, é o desfasamento entre o aumento da tecnologia e da informação, e a capacidade para pensar toda essa informação e lhe dar um sentido na direcção do bem-estar.

O mundo actual, assente nesta lógica da competição e do espectáculo, empurra os indivíduos para "um pseudo-reordenamento narcísico através da ultrapassagem do outro", colocando-o constantemente sob pressões sociais. A preocupação da psicanálise será então a de ajudar a pensar o modo de lidar com essas pressões, que acarretam consigo o aumento das pulsões de morte (ligadas ao narcisismo). Talvez não estejamos longe da velha busca sartriana, que afirmava a **liberdade** como essência do homem... Assim, importa pensar "o problema da dispersão do indivíduo no grupo, do apagamento do sujeito", enquanto ser livre, autêntico e criativo. Para Frederico Pereira, do ponto de vista psicanalítico, importa restituir ao homem a **auto-estima**, a **capacidade de pensar** e **amar**, o que coloca a investigação psicanalítica numa dimensão extremamente humanista.

É importante salientar, voltando ao que fora inicialmente aflorado, que a integração cada vez mais insistente destes temas na reflexão analítica, "resulta de um desenvolvimento interno do saber analítico nas últimas décadas", que tornou possível uma melhor compreensão das determinações psico-relacionais da capacidade de pensar; e parece, cada vez mais, ser da ausência ou bloqueio desta capacidade que advém todo - ou quase todo - o sofrimento humano. É deste bloqueio - que leva os homens, entre outras coisas, à corrida pelo Poder - que a psicanálise se ocupa.

"Em circunstâncias de exercício" - diz o Dr. Jaime Milheiro no citado texto de abertura - "que existirão apenas na cidade ideal, tudo se passaria como se o poder ao ser posto em marcha deixasse de existir. Seria exercido de tal forma que ninguém dele se aperceberia. Não seria mais do que um boato, que - perdoe-se-nos a ironia - só poderia ser da reacção, porque o que neste ponto dizemos é ainda levemente revolucionário. Mas o filme nunca será tão cor-de-rosa, certamente".

Margarida Medeiros

BREVES

Morreu o escritor sueco do «proletariado»

O romancista sueco Ivar Lo Johansson morreu aos 89 anos - de «velhice», disseram os médicos - na passada quarta-feira, em Estocolmo. Autor de cerca de sessenta livros, os seus romances evocam as classes desfavorecidas da Suécia de antes da Guerra, designadamente os jornaleiros agrícolas e os operários citadinos, tornando-o no escritor «de cabeceira» dos sindicalistas sociais-democratas.

Portugal representado em força na Europália de 91

A convenção para a Europália-91 Portugal, o maior festival de cultura e arte alguma vez realizado sobre o nosso país e a apresentar na Bélgica entre Setembro e Dezembro de 1991, é assinada amanhã no Palácio da Ajuda. Segundo a organização, a Europália «representa a oportunidade de Portugal dar no estrangeiro, pela primeira vez, uma visão global da sua cultura e do essencial do percurso da sua história desde a fundação da nacionalidade aos nossos dias».

Objectos de Bette Davis foram leiloados

Objectos que foram pertença da estrela de cinema Bette Davis atingiram recordes de preço num leilão realizado em Nova Iorque a passada semana. Um quadro representando a artista num longo vestido negro - o que usou em «All about Eve», assinado por Edith Head e estimado entre 1200 e 1800 dólares - foi arrematado por 23 100 dólares. Um par de óculos e de pestanas falsas de Bette Davis foi vendido por 550 dólares, dez vezes acima do seu valor. Algumas malas da artista, estimadas entre os 200 e os 400 dólares, foram levadas por 935 dólares. São os preços da fama.

D'Assis Cordeiro expõe no Algarve

O pintor D'Assis Cordeiro expõe até 12 de Maio na Galeria Algarve, em Albufeira, as suas telas. A temática é comum: colunatas, arcos, construções arquitectónicas, janelas em perspectiva. Obsessivamente e em tons pastel. A inauguração foi no sábado passado.

Teatro de Portalegre leva Gil Vicente à SPA

O Teatro de Portalegre leva à cena na Sociedade Portuguesa de Autores, as peças de Gil Vicente, "Autos da Índia e das Fadas".

Encenados por José Mascarenhas, com cenários e figurinos de Vladimiro Franklin, os autos de Gil Vicente são desempenhados por Conceição Gonçalves, Fátima Reis, José Figueiredo Martins, Lígia Duarte, Victor de Freitas e Victor Pires.

As representações terão lugar nos dias 16, 17, 19 e 20, às 18 horas, no pequeno Auditório Frederico de Freitas, da Sociedade Portuguesa de Autores.

Prémio José Afonso para Sérgio Godinho

O Prémio José Afonso foi atribuído ao LP aos «Nossos Amores» de Sérgio Godinho. Este prémio é anualmente atribuído pela Câmara Municipal da Amadora. A sua entrega terá lugar no III Festival de Música Popular que decorre nesta cidade de 21 de Abril a 1 de Maio. «De um Tempo Ausente» dos Sétima Legião foi distinguido com o segundo prémio e o «Bairro do Amor» de Jorge Palma com o terceiro. Sérgio Godinho irá apresentar quinze espectáculos em Lisboa no auditório Franco-Português a partir da noite de 27 de Abril.

Seminário de flauta de Bisel entre 17 e 22 de Abril

Realiza-se entre 17 e 22 de Abril um seminário de flauta de Bisel, orientado pelo professor holandês Peter Holslag. Paralelamente ao seminário, decorrerão algumas actividades como conferências sobre ornamentação (depois de amanhã, às 15.30) na Sala de Conferências do Conservatório de Lisboa. Na quinta-feira à mesma hora e local da véspera realizar-se-à nova conferência, desta feita sobre a actuação musical em público. Sexta-feira, às 21.30, no Salão Nobre do Teatro Nacional de São Carlos decorrerá um solo de recital de flauta.

DESPORTO

Campeonatos nacionais de futebol

«Dragões»: só faltam oito pontos

Nomes e números

Nacional-Estrela da Amadora

Árbitro: Carlos Valente (Setúbal).

NACIONAL — Vítor Pontes; Ladeira, Heitor, Paulinho e Cristiano; Edu, Dinis, Sylvanus e Paulo Sérgio (Mário, aos 80); Robertinho e Edmilson.

ESTRELA DA AMADORA — Melo; Rui Neves, Duílio, Barny e Caetano; Rebelo, Bobó, Paulo Bento e Paulo Jorge (Nelson Borges, aos 67), Baroti (Pedro Xavier, aos 67) e Ricky.

Golo de Robertinho, aos 56.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Paulo Bento (16) e Caetano (90); cartão vermelho a Paulo Bento (31).

Guimarães-Setúbal

Árbitro: Miranda de Sousa (Porto).

GUIMARÃES: Sérgio; Cerqueira, Germano, Williams e Jorge; Roldão, João Baptista (Peixoto, 89 m), Soeiro e N'Dinga; Chiquinho (Basílio, 80 m) e Silvinho.

SETÚBAL: Jorge Martins; Hélio (Edward, 45 m), Quim, Dito e Figueiredo; Vítor Madeira, Gil, Jaime Pacheco e Quinito (Aparício, 45 m); Mladenov e Makukula.

Golos: João Baptista (33 m, de penalty); Soeiro (44 m) e Makukula (66 m).

Beira Mar-Belenenses

Árbitro: Francisco Silva (Faro).

BEIRA MAR — Quim; Redondo, Ivan, Carvalhal e Petrov; Abdel-Ghany (Jarbas, 88 m), Sousa, Bozinoski e Mário Jorge; Freire (Paquito, 85 m) e Penteado.

BELENENSES — Mihaylov; Galo, José António (Adão, 53 m), Edmundo e Grosso; Oliveira; Jaime, Juanico e Gonçalves; Chiquinho e Saavedra (Jorge Silva, 69 m).

Golo de Petrov (47 m).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Saavedra (40 m) e Bozinoski (54 m).

Penafiel-União da Madeira

Árbitro: Bento Marques (Évora).

PENAFIEL — Cerqueira; Vinhas (Djão, 74 m), Nikita, Vasco, Artur; China (Delgado, 45 m), Secretário, Rui Manuel, Amâncio; Coelho e Rebelo.

UNIÃO: Pimenta; Nelinho, Jorge Costa, Mota, Casimiro; Monteiro, Jairo, Markovic (Edilson, 74 m), Renato; Ricardo Jorge e Hajry.

Acção disciplinar: cartões amarelos para Hajry (24 m)), Rebelo (61 m) e Nelinho (87 m).

Porto-Boavista

Árbitro: Xavier de Oliveira (Porto).

FC PORTO — Vítor Baía; Semedo, Paulo Pereira, Geraldão e Branco ; Jaime Magalhães, André, Nascimento (Marito, aos 63 m) e Jorge Couto (Kiki, aos 76 m); Rui Águas e Madjer.

BOAVISTA — Hubart; Casaca, Garrido, Valério (Parente, aos 68 m), Valdir e Marcos António; Jaime, Agatão, Walker (Forbs, aos 62 m) e Isaías; Jorge Andrade.

Marcadores: Rui Águas (1 m), Semedo (64 m), Jaime (85 m) e Valdir (87 m, na p.b.).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Isaías (47 m); Casaca (59 m) e Hubart (68 m).

Portimonense-Tirsense

Árbitro: Jorge Coroado (Lisboa).

PORTIMONENSE — Figueiredo; Matos, (Palecas, 83 m), Aurélio, Major e Bezinski; José Pedro, Floris, Skoda e Voinov; Guetov (Carvalho, 88 m) e Luciano.

TIRSENSE: Lúcio; Bio, Vlamecir, Louro e Jorge; José Maria, Tueba, Sérgio (Borges, 55 m) e Vitinha (Costa, 88 m); Eusébio e César.

Marcadores: Luciano (25 m) e Tueba (80 m).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Sérgio (41 m), Guetov (45 m) e Bio (50 m).

Sporting-Feirense

Árbitro: João Simãozinho (Leiria).

SPORTING — Ivkovic; João Luís (Edel, na 2.ª parte), Luisinho, Miguel e Paulo Torres; Oceano, Douglas, Litos e Marlon; Gomes (Filipe, 85 m) e Cadete.

FEIRENSE — Rufino; Miguel, Couto, Marcelino e Morgado; Resende (Carlos Rui, 80 m), Artur, Costa e Pedro Martins; João Luís (Ribeiro, 54 m) e Quitó.

Marcadores: Quitó (40 m), Gomes (52 m), Litos (69 m), Ribeiro (64 m) e Cadete (67 m).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Morgado (32 m), Oceano (53 m) e Miguel (60 m).

Benfica-Braga

Árbitro: Ezequiel Feijão (Setúbal).

BENFICA — Silvino: José Carlos, Samuel, Aldair e Veloso; Hernâni; Vítor Paneira, Valdo (Chalana, aos 53 m) e César Brito (Vata, aos 74 m); Lima e Magnusson.

BRAGA — Hélder; Xico Silva, Vítor Duarte, Moroni e Laureta; Quim II; Serrinha, João Mário (Radi, aos 67 m), Fernando Pires e Kapa (Vinicius, aos 67 m); Santos.

Marcadores: Magnusson (20 m), César Brito (34 m)), Vata (80 m) e Moroni (90 m).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Santos (7 m).

Marítimo-Chaves

Árbitro: José Guimaro (Coimbra).

MARÍTIMO — Everton; Rui Vieira, Teixeirinha, Carlos Jorge, Andrade; Nunes, Paulo Ricardo, Esquerdinha, José Luís (João Paulo, 73 m), Vando e Wawa (Tozé, 63 m).

CHAVES — Jesus; Paulo Henriques, Vicente, Jorginho, Rogério; Gilberto, David (Rudi, 63 m), Diamantino, Manuel Correia; Slavkov, Tanev (Jorge Silvério, 83 m).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Paulo Henriques e Jorginho .

RESULTADOS

GUIMARÃES	2-1	SETÚBAL
BEIRA MAR	1-0	BELENENSES
NACIONAL	1-0	E. AMADORA
PENAFIEL	0-0	U. MADEIRA
PORTO	3-1	BOAVISTA
PORTIMON.	1-1	TIRSENSE
SPORTING	3-2	FEIRENSE
BENFICA	3-1	BRAGA
MARÍTIMO	0-0	CHAVES

Próxima jornada: Chaves - Guimarães (0-1, na 1.ª volta); Setúbal - Beira Mar (0-0); Belenenses - Nacional (0-3); Estrela da Amadora - Penafiel (0-1); União da Madeira - Porto (0-1); Boavista - Portimonense (2-0); Tirsense - Sporting (0-1); Feirense - Benfica (1-3); e Braga - Marítimo (1-1).

RENAULT
FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

CLASSIFICAÇÃO

		J	V	E	D	G	P
1.º	F.C. PORTO	28	23	4	1	63-13	50
2.º	Benfica	28	19	8	1	68-14	46
3.º	Sporting	28	15	9	4	35-20	39
4.º	V. Guimarães	28	15	9	4	38-21	39
5.º	Belenenses	28	13	4	11	28-28	30
6.º	V. Setúbal	27	12	6	9	32-26	30
7.º	D. Chaves	28	9	11	8	29-34	29
8.º	E. Amadora	28	9	8	11	31-25	26
9.º	Beira Mar	28	10	6	12	19-31	26
10.º	Boavista	28	9	7	12	39-30	25
11.º	Tirsense	28	6	13	9	17-25	25
12.º	Sp. Braga	28	7	9	12	25-33	23
13.º	Marítimo	28	4	14	10	19-33	22
14.º	U. Madeira	28	5	11	12	21-36	21
15.º	Nacional	28	4	12	12	24-41	20
16.º	Penafiel	28	6	7	15	19-44	19
17.º	Portimonense	28	5	7	16	21-45	17
18.º	Feirense	27	4	7	16	18-47	15

Gomes: o regresso do artilheiro

Fernando Gomes foi o único «artilheiro» a bisar nos remates certeiros na jornada n.º 28 que rendeu 20 golos. O benfiquista Magnusson (autor do golo inaugural do confronto Benfica-Braga) soma agora 29 tentos no activo, liderando a lista dos melhores marcadores bastante destacado já que o seu mais próximo seguidor, o portista Rui Águas (que também abriu o activo nas Antas) conta 16 remates com acerto, o setubalense Mladenov, Madjer (Porto) Guetov (Portimonense) e Ricky (Amadora) somam 12, seguindo-se, com uma dezena de «chutos» certos: Vata, Chiquinho (Belenenses), Monteiro (União), Demol (Porto), Isaías (Boavista) e Jorge Andrade do mesmo clube.

Campeonatos nacionais de futebol

II Divisão: cantar de galo em Barcelos

Zona Norte

Aves - Rio Ave, 2-1; Famalicão - Bragança, 1-1; Gil Vicente - Freamunde, 1-0; Infesta - Joane, 2-1; Leixões - Vizela, 0-0; Marco - Maia, 1-1; Paços de Ferreira - Felgueiras, 2-0; Trofense - Vianense, 0-0; e Varzim - Fafe, 1-2.

	J	V	E	D	G	P
1.º **FAMALICÃO**	26	14	8	4	43-18	36
2.º G. Vicente	25	16	4	5	38-21	36
3.º Maia	25	12	9	4	35-21	33
4.º P. Ferreira	26	14	4	8	44-26	32
5.º Freamunde	26	12	8	6	35-25	32
6.º Aves	26	13	4	9	35-27	30
7.º Varzim	26	11	5	10	35-28	27
8.º Leixões	26	10	7	9	37-36	27
9.º Bragança	26	10	6	10	31-38	26
10.º Fafe	26	9	7	10	28-23	25
11.º Rio Ave	26	8	9	9	33-35	25
12.º Infesta	26	8	8	10	40-42	24
13.º Felgueiras	26	8	6	12	19-32	22
14.º Joane	26	7	7	12	22-33	21
15.º Vizela	26	7	6	13	23-33	20
16.º Vianense	26	7	6	13	28-42	20
17.º Trofense	26	5	7	14	20-41	17
18.º Marco	26	3	7	16	16-41	13

Próxima jornada: Bragança - Infesta; Joane - Gil Vicente; Freamunde - Aves; Rio Ave - Marco; Maia - Trofense; Vianense - Leixões; Vizela - Varzim; Fafe - Paços de Ferreira; e Felgueiras - Famalicão.

Zona Centro

Académico de Viseu - Mirense, 6-0; Benfica de Castelo Branco - Sporting da Covilhã, 2-1; Guarda - Académica, 2-0; Lousanense - Águeda, 2-1; Oliveira do Bairro - Salgueirense, 0-1; Oliveirense - Espinho, 0-0; Peniche - Mangualde, 1-3; União de Lamas - Caldas, 2-0; e União de Leiria - Marialvas, 2-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º **ESPINHO**	26	19	2	5	52-15	40
2.º Salgueiros	26	17	5	4	57-17	39
3.º U. Leiria	26	16	6	4	50-13	38
4.º A. Viseu	26	13	7	6	39-25	33
5.º Académica	26	13	5	8	43-29	31
6.º Mirense	26	12	6	8	35-29	30
7.º Águeda	26	11	7	8	33-24	29
8.º U. Lamas	26	13	0	13	37-36	26
9.º S. Covilhã	26	12	1	13	33-36	25
10.º Mangualde	26	11	2	13	36-39	24
11.º B.F. Branco	26	9	6	11	26-35	24
12.º «Os Marialvas»	26	7	8	11	16-29	22
13.º Guarda	26	9	4	13	22-38	22
14.º Caldas	26	10	2	14	22-40	22
15.º Oliveir.	26	8	5	13	27-33	21
16.º Lousan.	25	5	5	15	22-47	15
17.º O. Bairro	26	2	10	14	19-52	14
18.º Peniche	25	3	5	17	14-45	11

Próxima jornada: Águeda - Guarda; Académica - Académico de Viseu; Mirense - União de Lamas; Caldas - Oliveira do Bairro; Salgueiros - Benfica de Castelo Branco; Sporting da Covilhã - Olivenrense; Espinho - Peniche; Mangualde - União de Leiria; e Marialvas - Lousanense.

Zona Sul

Alverca - Samora Correia, 2-1; Atlético - «O Elvas», 2-1; Farense - Lusitano de Évora, 6-0; Juventude - Silves, 1-1; Lusitano de Vila Real - Louletano, 0-0; Portalegrense - Estoril, 1-1; Seixal - Barreirense, 0-1; Sintrense - Olivais e Moscavide, 0-3; e Torreense - Olhanense, 1-1.

	J	V	E	D	G	P
1.º **FARENSE**	26	20	5	1	64-14	45
2.º Louletano	26	14	8	4	39-16	36
3.º Estoril	26	12	11	3	28-17	35
4.º Barreirense	26	15	4	7	41-21	34
5.º Torreense	26	13	7	6	43-20	33
6.º «O Elvas»	26	13	7	6	38-20	33
7.º Juventude	26	10	11	5	29-29	31
8.º Alverca	26	12	6	8	35-33	30
9.º L.V. Real	26	9	11	6	26-18	29
10.º Silves	26	8	10	8	28-22	26
11.º Olhanense	26	8	9	9	28-30	25
12.º L. Évora	26	6	9	11	29-42	21
13.º Atlético	26	6	5	15	20-37	17
14.º O. Moscavide	26	5	7	14	25-44	17
15.º Portalegr.	26	4	9	13	25-59	17
16.º Seixal	26	5	6	15	18-43	16
17.º Sintrense	26	4	5	17	16-49	13
18.º S. Correia	26	1	9	16	18-46	11

Próxima jornada: «O Elvas» - Sintrense; Olivais e Moscavide - Portalegrense; Estoril - Juventude; Silves - Torreense; Olhanense - Lusitano de Vila Real; Louletano - Farense; Lusitano de Évora - Alverca; Samora Correia - Seixal; e Barreirense - Atlético.

Campeonatos nacionais de futebol

III Divisão: nabantinos perdem fôlego

Série A

Amares - Maria da Fonte, 1-1; Prado - Ribeirão, 1-0; Vieira - Ponte da Barca, 3-0; Valpaços - Lanheses, 3-0; Macedo de Cavaleiros - Mirandela, 2-1; Vila Pouca - Caminha, 1-0; Valdevez - Santa Maria, 3-0; Delães - Moreirense, 1-0; e Esposende - Celoricense, 2-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **ESPOSENDE**	28	14	12	2	42-19	40
2.º Moreirense	28	14	10	4	42-22	38
3.º Delães	28	14	6	8	40-37	34
4.º Mirandela	28	11	10	7	48-29	32
5.º Caminha	28	11	8	9	29-21	30
6.º Valpaços	28	11	8	9	34-27	30
7.º S. Maria	28	11	7	10	31-38	29
8.º Celorisense	28	11	7	10	38-28	29
9.º M. Cavaleiros	28	11	7	10	31-37	29
10.º P. Barca	28	10	7	11	24-27	27
11.º M. Fonte	28	6	15	7	22-23	27
12.º Amares	28	8	11	9	26-26	27
13.º Vieira	28	9	8	11	30-30	26
14.º Valdevez	28	5	14	9	24-27	24
15.º Lanheses	28	8	7	13	28-34	23
16.º Prado	28	9	5	14	17-29	23
17.º V. Pouca	28	7	6	15	24-40	20
18.º Ribeirão	28	3	10	15	16-52	16

Próxima jornada: Celoricense -Amares; Maria da Fonte - Prado; Ribeirão - Vieira; Ponte da Barca - Valpaços; Lanheses - Macedo de Cavaleiros; Mirandela - Vila Pouca; Caminha - Valdevez; Santa Maria - Delães; e Moreirense - Esposende.

Série B

Rio Tinto - Lixa, 3-2; Sanjoanense - Amarante, 5-0; Vila Real - Cinfães , 4-1; Santa Marta - Sandinenses, 2-1; Ermesinde - Leça, 1-0; Valadares - Paredes, 0-1; Paivense - Pedrouços, 1-0; Lousada - Valonguense, 4-0; e Lusitano de Lourosa - Régua, 2-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **LOUSADA**	28	18	6	4	55-26	42
2.º Paredes	27	13	9	5	45-25	35
3.º Amarante	28	12	11	5	37-25	35
4.º V. Real	28	14	6	8	44-26	34
5.º Sanjoan.	28	13	6	9	44-31	32
6.º Lourosa	28	11	10	7	35-27	32
7.º Valong.	28	11	9	8	34-30	31
8.º Lixa	27	11	7	9	33-25	29
9.º Leça	28	10	9	9	39-31	29
10.º Ermesinde	28	12	5	11	29-24	29
11.º Pedrouços	28	9	10	9	40-41	28
12.º Sandinenses	28	9	8	11	23-30	26
13.º Régua	27	8	8	11	26-30	24
14.º R. Tinto	28	8	6	14	30-46	22
15.º S. Marta	28	6	7	15	27-43	19
16.º Cinfães	27	6	6	15	25-58	18
17.º Valadares	28	3	12	13	20-46	18
18.º Paivense	28	4	9	15	24-46	17

Próxima jornada: Régua - Rio Tinto; Lixa - Sanjoanense; Amarante - Vila Real; Cinfães - Santa Marta; Sandinense - Ermesinde; Leça - Valadares; Paredes - Paivense; Pedrouços - Lousada; e Valonguense - Lusitano de Lourosa.

Série C

Santacombadense - Tabuense, 0-2; Argus - Anadia, 0-1; Valonguense - Mealhada, 1-0; Oliveira do Hospital - Gouveia, 1-0; Ovarense - Valecambrense, 8-0; Seia - Alba, 1-1; Luso - Oliveirinha, 4-1; União de Coimbra - Mortágua, 1-0; e Sabugal - Estarreja, 1-9.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **ANADIA**	28	19	4	5	48-19	42
2.º Santacomb.	28	19	2	7	30-16	40
3.º Ovarense	28	14	9	5	49-15	37
4.º Estarreja	28	14	6	8	49-24	34
5.º Valong.	28	12	9	7	36-29	33
6.º U. Coimbra	28	14	5	9	52-27	33
7.º O. Hospital	28	12	9	7	34-25	33
8.º Luso	28	10	11	7	30-21	31
9.º Mealhada	28	11	8	9	31-28	30
10.º Gouveia	28	9	11	8	26-19	29
11.º Argus	28	9	9	10	32-32	27
12.º Oliveir.	27	8	9	10	27-33	25
13.º Alba	28	8	9	11	28-29	25
14.º Tabuense	27	8	6	13	24-33	22
15.º Seia	27	7	6	14	38-38	20
16.º Mortágua	28	5	9	14	19-39	19
17.º Sabugal	27	3	5	19	23-89	11
18.º Valecambr.	28	3	3	22	16-76	9

Próxima jornada: Estarreja - Santacombadense; Tabuense - Argus; Anadia - Valonguense; Mealhada - Oliveira do Hospital; Gouveia - Ovarense; Valecambrense - Seia; Alba - Luso; Oliveirinha - União de Coimbra; e Mortágua - Sabugal.

Série D

Castelo de Vide - Torres Novas, 2-1; Alcobaça - Mirandense, 2-0; Naval - Marrazes, 4-0; Sertanense - Ferrel, 3-2; Bombarralense - Marinhense, 1-1; Alfeizerense - Alcains, 2-1; Fátima - «Os Nazaarenos», 1-2; Alcanenense - Estrela de Portalegre, 4-1; e União de Tomar - União de Santarém, 1-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **U. TOMAR**	28	16	10	2	37-11	42
2.º Mirandense	28	17	6	5	47-11	40
3.º Naval	28	16	8	4	54-22	40
4.º U. Santarém	28	14	8	6	40-19	36
5.º C.D. Fátima	28	12	10	6	48-22	34
6.º Alcobaça	28	11	12	5	30-20	34
7.º Sertanense	28	9	14	5	31-26	32
8.º T. Novas	28	11	9	8	42-36	31
9.º Alcanenense	28	8	14	6	35-22	30
10.º Marinhense	28	6	14	8	26-33	26
11.º E. Portalegre	28	7	9	12	24-44	23
12.º Bombarral.	27	3	16	8	16-27	22
13.º C. Vide	28	8	6	14	23-45	22
14.º «Os Nazarenos»	28	7	7	14	29-40	21
15.º Alcains	28	5	10	13	30-39	20
16.º Alfeizerense	28	5	8	15	24-48	18
17.º Marrazes	28	5	8	15	17-42	18
18.º Ferrel	27	5	3	19	19-65	13

Próxima jornada: União de Santarém - Castelo de Vide; Torres Novas - Alcobaça; Mirandense - Naval; Marrazes - Sertanense; Ferrel - Bombarralense; Marinhense - Alfeizerense; Alcains - Fátima; Nazarenos - Alcanenense; e Estrela de Portalegre - União de Tomar.

Série E

Lusitânia dos Açores - Cartaxo, 2-0; Oriental - Odivelas, 2-2; Borbense - Futebol Benfica, 0-0; União de Almeirim - Vilafranquense, 2-1; Campomaiorense - Sacavenense, 3-0; Fronteirense - Fanhões, 1-1; Santa Clara - Portosantense, 2-0; Câmara de Lobos - Praiense, 1-0 e Cacém - Loures, 1-2.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **S. CLARA**	28	15	7	6	46-35	37
2.º Oriental	28	13	10	5	34-19	36
3.º Sacavene.	28	12	10	6	31-18	34
4.º Campomaior.	28	14	5	9	44-21	33
5.º F. Benfica	28	11	10	7	33-29	32
6.º U. Almeirim	28	11	9	8	40-28	31
7.º Fanhões	28	10	9	6	25-27	29
8.º Portonant.	27	11	6	10	41-27	28
9.º Loures	28	8	12	8	31-34	28
10.º Vilafranq.	28	9	9	10	26-25	27
11.º Lusitânia	28	10	7	11	25-24	27
12.º Praiense	27	9	8	10	17-22	26
13.º C. Lobos	28	8	12	8	24-22	26
14.º Odivelas	28	9	7	12	34-35	25
15.º Borbense	28	7	10	11	22-37	24
16.º S.L. Cartaxo	28	5	11	12	28-45	21
17.º Cacém	28	6	8	14	23-42	20
18.º Fronteir.	28	5	8	15	16-42	18

Próxima jornada: Loures - Lusitânia dos Açores; Cartaxo - Oriental; Odivelas - Borbense; Futebol Benfica - União de Almeirim; Vilafranquense - Campomaiorense; Sacavenense - Fronteirense; Fanhões - Santa Clara; Portosantense - Câmara de Lobos; e Praiense - Cacém.

Série F

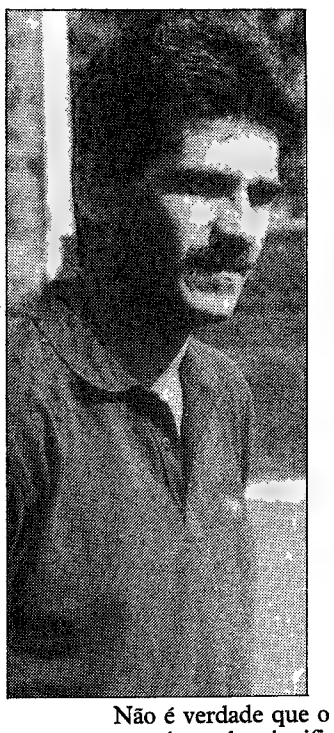
Beja - Quimigal, 3-1; Estrela de Vendas Novas - Vasco da Gama, 1-0; Trafaria - Amora, 1-0; Almancilense - Imortal, 1-0; Quarteirense - Esperança de Lagos, 1-2; Sesimbra - Leões de Tavira, 2-2; Montijo - União de Santiago do Cacém, 1-2; União de Montemor - Moura, 2-2; e Palmelense - Pescadores, 1-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **MONTIJO**	27	16	7	4	55-23	39
2.º Amora	28	15	6	7	46-29	36
3.º Almancil.	28	14	8	6	31-21	36
4.º Quarteir.	28	13	10	5	59-28	36
5.º U. Santiago	28	13	9	6	52-30	35
6.º Moura	28	11	11	6	40-31	33
7.º U. Montemor	27	14	4	9	48-28	32
8.º V. Gama	28	13	6	9	33-35	32
9.º E. Lagos	28	11	9	8	42-31	31
10.º Palmel.	28	9	8	11	39-38	26
11.º Imortal	28	8	9	11	37-40	25
12.º Quimigal	28	6	12	10	24-32	24
13.º Leões	28	6	12	10	19-24	24
14.º Beja	28	8	7	13	27-45	23
15.º Caparica	28	9	5	14	31-48	23
16.º E.V. Novas	28	5	9	14	24-41	19
17.º Trafaria	28	3	11	14	25-67	17
18.º Sesimbra	28	3	5	20	19-60	11

Próxima jornada: Pescadores - Beja; Quimigal - Vasco da Gama; Estrela de Vendas Novas- Trafaria; Amora - Almancilense; Imortal - Quarteirense; Esperança de Lagos - Sesimbra; Leões de Tavira - Montijo; União de Santiago do Cacém - União de Montemor; e Moura - Palmelense.

Sporting reforçou poderes de Queirós

É muito provável que certas notícias vindas a público que davam conta de que muitos sportinguistas contestavam Sousa Cintra sobre a solução encontrada, escolhendo Carlos Queirós para futuro líder do comando técnico do futebol «leonino», tenham pesado no recuo de Queirós que, após uma longa reunião com os dirigentes federativos, resolveu continuar ao serviço da Federação. O comunicdo emitido pela FPF, e que seguidamente se transcreve, revela terem os dirigentes reforçado os poderes a Carlos Queirós, mas em boa verdade nele não se diz que o técnico fica impedido de acumular funções. Eis o teor do documento:



1) A Direcção da FPF analisou, em conjunto com o prof. Carlos Queirós, a questão suscitada pelo convite que o Sporting Clube de Portugal dirigiu àquele técnico, responsável por todo o futebol júnior das selecções nacionais.

Para além de ter reiterado ao prof. Carlos Queirós a incondicional confiança no seu trabalho, capacidade técnica e de liderança, a FPF evidenciou-lhe a importância do projecto que em relação a todo o futebol júnior está em curso e que em grande parte foi inspirado nas ideias do técnico, o que implica para a consecussão do mesmo a continuidade do prof. Carlos Queirós no lugar que ocupa, em conformidade, de resto, com o contrato celebrado até 1994.

Não é verdade que o futebol sénior tem igualmente um projecto de «significado verdadeiramente nacional» e que os seus treinadores principais (Artur Jorge e Toni) desempenham funções paralelas?

Mas se Carlos Qujeirós acedeu!...

Selecção de juniores: o costume

A selecção nacional de juniores «A», voltou a superar a concorrência ao vencer o Torneio Internacional do Porto «despachando» sucessivamente a Holanda (1-0), a Noruega (4-0) e a Espanha (1-0). O torneio serviu essencialmente para testar esta equipa liderada por Carlos Queirós, muito bem acompanhado por Nelo Vingada e Rui Caçador, para a fase final do campeonato europeu marcado para o próximo mês de Julho em Bekescsaba (Hungria).

No encontro derradeiro Portugal alinhou assim:

Brassard; Figo, Paulo Pilar (Kiko, aos 74), Álvaro e Rui Costa (Luís Navais, 74); Abel, Peixe, Gil e Toni; Luís Miguel (João Pinto, 45) e Jorge Costa.

A classificação:

	J	V	E	D	G	P
1.º PORTUGAL.....	3	3	—	—	6-0	6
2.º Holanda.....	3	1	1	1	3-3	3
3.º Noruega.....	3	1	—	2	2-6	2-6
4.º Espanha.....	3	—	1	2	3-5	1

Esperanças nas Antas

Na manhã da próxima quarta-feira, a selecção de esperanças (sub 20) realizam um treino nos Estádio das Antas estando convocados os seguintes 18 elementos: Amaral e Filipe (Sporting), Jorge Couto (FC Porto), Alexandre (Chaves), Morgado (Feirense), Carlos Marques (Beira Mar), Hélio (Setúbal), Abel e Fernando Couto (Académica), Camberra (Atlético), Neves (Aves), Rosário (Olivais e Moscavide), Vasco Vigário (Oriental), Folha e Paulo Alves (Gil Vicente), Bizarro e Tozé (Leixões) e José Nuno (Freamunde).

Totobola para muita gente

Está concluído o escrutínio do Totobola referente ao concurso n.º 15/90. Com 13 resultados certos foram encontradas 318 matrizes (prémio individual de 66 370 escudos), 5952 com «12» (prémio: 3546 escudos) e 49 127 com «11» (429 escudos de prémio).

Quanto ao Totoloto prossegue o escrutínio, prevendo-se dois ou três apostadores com o «seis» (possibilidade mínima de 26 246 contos de prémio), 11/12 com «cinco e mais um» (1837 contos), entre 733 e 780 com «cinco» (66 contos), perto de 40 200 com «quatro» (1480 escudos) e para cada «três» (acertaram entre 625 e 665 mil apostadores) irão 142 escudos.

TOTOLOTO

1 - 8 - 18 - 22 - 28 - 33 (40)

A chave

Porto - Boavista	1
Benfica - Braga	1
V. Guimarães - Setúbal	1
Beira Mar - Belenenses	1
Nacional - E. Amadora	1
Penafiel - União	X
Portimon. - Tirsense	X
Sporting - Feirense	1
Marítimo - Chaves	X
G. Vicente - Freamunde	1
O. Bairro - Salgueiros	2
Oliveirense - Espinho	X
Lusitano V.R. - Louletano	X

TOTOBOLA

A nossa aposta
Concurso n.º 16/90
22 de Abril de 1990

U. Madeira - Porto	2
Feirense - Benfica	2
Chaves - Guimarães	1
Setúbal - Beira Mar	1
Belenenses - Nacional	1
E. Amadora - Penafiel	1
Boavista - Portimon.	1
Tirsense - Sporting	2
Braga - Marítimo	1
Felgueiras - Famalicão	2
Académica - A. Viseu	1
Mangualde - U. Leiria	X
Louletano - Farense	X

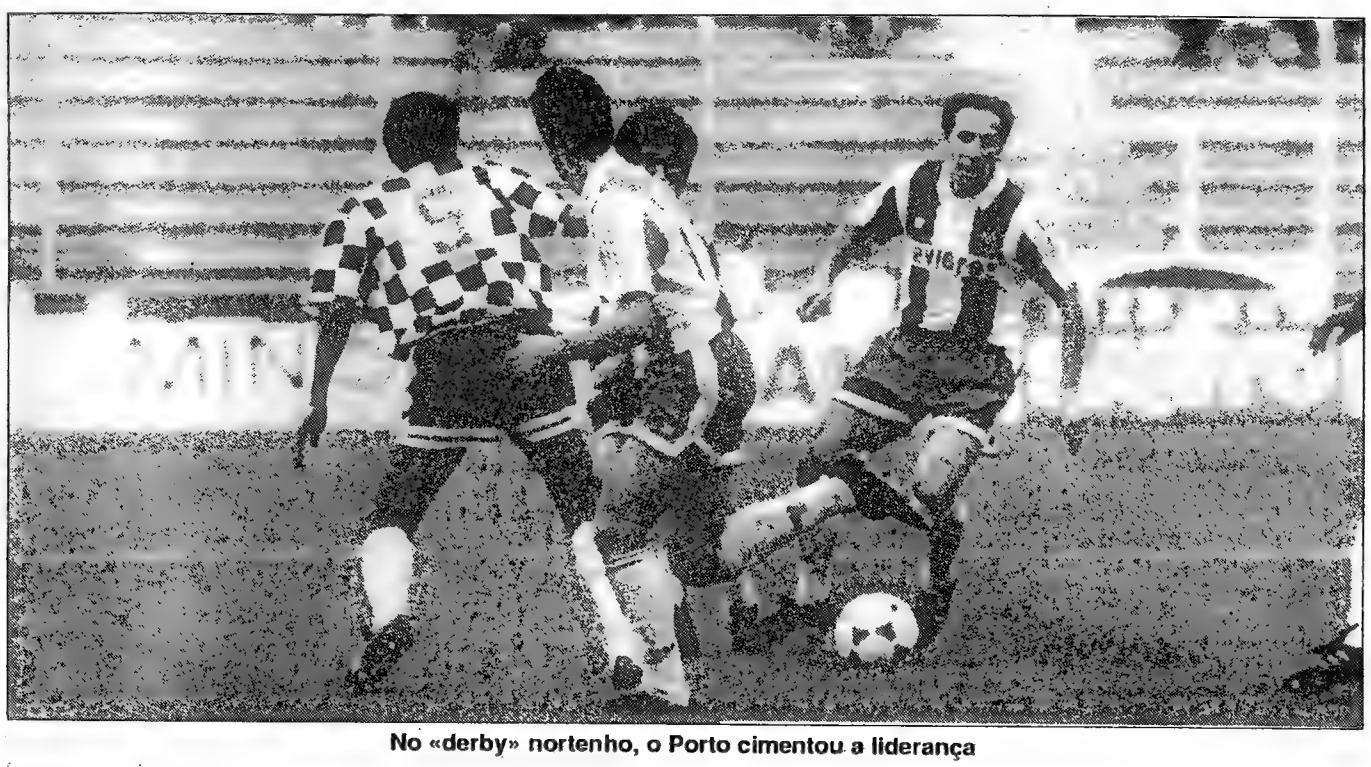
Concurso n.º 83/90
(3.º Ext.º)
25 de Abril de 1990

Porto - E. Amadora	1
Benfica - Tirsense	1
Beira Mar - Guimarães	1
Nacional - Setúbal	X
Penafiel - Belenenses	X
Portimon. - U. Madeira	1
Sporting - Boavista	1
Marítimo - Feirense	1
Braga - Chaves	1
Leixões - Maia	X
Oliveirense - Salgueiros	2
U. Leiria - Espinho	X
Torreense - Estoril	1

Nacional de futebol da I Divisão

Navio almirante com piloto automático

Quase, quase à porta da meta, o **dragão** permite-se ao luxo de meter piloto automático para ir demandando o seu melhor porto, fazer a abordagem correcta e firme, sem qualquer ondulação ou vaga contrária. Nesta rodada 28, do mais internacional dos nossos campeonatos denominados de nacionais, a turma de Artur Jorge administrou sabiamente o tempo de antena, o calendário permitido para ultrapassar novo obstáculo, o esforço requerido para derrubar um Boavista ainda distante do «onze» alvinegro que o **major galopante** tanto deseja recolocar na bela estrada europeia. Quando terminou o espectáculo nas Antas, houve quem ficasse em polvorosa: Valentim Loureiro reduziu o árbitro Xavier de Oliviera à expressão mais simples mas a verdade é que o grupo de xadrez voltou a aparecer em cena quase apenas para fazer ofício de corpo presente, totalmente destituído de ambição. Não é sem audácia que se conquistam louros: a despedida (largamente anunciada) de Manuel Barbosa terá reduzido o ânimo dos seus efémeros comandados?



No «derby» nortenho, o Porto cimentou a liderança

Benfica virado para 4.ª feira

Na Luz, podia ter sido um ver-se-te-avias, com um Fernando Chalana (a que em boa hora, há muitos e largos, **bapteizei de pequeno genial**)) a enrodilhar completamente todos quantos, por banda dos bracarenses, surgiram pela sua fronteira. Os **arsenalistas** do Minho, impulsionados por um Laureta que está transformando o perfil para o calor à época em que dominou lote de concorrentes ao aplauso, tudo tentaram para evitar qualquer hecatombe: em certa medida, valeu-lhes algumas benesses do sereno triunvirato atacante dos rubros que, embora distribuindo equitativamente a colheita em golos, deixou larga meia dúzia de remates mortíferos caminharem para os céus. Um triunfo calmo, com todo o Benfica de olhar e coração já atirados para o trabalho na noite de 4.ª feira.

Sporting voltou a sofrer

Pertinho, em Alvalade, tornaram a sofrer os sportinguistas, realmente de há muito a esta parte inoculados por estranho masoquismo, torcendo-se e recalcando-se em cada volta do ponteiro. Veja-se só: em casa própria, chegaram a estar em desvantagem no marcador e, perante o mais rasteiro dos moradores no edifício de luxo, apenas graças ao talento de Cadete e à experiência de Fernando Gomes, somente por impulso de individualidades lograram vencer feirenses que, inusitadamente, encontraram bom aliado no árbitro leiriense João Simãozinho que, para evitar qualquer hipotética tentativa de justificação de incontestáveis **penalties** não assinalados, saiu disfarçadamente pela esquerda baixa, frustrando um magote de **admiradores** que esperavam um autógrafo-recordação.

Belenenses esbarrou

Esbarrou na vontade aveirense o relampejante Belenenses, talvez confundido pelo respeito que deve à memória de Mário Duarte, o diplomata embaixador que passou pelas redes restelianas e hoje está recordado no belo parque desportivo do Beira-Mar. Rejubilaram o clã de Gilberto e Domingos Nunes, do perfeito juiz José Macário, de Silva Vieira que vai continuando de bolsa aberta para contrabalançar as deficiências da tesouraria do clube que emoldura a vistosa ria. Regressa a Lisboa o sherife Moisés, com alguma pena de Vítor Antunes, o mais lídimo divulgador do Belenenses por essas terras fora.

Dois vitórias em Guimarães

Em Guimarães, na esgrima entre dois Vitórias que procuram novamente carrilar os blocos no melhor trilho, a sorte sorriu ao proprietário da mesa do banquete. A falta dos seus valores mais exponenciais (Neno, René e Nando) é imperativa justificação do periclitante caminho vimaranense: mas, essas forçadas ausências não pouparam setubalenses, baleados na força e nos pulmões desde que suportaram duas cruéis estocados dos azuis do Restelo.

Madeirenses com segundo fôlego

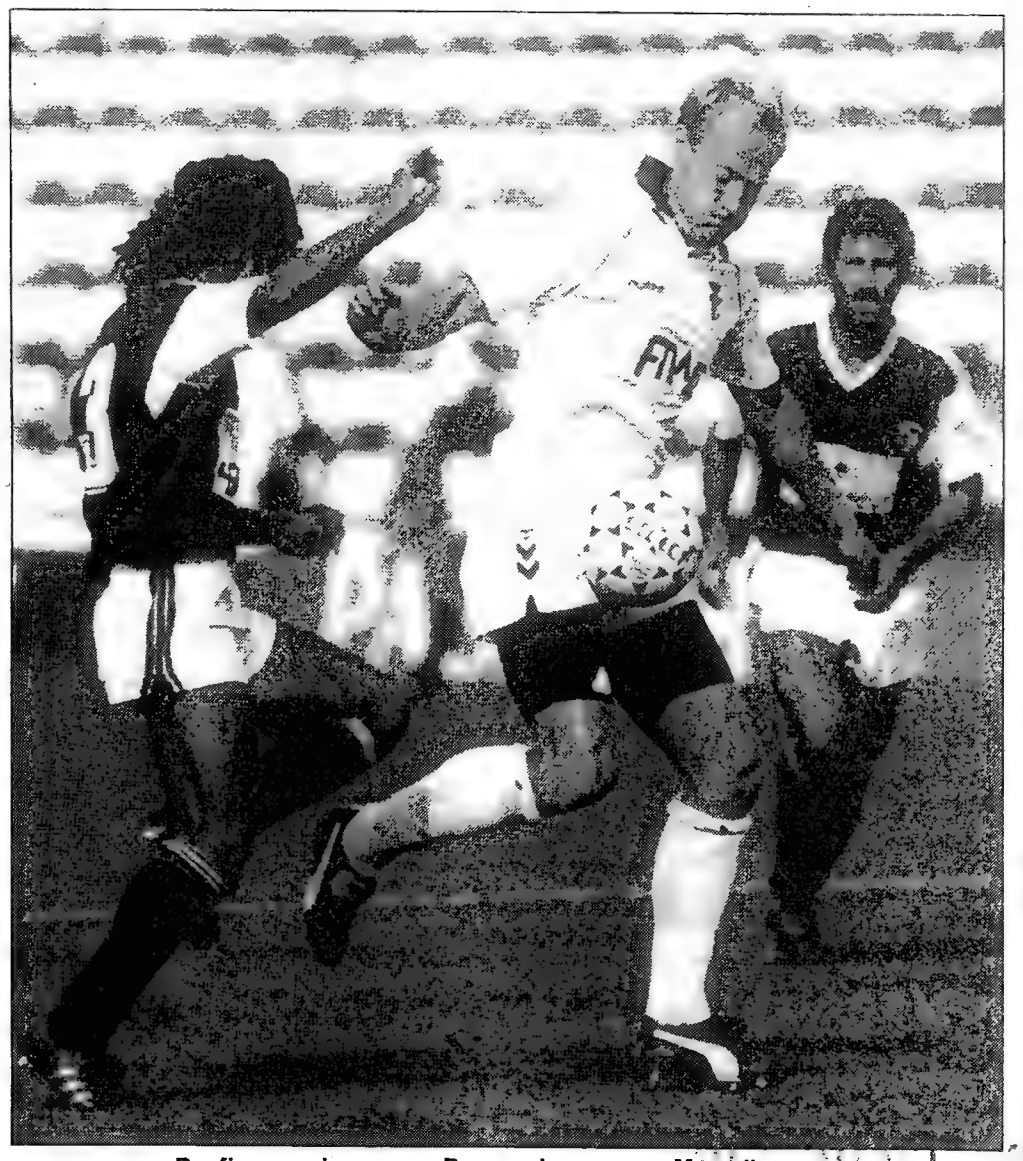
Os símbolos madeirenses ganharam segundo fôlego, espevitaram, conquistaram inesperada temeridade para irem saltando sobre os precipícios que marcavam o doloroso itinerário para a estrada da sobrevivência. No incandescente rectângulo dos Barreiros, o Nacional cantou melhor que os estrelinhas amadorenses, decididamente a colocarem todos os pensamentos na viagem **taceira**, agora que está revalidada a carta de alforria. Ainda no Funchal, o soberano Marítimo compeliu o abalisado Desportivo de Chaves a contenção nos ganhos. E, em território penafidelense, até o União pontuou, provocando acelerar de agruras nos discípulos de José Augusto. Quer dizer: amealhando aqui e além, o trio funchalense acotovela-se mas vai fugindo ao tapete rolante. Tácita coligação de forças, de braço dado com uma sorte que parece planificada em gabinete hermético, está poupando de qualquer amputação a ilha bonita onde um dia Churchill encontrou a sua paz.

Desalento em Portimão

No sopé do êxito mora o desalento. Portimão, onde o presidente Manuel João contava quase como favas contadas um triunfo no diálogo com tirsenses, deixou voar meio lucro para a bandeira nortenha e cada vez mais parece cidade provisoriamente arredada do futebol de esplendor. Toda a competência mais directa amealha lucros quando o Portimonense pontua. Realmente, parece que os astros já escolheram os seus afilhados. A dança de treinadores no estádio algarvio tem sido de tal ordem que não dá para entender: alguém botou bomba na ponte e não ficou caminho para voltar a tranquila vidinha.

Pois é: o Porto nem precisa de usar todos os canhões, de colocar o almirante do porta-aviões em permanente alerta. Basta-lhe ligar a engrenagem à corrente e o passeio fica em tom turístico. Nos demais naviozinhos, mora gente acomodada ou ferve-se sobre brasas. Facilitem os trocos e toca a pagar a portagem dos súbditos pelas Antas.

Neves de Sousa

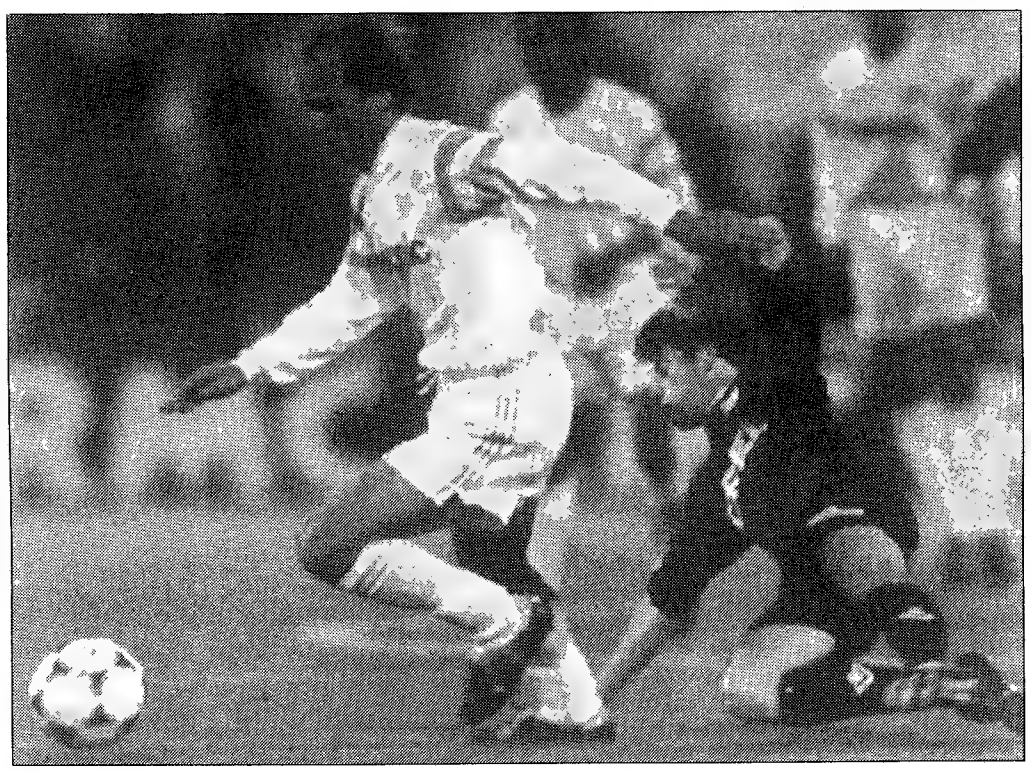


Benfica ensaiou com o Braga o jogo com o Marselha

O último classificado Feirense atrapalhou o irregular Sporting

Futebol lá fora

Marselha ultrapassou o Bordéus e Real já é campeão



Ao vencer o Bordéus, o Marselha assegurou o comando do campeonato francês

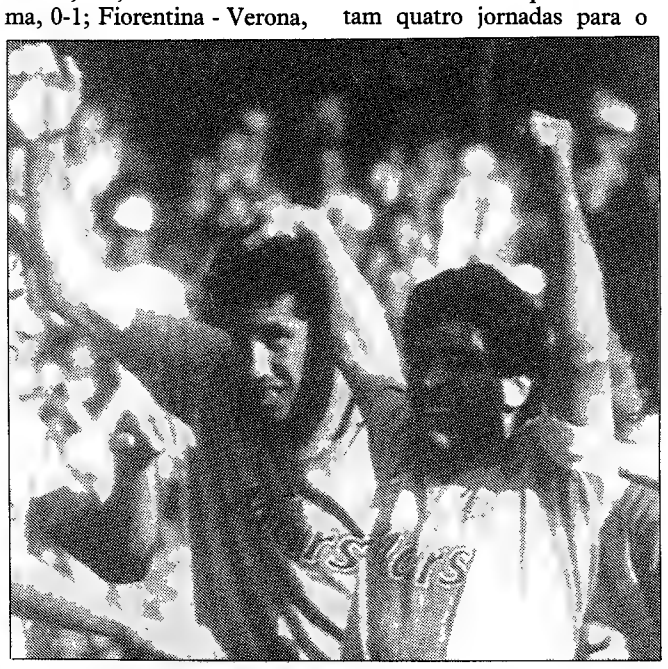
O Marselha, que chegará a Lisboa pelas 10 horas de amanhã para, no dia imediato, discutir com o Benfica a «segunda parte» da eliminatória que determinará qual deles estará na final de Viena, recebeu e venceu o Bordéus por 2-0 com o inglês Chris Waddle a rubricar ambos os golos. Os marselheses realizaram uma primeira parte decepcionante para, no período seguinte, repetirem o «massacre» com que «cilindraram» o Benfica no encontro do passado dia 4.

O técnico Gerar Gili ensaiou o seguinte «xadrez»: Rousseau; Mozer; Amoros, Mura e Sanzée; Vercruysse, Tigana e Germain; Waddle e Francescoli; Papin. Com excepção do guarda-redes Rousseau, que não poderá jogar por não ter sido inscrito na UEFA (no seu lugar deverá reaparecer Castaneda) o onze para a Luz não andará longe do que actuou perante o Bordéus.

Com este resultado o Marselha subiu ao primeiro posto com 46 pontos, seguindo-se o Bordéus com 45 mas os marselheses tem um jogo em atraso com o Saint-Étienne.

Itália

Milão e Nápoles seguem a par no topo da tabela do campeonato italiano com 47 pontos seguindo-se a Juventus (de Rui Barros) com 42, o Inter (menos um jogo) e a Sampdoria com 41 e o Roma com 39. Resultados da jornada n.º 32: Milão - Sampdoria, 1-0; Nápoles - Bari, 3-0; Cesena - Juventus, 1-1; Cremonese - Roma, 0-1; Fiorentina - Verona, 3-1; Lázio - Ascoli, 3-0; Lecce - Bolonha, 1-0; Udinese - Atalanta, 0-0.



Careca e Maradona festejam o golo do Nápoles

Espanha

O Atlético de Madrid venceu em casa, o Tenerife por 2-0, num dos encontros da jornada que sagrou o Real Madrid virtual campeão espanhol de futebol da primeira divisão.

Apesar de empatar sem golos (0-0) no terreno do Valladolid, o Real Madrid revalidou o seu título, pela quinta vez consecutiva quando faltam quatro jornadas para o termo da prova.

O Barcelona, vencedor da Taça do Rei frente aos «merengues» goleou fora o Cadiz por 4-0, tendo o Valência batido em casa o Rayo Vallecano também por margem expressiva (4-1).

Os resultados da ronda foram os seguintes: Logroñes - Celta, 4-1; Atlético de Madrid - Tenerife, 2-0; Gijon - Real Sociedad, 0-0; Valência - Rayo Vallecano, 4-1; Cadiz - Barcelona, 0-4; Málaga - Real Mallorca, 0-2; Sevilha - Castellon, 3-2; Atlético de Bilbau - Oviedo, 0-0; Saragoça - Osasuna, 1-0; Valladolid - Real Madrid, 0-0.

O Real Madrid soma 56 pontos enquanto o Atlético de Madrid conta 47 e o Barcelona e o Valência ocupam o 3.º lugar com 46 pontos.

Inglaterra

Ao vencer o Chelsea por 1-0, o Aston Villa aproximou-se do Liverpool que cedeu um empate frente ao Nothingam Forest a dois golos. Concluída a 34.ª jornada o Liverpool lidera com 66 pontos (menos um jogo) seguindo-se o Aston Villa com 65, enquanto o Everton se encontra na 3.ª posição com 55 pontos. Resultados da jornada: Aston Villa - Chelsea, 1-0; Crystal Palace - Arsenal, 1-1; Derby - Millwall, 2-0; Liverpool - Nottingham Forest, 2-2; Luton - Everton, 2-2; Manchester City - Sheffield Wednesday, 2-1; Queen's Park Rangers - Manchester United, 1-2; Southampton - Charlton, 3-2; Tottenham - Coventry, 3-2; Wimbledon - Norwich, 1-1.

Bélgica

O Club Bruges mantém o comando do campeonato belga, somando 50 pontos sendo seguido pelo Anderlecht (48), Malines (45), Antuérpia (37) e Standard de Liége (36). Resultados da 30.ª ronda: St. Truiden - Malines, 1-0; Cercle Bruges - Ghent, 1-0; Anderlecht - Ekeren, 2-0; Lokeren - Club Bruges, 0-3; Racing Mechlen - Liérse, 1-1; Antuérpia - Beveren, 0-0; Waregem - FC Liége, 3-1; Beerschot - Kortrijk, 0-2; Standard de Liége - Charleroi, 5-1.

Holanda

PSV e Ajax continuam na luta pelo trono, estando separados por um ponto (PSV com 43 e Ajax com 42) mas o clube de Eindhoven tem menos um jogo. No 3.º lugar encontra-se o Roda JC com 37 e na 4.ª posição o Vitesse com 30 pontos. Resultados da jornada n.º 30: Den Bosch - NEC, 1-0; Vitesse - RKC, 1-1; Willem II - Roda JC, 2-2; FC Utrecht - MVV, 0-0; Fortuna Sittard - FC Twente, 2-3; Feyenoord - Sparta, 6-1.

BREVES

Automobilismo

Pedro Matos Chaves, ao volante de um «Reynard 90D», classificou-se em terceiro lugar na segunda prova do campeonato britânico de Fórmula 3000, que se disputou no circuito de Oulton Park. Depois de uma má partida, que o atirou da quarta para a sétima posição, Pedro Chaves «meteu prego a fundo» e logo na primeira volta já tinha recuperado o lugar com que tinha partido da grelha, para acabar a prova no terceiro lugar, salvando assim o erro que cometeu na largada.

Classificações do circuito — 1.º, Alain Menu («Reynard 89D»), 40.19,94 minutos; 2.º, Richard Dean («Reynard 89D»), a 15,6 segundos; 3.º Pedro Chaves (Reynard 90D»), 15,73 segundos. **Do campeonato britânico:** 1.º, Richard Dean, 12 pontos; 2.º, Richard Rydel, 10; 3.º Alain Menu, 9; 4.º, Pedro Chaves, 7.

Voleibol

A Federação Portuguesa de Voleibol divulgou a lista de convocados que integrarão as selecções nacionais, seniores masculinos e femininos, que participarão na Spring Cup, que se realiza na Finlândia, cujos atletas são os seguintes:

Masculinos: Nélson Puga, Carlos Pereira, Carlos Vito, Miguel Xisto, Miguel Maia, Miguel Soares, Miguel Silva, Diogo Jardim, Nuno Calheiros, João Brenhã, Paulo Brenha e Carlos Dias. **Feminos:** Crisalina Gonçalves, Cristina Pereira, Fátima Cristina, Palmira, Luís Rijo, Margarida Almeida, Ana Baudouin, Rosário Mengo, Maria José Schuller, Maria João Schuller, Ana Eiro e Helena Jorge.

Atletismo

O atleta júnior Pedro Rodrigues, do Benfica, esteve em evidência no Grande Prémio de Atletismo de Lisboa (disputado no Estádio Nacional) ao voltar a bater o recorde nacional da categoria, nos 110 metros barreiras com o tempo de 14,3 segundos. La Sallete Mineiro, Luís Jesus, Mário Soares e José Santos foram outros atletas que merecem citação especial, tendo a benfiquista triunfado na prova dos 3000 metros (9.22,6) e os demais proporcionado uma excelente corrida da légua que o belenenses Mário Soares venceu (14.01,2) embora o benfiquista (Luís Jesus) e o representante da Juventude Castanheira (José Santos) tenham sido os grandes animadores. Outras referências: Emília Tavares (100 m Barreiras), Ana Isabel Oliveira (comprimento), Fernando Alves (peso) e Afonso Ferraz (200 metros).

Râguebi

Com vista à participação no Torneio FIRA (Federação Internacional de Râguebi), que se disputa a 6 de Maio na Bélgica, partiu ontem para a Namíbia a selecção portuguesa que neste país africano fará três encontros de preparação, todos em Windoek: dois frente a equipas locais, dias 17 e 19, e outro com a selecção da Namíbia, dia 21.

A comitiva é constituída pelos seguintes elementos: César Pegado, director-técnico nacional, Olgário Borges, seleccionador-treinador, e os jogadores: João Queimado (Benfica), Luís Luís (Cascais), António Cunha (Belenenses), António Marques (Direito), Jorge Chanca (Benfica), Pedro Benfica (Benfica), João Rocheta (Belenenses), Ricardo Fernandes (Agronomia), José Luís (CDUL), João Laureano (Académica de Coimbra), José Pires (Académica de Coimbra), João Castro Pereira (CDUL), Eduardo Macedo (CDUL), João Jonet (Cascais), Joaquim Namorado (Académica de Coimbra), Vilar Gomes (Cascais), Rui Carvoeira (Académica de Coimbra), Pedro Pires (Benfica), Nuno Tomás (CDUL), Pedro Neiva (CDUL), Lino Tudela (Direito), Vasco Durão (Cascais) e Manuel Cardoso (CDUL).

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

Trabalhamos hoje com a tecnologia do amanhã, 27 anos ao serviço da Electrónica

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES, 24 h de atendimento

*Reparamos hoje, em sua casa, o seu **TV** ou **VIDEO***
Frota equipada com rádio-telefone, para maior RAPIDEZ e EFICIÊNCIA

☎ 899762 - 899826 - 8482786

Av. S. João de Deus, 13-B
R. de Macau, 8
LISBOA

Ciclismo: Volta ao Alentejo

Espanhóis dominaram

O espanhol José Récio, da Seur, foi o grande vencedor da 8.ª Edição da Volta ao Alentejo, em ciclismo, que terminou no sábado, em Évora. Uma vitória bem saborosa para o espanhol, em jeito de preparação para a Vuelta, já que teve a honra de ser o primeiro estrangeiro a subir ao primeiro lugar do pódio desta clássica velocipédica disputada nas estradas alentejanas.

Por equipas o triunfo foi para a Seur, que praticamente desde a segunda etapa controlou e dominou as operações, não deixando aos seus mais directos adversários, os portugueses Belmiro Pereira, da Recer Boavista, Eduardo, Correia, da Avibom/Valouro/Lousa, Jorge Silva, da Sicasal/Acral, e Paulo Pinto, do Lousa, e do seu colega de equipa o italiano Marco Giovanni, a possibilidade de lhe «roubarem» a camisola amarela.

Duas notas salientes: Demiro Pereira «acomodou-se» na segunda posição, não arriscou na Montanha, onde ele é afinal um exímio trepador, e a possibilidade de alcançar o primeiro lugar não passou de uma esperança em que muitos acreditavam. Por outro lado, curiosa foi a viragem a trepador do «sprinter» Paulo Pinto, que surpreendeu tudo e todos deixando para trás nomes consagrados da montanha como o espanhol Blanco Vilar e os portugueses Manuel Zeferino e Delmiro Pereira. Que grande «garra» tem este jovem do Lousa.

Classificações: Geral final: 1.º, José Récio (Seur) 32.11.26 horas; 2.º, Delmiro Pereira (Recer/Bovista) 32.11.41; 3.º, Eduardo Correia (Avibom/Valouro/Lousa) 32.11.59; 4.º, Marco Geovani (Seur) 32.12.02; 5.º, Jorge Silva (Sicasal/Acral) 32.12.22.

Equipas: 1.º, Seur, 96.36.34; 2.º, Sicasal/Acral, 96.37.10; 3.º, Avibom/Valouro/Lousa, 96.38.01; 4.º, Festina/Lotus, 96.39.20; 5.º, Ruquita/Philips/Feirense, 96.42.43.

O prémio de Combatividade pertenceu a Vítor Teresinho (Ruquita/Feirense), que arrebatou ainda o primeiro lugar nas metas-volantes. Paulo Pinto (Lousa), por sua vez, venceu a classificação por pontos, Combinado e a Montanha. José Rosa (Avibom/lousa) conquistou o Prémio Juventude.

Hóquei em patins

Selecção «patina» em Espanha

Ao perder (1-3) no primeiro encontro com a Itália, a selecção portuguesa de hóquei em patins ficou arredada do lugar cimeiro no torneio «Oliveras de la Riva» em que participaram, igualmente, as representações da RFA e da Espanha, que se defrontaram na jornada inaugural tendo a selecção espanhola vencido pela clara marca de 12-1.

Carlos Dantas (técnico nacional) apresentou frente aos italianos a seguinte formação: Fernando Almeida; Vítor Fortunato, Paulo Almeida, Tó Neves e Carlos Garção tendo ainda actuado Paulo Alves e Pedro Alves.

O golo luso pertendceu a Tó Neves quando o marcador registava 0-3.

Ontem, Portugal defrontou (e venceu) a sua congénere da RFA num encontro em que os nossos representantes exibiram alguma dificuldade bem traduzida no resultado (4-3).

Espanha e Itália decidiram os lugares cimeiros cabendo o triunfo no torneio à turma italiana que venceu a sua opositora por 2-1.

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem

VIATURAS USADAS
CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

Renault 5 TX	1984
Renault 5 GTL 5P 1237 cc	1986
Renault 5 GTR 3P 1237 cc	1988
Renault 5 GTL 3P 1108 cc	1985
Seat Ibiza 1.2	1987
Renault 21 GTS	1988
Renault 9 GTS	1986
Renault 11 TSE	1986
Renault 25 GTS	1984

Para peças de origem consulte-nos na R. do Telhal

SEDE: R. dos Condes, 37 Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SÁBADOS)
Stand Usados e Loja Peças:ç R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50 / 2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06

RENAULT

Cunha ‹versus› Nuno Marques

No «Fiber Open», Cunha e Silva venceu o seu opositor que não conseguia derrotar desde Setembro de 1985

O triunfo de João Cunha e Silva no «I Fiber Open 1990», que terminou no passado sábado, com prémios monetários no valor de 1500 contos, foi mais do que uma vitória pessol, foi uma vitória do ténis português. No final, o tenista do Benfica derrotou Nuno Marques por 4-6, 6-4 e 7-6 (7/3), em duas horas e 32 minutos.

Cunha e Silva quebrou o jejum e venceu Nuno Marques

Nada nos move contra o portuense, antes pelo contrário, pois trata-se de um jovem muito talentoso, é o jogador português melhor clssificado no «ranking» ATP, e está ligado aos grandes êxitos do ténis nacional. Só que Cunha e Silva não ganhava a Nuno Marques desde Setembro de 1985, pelo que este encontro veio reatar um rivalidade desportiva — que se quer saudável — e que constitui um indesmentível vector de desenvolvimento da modalidade no nosso país.

Claro que ambos os jogadores tentaram desdramatizar essa rivalidade, e Cunha e Silva disse mesmo que «tratou-se apenas de mais um torneio, que é sempre encorajador ganhar, até porque foi o primeiro deste ano». «Não ando aqui para abater ninguém», frisou o tenista de 22 anos.

Esta final, que conseguiu colocar frente a frente os dois maiores valores das raquetes lusas (o que nem os Campeonatos Nacionais de Primeiras Categorias conseguiram nos últimos quatro anos), foi extremamente interessante de seguir, pela emotividade e incerteza do resultado, facilmente verificáveis pelos parciais. Nem o forte vento que se fez sentir no Restelo prejudicou o espectáculo, que foi visionado «in loco» por várias centenas de espectadores.

Apesar de ter saído sempre vitorioso nos últimos confrontos entre ambos, Nuno Marques foi aquele que apareceu mais descontraído no «court» central do CIF, não acusando o natural favoritismo que lhe era atribuído. É que, de facto, a pressão encontrava-se sobre os ombros de Cunha e Silva. Para além de jogar em Lisboa, perante o seu público, o tetracampeão nacional tinha todos os olhos em cima de si. Sendo induscutível diferença de «rankings» (150.º para Marques e 191 para Cunha e Silva) restava ao lisboeta a dúvida em todos instalada se o portuense seria capaz de o bater sob «courts' de terra batida. É certo que Nuno já o tinha conseguido na «Rar Cup/1988», disputada no campo coberto do Clube de Ténis do Porto, mas João desculpou-se sempre com as condições que lhe foram particularmente adversas. Desta feita não havia desculpas, e Cunha e Silva acabou por confirmar o favoritismo que alguns lhe atribuem sobre a terra ocre, apesar de só ter vencido no «tie-breack» da derradeira partida.

Importância ao serviço

Nuno Marques está, de facto, a jogar muito melhor nos pisos lentos, sobretudo, devido ao seu serviço cuja eficácia é impressionante. O pupilo de Pedro Cordeiro alcançou uma média de 71% de primeiros serviços, com uma regularidade notável, pois logrou obter 74% no primeiro «set», 75% no segundo e 70% no terceiro. E, como é sabido, o saque de Nuno Marques não é nada fácil de responder, tal a potência e o efeito imprimidos.

Por outro lado, o Nuno está mais confiante nas suas pancadas nestas superfícies, e a sua paciência duplicou, sabendo agora esperar pelo momento oportuno para disferir o seu ataque. Curiosamente foi neste pormenor que o portuense (que completará 20 anos no próximo dia 19) baqueou. Subindo quase sempre atrás de bons serviços ou «aproaches», Nuno Marques falhou uma série de vóleis relativamente fáceis, sobretudo na pancada de direita.

Grande responsabilidade deve, no entanto, ser assacada a Cunha e Silva, que soube colocar alguma pressão sob este golpe de eleição do esquerdino português. O campeão nacionaal foi subindo de produção ao longo do encontro (50%, 67% e 71% de primeiros serviços nos três «sets»), sobretudo na resposta ao serviço, a sair cada vez mais baixa e junto à rede, de modo a dificultar o voleio adversário.

No entanto, a rande arma de Cunha e Silva foi o «passing-shot», que sábado à tarde lhe saiu na perfeição, principalmente o de esquerda em «top spin», mas sem esquecer três de direita executados n passada, que levantaram o público das bancadas.

Quanto à emotividade do encontro, basta seguir a marcha do marcador para ser apreendida. Na partida inaugural, Nuno Marques só quebrou o serviço do seu opositor no último jogo. Na segunda partida, Cunha e Silva devolveu o 6-4 com um «break» conseguido ao terceiro jogo. Na «negra» o benfiquista adiantou-se com uma surpreendente facilidade para 4-1, mas Nuno Marques reagiu (em grande parte devido um relaxamento do lisboeta) e logrou a igualdade a cinco jogos salvando mesmo um «match-Point» neste décimo jogo. Despeitado, Cunha e saque do portuense, mas Nuno Marques devolveu a brincadeira, obrigando ao jogo de desempate. Normalmente uma lotaria, este «tie-breack» acabou por não ter história, com Cunha e Silva chegar rapidamente aos 6/7, para concluir por 7/3.

Por este triunfo, Cunha e Silva arrecadou 500 contos, enquanto Nuno Marques recebeu metade dessa verba. No entanto, ambos embolsaram «luvas» de participação, garantidas desde o início, mas cujo montante não foi, obviamente, divulgado, embora se saiba que o portuenese é mais «caro» que o lisboeta.

Parabéns aao CIF pela competitiva prova organizada, talvez a mais forte do calendário interno da Federação Portuguesa de Ténis, ao conseguir reunir a nata do ténis português, mais três alemães-federais que vieram da prova de qualificação do «Estoril Open», e que o próprio Nuno Marques consaidera como «bons valores internacionais» num futuro próximo. Dos restantes participantes, destaque para os semifinalistas, Paulo Coelho e Emanuel Couto, e para os quartofinalistas Bruno Fragoso e José Nunes. Cá ficamos à espera do «II Fiber Open 1991», para o qual Nuno Marques e Cunha e Silva estão sensibilizados, caso do seu calendário internacional lhes permita voltar.

Hugo Ribeiro

Basquetebol: surpresa nas Olaias e em Aveiro

Crê-se que terá havido alguma precipitação por parte dos dirigentes da Federação Portuguesa de Basquetebol ao marcar, para a Semana Santa, os encontros da dupla jornada do «play off» que se sabia não proporcionar farta assistência na plateia. Não havendo qualquer compromisso internacional no calendário, afigura-se-nos que os responsáveis federativos se precipitaram nesse pormenor.

Quanto aos jogos disputados, os destaques vão para o Sporting e para a Ovarense que conseguiram um triunfo no recinto alheio. Os «leões», nas Olaias, frente ao Estrelas da Avenida e os vareiros, em Aveiro, perante o Beira Mar. Um triunfo que lhes poderá garantir a continuidade na prova se vencerem os dois próximos encontros a realizar nos seus ginásios.

No que se refere aos «candidatos» Benfica e FC Porto, cumpriram cabalmente a missão ao bisarem o triunfo ante, respectivamente, o Imortal e o Esgueira.

Resultados: Benfica-Imortal (84-66 e 66-56), Porto-Esgueira (80-64 e 84-76), Estrelas da Avenida-Sporting (67-60 e 82-84), Beira Mar Ovarense (83-82 e 62-66).

Recorde-se que o apuramento é feito à maior de cinco, o que significa que ao Porto e ao Benfica resta vencer mais um jogo.

A. Nobre

I Série N.º 88
Dia 16 de Abril
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 125/90:
Fixa o regime jurídico das obrigações hipotecárias.

Ministério da Saúde

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 8705 contos.

Ministério do Comércio e Turismo

Decreto-Lei n.º 126/90:
Disciplina o regime de registo prévio das importações e exportações de mercadorias.

PESSOAS & FACTOS

«Barmen Grand Prix Martini» realiza-se em Portugal

Decorrerá pela primeira vez em Portugal a final internacional do «Grand Prix Martini», uma organização 'Martini & Rossini', realizada desde 1968, e que se destina a incentivar o aperfeiçoamento de jovens barmen.

Os participantes, com menos de 28 anos, deverão saber preparar dois cocktails com receita estabelecida pela organização e dois outros com receita inédita, preparados exclusivamente com produtos Martini.

A final nacional, na qual serão escolhidos os representantes portugueses, realiza-se no dia 20 de Maio.

Um juri internacional, composto pela Associação Internacional de Barmen, seleccionará quatro finalistas, dos quais será escolhido um vencedor entre os representantes de 40 países, em que a 'Martini' tem representação oficial

Telecine-Moro tem novos corpos sociais

Realizou-se a 29 de Março a assembéia Geral da 'Telecine-Moro - Sociedade Produtora de Filmes, S.A. para apreciação do relatório de contas e eleição dos novos corpos sociais, para os próximos dois anos.

António Maria Vianna Carneiro Pacheco preside à assembleia geral, José Manuel Oliveira vice presidente e Marcelo Eduardo Pires Victorino de Morais secretário.

Agostinho Alberto Bento da Silva Abade, Ana Maria Jean Baptiste Cruz Carneiro Pacheco, António Aires da Fonseca Trigo de Sousa, José João Ferreira Vaz Mascarenhas e Júlio José de Pinho Isidro do Carmo compõem o conselho de administração.

Para o conselho fiscal foram eleitos José Henriques da Silva, José Augusto Rosa Díniz, António de Almeida, sociedade 'Bernardo e Muralha' e António de Almeida, este como suplente.

Trepa - Arquitectura de Interiores alarga as suas actividades

A firma 'Arquitectura de Interiores Trepa, Lda', foi mais uma vez convidada a fazer o projeco de decoração e montagem da exposição do 'Club Terleve 90/91' e da colecção 'Ana Salazar Maison', na sala New-York, do Lisboa Penta Hotel.

A 'Trepa' está no mercado desde 1988 e, antes disso, funcionava como atelier de decoração. Porém, desde sempre se dedicou a trabalhos de arquitectura de interiores e decoração, tendo agora alargado o seu leque ao campo de engenharia, arquitectura e obras.

Tem no mercado, em todos estes campos de actividade, diversas obras, em especial nas zonas turísticas do Algarve, Lisboa e Cascais.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte - Céu pouco nublado aumentando de nebulosidade a partir da tarde. Vento fraco a moderado de Norte. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Regiões do Centro e Sul: - Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 3 metros na Costa Ocidental e na Costa Sul mar de pequena vaga a cavado com ondulação Sueste de 1 a 2 metros no Barlavento e inferior a 1 metro no Sotovento.

Amanhã:
Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de Norte. Formação de geada nos locais abrigados do interior Norte e Centro.

Depois de amanhã:
Céu muito nublado na região Norte, onde poderão ocorrer aguaceiros fracos e pouco nublado ou limpo no Centro a Sul. Vento Norte moderado, por vezes com rajadas fortes no litoral. Pequena descida da temperatura.

MADEIRA

Céu geramente muito nublado. Vento Nordeste moderado, por vezes com rajadas fortes. Mar cavado a grosso com ondulação Norte de 3 netros na Costa Norte e de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

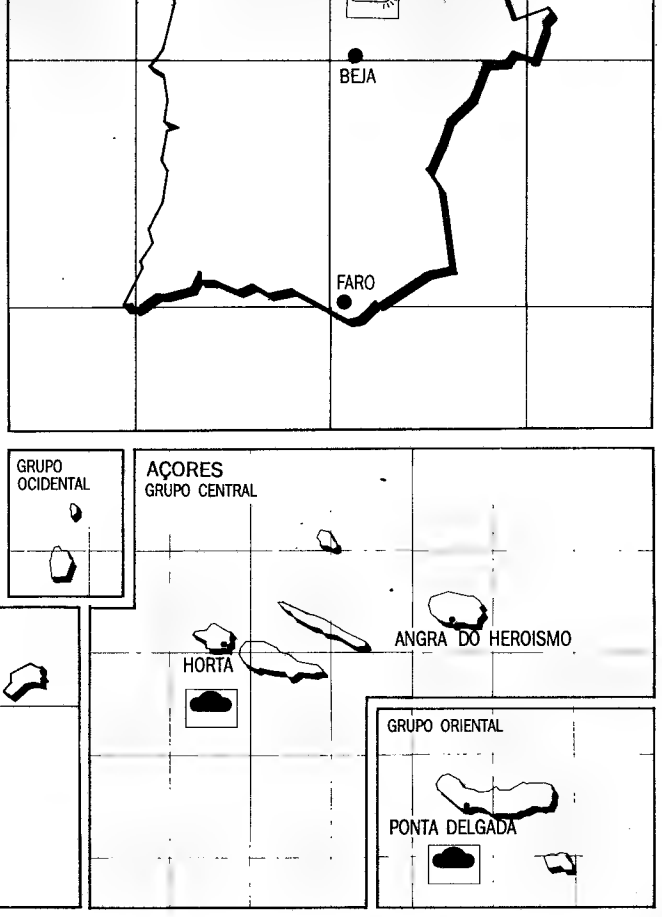
No Funchal: - Céu muito nublado alternando com boas abertas. Vento geralmente fraco.

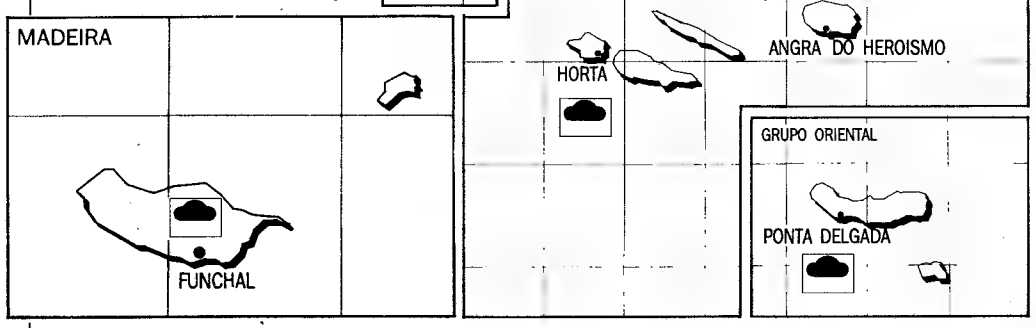
AÇORES

Em todo o Arquipélago: - Céu geralmente muito nublado. Vento Leste fraco a moderado.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica





- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
07.28	2,9m	—	—
19.45	3,0m	13.02	1,4m

Amanhã

08.22	2,7m	08.22	2,7m
20.46	2,8m	13.59	1,6m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	1	1	M. nub.
V. Castelo	6	9	M. nub.
Vila Real	4	4	P. nub.
Porto	5	5	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	7	7	Limpo
C. Carvoeiro	12	13	M. nub.
C. Branco	6	6	P. nub.
Portalegre	6	7	Neblina
Lisboa	11	11	P. nub.
Évora	7	7	Limpo
Beja	8	8	Limpo
Faro	12	12	Limpo
Sagres	13	13	P. nub.
P. Delgada	10	12	P. nub.
Horta	11	11	P. nub.
Funchal	13	14	P. nub.

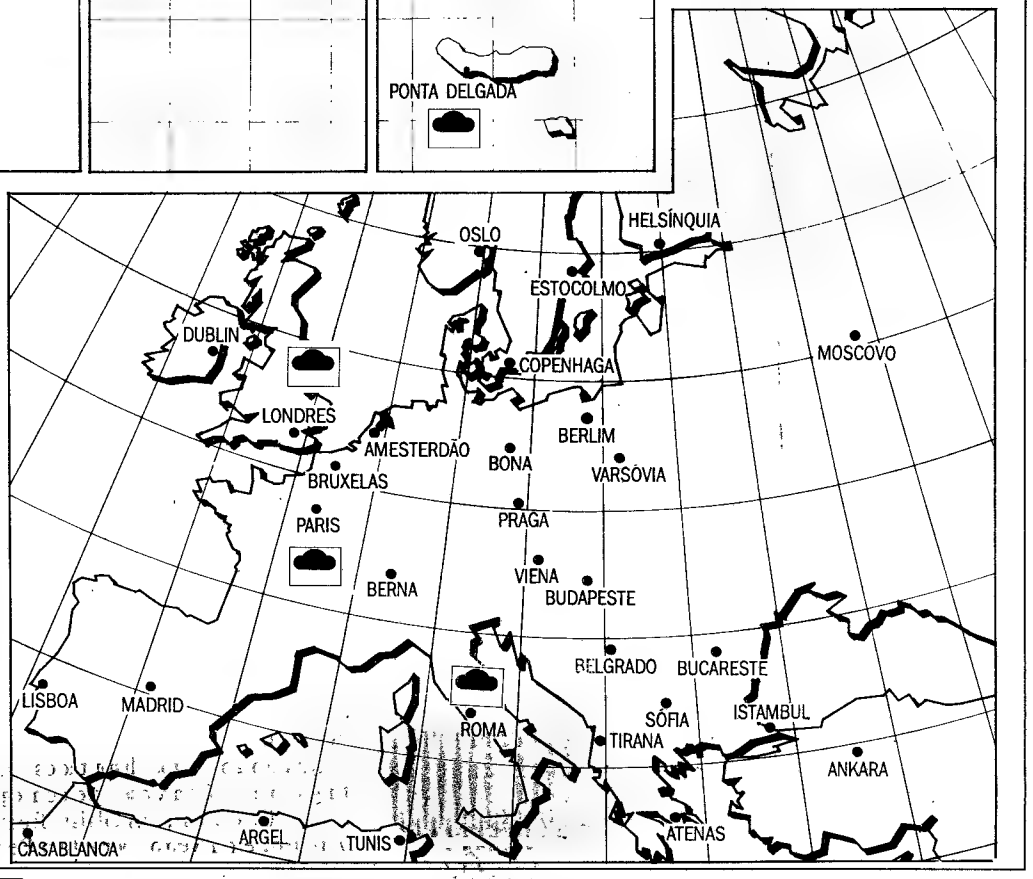
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 19; Porto, 17; Faro, 24; P. Delgada, 18; Funchal, 21.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	5	5	Limpo
Londres	2	3	P. nub.
Paris	3	4	P. nub.
Bruxelas	4	5	M. nub.
Amesterdão	6	7	M. nub.
Genebra	4	4	P. nub.
Roma	9	9	M. nub.
Oslo	5	5	Chuva
Copenhaga	6	6	Aguaceiros
Estocolmo	6	6	Limpo
Berlim	3	4	P. nub.
Viena	7	8	M. nub.
Varsóvia	8	8	Neblina
Atenas	11	15	P. nub.
Moscovo	8	8	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	3	16	Aguaceiros
Houston	17	24	P. nub.
Los Angeles	14	17	Aguaceiros
Montreal	3	18	Limpo
Nova Iorque	8	17	Limpo
S. Francisco	11	19	Aguaceiros
Toronto	2	13	P. nub.
Vancover	7	17	Limpo
Washington	4	19	Limpo
Hong Kong	18	24	Chuva
Melbourne	12	22	Limpo
Pequim	8	17	Aguaceiros
Perth	7	22	Limpo
Singapura	24	32	Trovoada
Sydney	17	23	Limpo
Tóquio	10	21	Aguaceiros
Wellington	12	21	Chuva



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

À Av. Estados Unidos N.º 9: Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 887721; **Chile - Arco Cego:** São Jorge, Largo Leão, 3 A-B, Tel. 570730; **Estrela:** Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139, Tel. 661758; **Graça:** Almeida Dias, Largo da Graça, 38-39, Tel. 862909; **Jerónimos:** Remísio, Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 3631699; **Largo Campo Pequeno:** Miranda, Largo Campo Pequeno, 36, B-C, Tel. 7707761; **Lumiar:** Nicolau, Calçada de Carriche, Lote 4 - Loja Esq.ª, Tel. 7588727; **Olivais Velho:** Olivais, Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 311237; **Palhavã:** Curie, Av. Madame Curie, 15-A, Tel. 7263220; **São José - Tivoli:** Fernandes, Rua São José, 187, Tel. 326476; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Monserrate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 9811139; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Alameda - Fonte Luminosa: Ibéria, Rua Barão Sabrosa, 235-235-A, Tel. 888277; **Alvalade:** Alvalade, Av. da Igreja, 18-A, Tel. 892070; **Amoreiras:** Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, Tel. 650760; **Anjos - Lisboa Ginásio Clube:** São José, Rua Anjos, 41-A, Tel. 570730; **Bairro Alto:** Veritas, Rua da Misericórdia, 135, Tel. 327564; **Beato:** Grijó, Rua do Grilo, 25, Tel. 385264; **Benfica - Charquinho:** Macedo, Rua República da Bolívia, 69-C, Tel. 7511227; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Chelas - Av. Dr. Aug. Castro - Carris:** Sacramento, Rua Actriz Palmira Bastos, Lote 42, Tel. 8590904; **Estrela - Possidónio Silva:** Tagus, Rua Possidónio da Silva, 162-A, Tel. 669485; **Saldanha:** Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14-15, Tel. 521845; **Santa Apolónia - Cam. Ferro:** Pereira Suc., Rua Paraíso, 98 - St. Clara - Hosp. Marinha, Tel. 863224; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184, Tel. 2432034. Até às 22 h; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **Murtal:** Primavera, R. das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 2802214. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Cavaca, R. Elias Garcia, 209, Tel. 4930019. Permanente; **Damaia:** Nova, R. Elias Garcia, 10, Tel. 972530. Até às 22 h; D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** O'Neill Pedrosa, R. Casal Olival, Lote 3-A - Massamá, Tel. 4377205. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Macedo Henriques, R. Bern. Francisco Costa, Lote 1, Tel. 2751297. Permanente; **Cova da Piedade:** Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, Q. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Central, Av. Alfredo Silva, 48, Tel. 2073207. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Cruz Pau:** Duarte Ramos, R. Bafatá, 11 - Loja 30 - Centro Belsul, Tel. 2243143. Permanente; **Arrentela:** Ana Branco, Quinta Murtinheira, Tel. 2215590.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Apolo-13: amaragem de manhã

A amaragem da Apolo-13 no Pacífico Sul terá lugar amanhã. As coordenadas do ponto de amaragem previsto são 21 graus e 40 de latitude sul e 165 graus e 23 de longitude. Entretanto, às 10 e 13 de hoje (hora de Lisboa) a Apolo-13 encontrava-se a 251 mil e 391 Km da Terra. A sua velocidade, por efeito da gravidade terrestre, aumenta constantemente. Era nessa altura de 5207 Km/h.

EUA: manifestações contra a guerra no Vietnam

Registaram-se desordens entre manifestantes rivais durante um comício durante a guerra no Vietnam, que se realizou ontem em Nova York. Foi um de vários que se realizaram em todos os Estados Unidos. Em Cleveland foram presas quatro pessoas por conduta desordeira quando 300 manifestantes protestaram contra a guerra.

«Do you speak english?»

Jimmy Hagan, o novo treinador do Sport Lisboa e Benfica, entrou hoje ao serviço. Foi esta manhã apresentado aos jogadores, no Estádio da Luz. Conversou com José Augusto, falou com Eusébio, tomou (enfim) contacto com os "craques" da Luz, que não via em acção desde 1967, quando o Benfica jogou em Wembley com o Manchester.

EFEMÉRIDES

1945

• Tropas norte-americanas entram em Nuremberga, na Alemanha, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1970

• Uma avalanche de neve em Sallanches (França) soterra um sanatório de crianças, provocando 72 mortos.

1975

• É criada a empresa pública Electricidade de Portugal (EDP) resultante da nacionalização das companhias distribuidoras de energia eléctrica.

1980

• O Irão anuncia a formação do Exército Revolucionário Islâmico e apela a uma santa, com o objectivo de derrubar o governo do Iraque.

1984

• Mais de um milhão de brasileiros exigem, em São Paulo, numa das maiores manifestações políticas do País, eleições «directas, já».

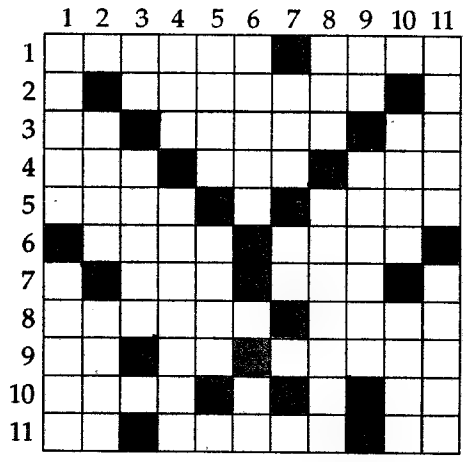
1986

• Entre rumores de um golpe de Estado na Líbia, a Rádio Tripoli anuncia que o ataque norte-americano da véspera provocara 17 mortos, entre os quais uma filha adoptiva de Khadafy, e 100 feridos.

1988

• Entra no 12.º dia o sequestro do avião do Kuwait, agora estacionado no aeroporto de Argel com 32 reféns a bordo.

PALAVRAS CRUZADAS



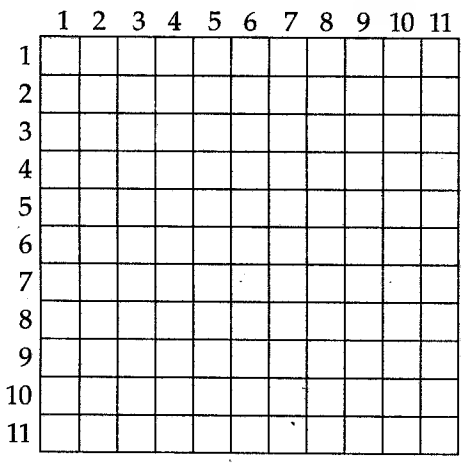
PROBLEMA N.º 17899

HORIZONTAIS:

1 - O mesmo que crinolina (tecido e pl.). Criança francesa célebre pelo seu heroísmo.
2 - Brejeiras.
3 - Ondas curtas. Preparar com ópio. Mulo.
4 - Rente. Fruto da ateira. Ecoa.
5 - Mãe de Ismael. Aquele que.
6 - O mesmo que arão. Árvore de grande porte (Bras.).
7 - Recusa. Prefixo que designa ar.
8 - Acarreta. Ramalhete.
9 - Solitário. Seguia. Voltar.
10 - Planta textil do Ceará. Ruim.
11 - Autores. Tempo do verbo ser. Arsénio (s.q.).

VERTICAIS:

1 - Lastima. Invólucro.
2 - Invisual. Enrubesce.
3 - Prefixo de negação. O mesmo que sarnento.
4 - Recusa. Sairias frequentemente à rua.
5 - Lança o arpéu a. Apelido.
6 - Mato de castanheiros. Milímetro.
7 - Ave pernalta do Brasil. Basta!
8 - Cidade da Ucrânia. Tencionavas.
9 - Arsénio (s.q.). Bater.
10 - Triturai. Suga o leite materno.
11 - Recuam. Resides.



PROBLEMA N.º 16709

HORIZONTAIS:

1 - Nome de mulher. Chapa lisa de ferro para arredondar o vidro, nas fábricas.
2 - Erguei. Aparelho para tecer.
3 - Mover os remos. Conduzirá para cá.
4 - Huarneceria de asas. Crómio (s.q.).
5 - Abreviatura de Santíssimo. Hospedaria oficial na China. Magnete natural.
6 - Cério (s.q.). Maceravas. Batráquio.
7 - Cantigas. Reles.
8 - Moderato. Rio de Itália. Colina na Suécia.
9 - Piedosas. Brisa. Agarrei (inv.).
10 - Prefixo de negação. Engasta.
11 - Relativos a oásis. Transpira.

VERTICAIS:

1 - Rio de Portugal. Mar interior nos confins da Europa e da Ásia.
2 - Abreviatura de acéptico. Ente. Ilha do estado da Baía.
3 - Ramadas. Magnete natural.
4 - Irmãs da mãe. Punhados.
5 - Coriscos. Duzentos em romano.
6 - Monarca. Estaciono.
7 - Pronome pessoal. Frutos silvestres.
8 - Seduzes.
9 - Mãe de Rómulo e Remo. Apupos.
10 - Assinalarias.
11 - Lavrar. Tostara.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 898

HORIZONTAIS: 1 - Passada. Mat. 2 - ANO. Tentear. 3 - Ronco. Iara. 4 - Oirara. Ab. 5 - DE. Sara. Toa. 6 - ANI. Sai. 7 - Icle. Bath. 8 - Rio. Eia! Io. 9 - Om. ER. Canos. 10 - BUGALHOS. 11 - Camas. Os. PS.
VERTICAIS: 1 - Paradeiro. 2 - ANO. Cimba. 3 - Sono. Aló. Um. 4 - Cisne. Ega. 5 - Atorai. Eras. 6 - DE. Ar. Mi. 7 - An. Ras. 8 - Tia. Ab. Aos. 9 - Meã. Tia. NS. 10 - Aarão. Tio. 11 - TRABALHOS.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 708

HORIZONTAIS: 1 - Apaga. Barro. 2 - Matas. Ruais. 3 - Apó. Siar. Os. 4 - Rã. Vinga. Sa. 5 - Man. 6 - Cá. Aí. Noa. 7 - Será. Adi. 8 - Aramá. Atoro. 9 - Aliso. Or. 10 - Pã. Dã. Massa. 11 - Lima. Paio.
VERTICAIS: 1 - Amaro. Sa. Pl. 2 - Papa. Cercai. 3 - Ato. Mara. 4 - Ga. VA. Amada. 5 - Assina. Ala. 6 - In. Ia. 7 - Braga. Asma. 8 - Aura. Atoai. 9 - Rã. Ando. Só. 10 - Rios. Oiros. 11 - Assada. Oral.

PROVÉRBIO: ANO DE BUGALHOS, ANO DE TRABALHOS.

CARTAZ

CINEMAS

L I S B O A

ALFA 1
Av. Alm. Gago Coutinho - T. 806496
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
UM AMOR INEVITÁVEL
Filme de Rob Reiner
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
Filme de Oliver Stone
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

ALFA 5
CAMPO DE SONHOS
Filme de Phil Aldeu Robinson
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Alm. Gago Coutinho - T. 806496
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 5
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
M/6 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
TEMPO DE GLÓRIA
Filme de Edward Zwick
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A -T. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 -T. 776098
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
ORGIAS NOCTURNAS
Hard-core-1º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 -T. 324194
VIVA D'JANGO
Filme de Ferdinando Baldi
M/16 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
BAPTISMO DE FOGO
M/18 anos - Às 24.00 horas.

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 -T. 573407
SUPER GIRLS EM 3-D
Hard-core-1ºescalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
(ENCERRADA ATÉ DIA 17)

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 555134
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F -T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
O FILÓSOFO
Filme de Rudolf Thome
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2
O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE DELA
Filme de Peter Greenaway
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

«Um Amor Inevitável», de Rob Reiner

O MEU PÉ ESQUERDO — **PUB**
Em exibição Quarteto Sala 1 — Qualidade — Maiores 12 anos

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A -T. 801313
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14, 16.30, 19 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/12 anos - Às 13.45, 16.30, 19.00 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
LUA-DE-MEL ATRIBULADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
A HONRA DO CAMPEÃO
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
R. dos Condes, 13 - T. 325309
RATA BORRALHEIRA
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de Stª Antão - T. 326305
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
O MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridani
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.30

7ª ARTE
Av. da República - T. 730715
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.45, 17, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade,9 - T. 3468446
CAMPO DE SONHOS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

COSTA DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO
Sala 1
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.15 e 21.45 horas.

O PESCADOR
Telef. 2905350
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30 e 21.45

C A S C A I S

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841744
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
VALMONT
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 16.00 e 21.30

«Demónio de Saias», de Susan Seidelman

A L M A D A

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS
Sala 1
Telef. 2479144
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

CARTAZ

Sala 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA

Sala 1
Av. das Descobertas - T. 4439759
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia - T 4934871
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570
SEXO MENTIRAS E VÍDEO
M/16 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
SALA 1
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

SALA 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

SALA 3
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

CARMINA SAMUEL - Pintura
Mãe d'Água - Praça das Amoreiras (Inaugura dia 19, às 19 e 30)

«O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante Dela», em exibição na sala 2 do Forum Picoas

COLECTIVA DE ESCULTURA - Artistas caldenses
Galeria Almada Negreiros/SEC (Inaugura dia 19, às 18 horas. 10/20 horas, excepto segundas-feiras)
HELENA ALMEIDA - Pintura tridimensional e obras em papel
Galeria Valentim de Carvalho - Rua da Cruz dos Poiais, 111 - (Inaugura dia 17, às 22 horas. 11/13 e 15/19 horas, excepto domingos. Até 19 de Maio)
MANUELA ALMEIDA - "O Espectador" - objectos
Diferença - Rua S. Filipe Nery, 42 (Inaugura dia 17, às 22 horas. 15/20 horas, excepto segundas-feiras. Até 10 de Maio)

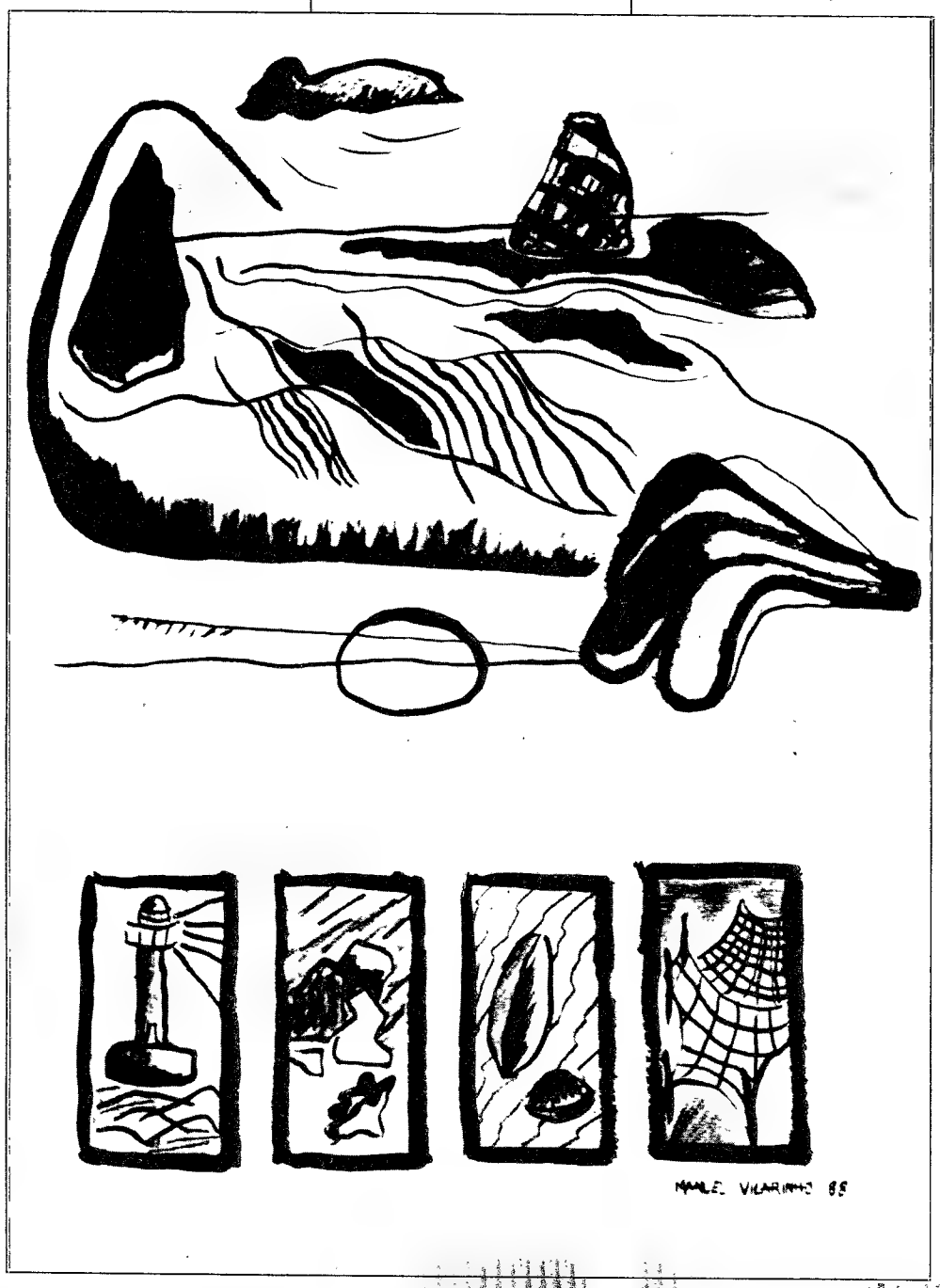
LISBOA

150º ANIVERSÁRIO DO MONTEPIO GERAL - Convidados os artistas que a organização considerou jovens e representativos da dinâmica da arte portuguesa contemporânea, o resultado revela-se caótico. Sem pôr em dúvida a representatividade, parece discutível a juventude. Se alguma existe, então será na organização, montagem e sobretudo no catálogo, que não soube cuidar minimamente, e onde previlegia alguns artistas, com mais do que uma reprodução, em detrimento de outros, ausentes. Para já não falar no infeliz espaço do Palácio Foz, mesmo que o argumento seja a acessibilidade de um público mais vasto. Ora esse público, dificilmente conciliará os horários dos transportes públicos com os horários e os três lanços de escada do Palácio.
Palácio Foz (Diariamente, entre as 11 e as 19 horas. Até dia 29)

JE *EST* UN AUTRE - Segunda parte da exposição internacional de auto-retratos. Andy Warhol, Christian Boltansky, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Broothaers, Michelangelo Pistoletto e Tony Cragg tornam a fotografia parte integrante de objectos onde já não faz sentido discutir, ou limitar, o que é a escultura. Aliás, tem sido esta galeria quem mais tem contribuído para a confrontação e discussã do que é escultura, hoje. Exposição acompanhada de um catálogo onde, a par da qualidade de algumas reproduções, se reúnem textos de Chaké Matossian, John Yau (crítico da Art Forum) e Pedro Frade, sobre a temática e o sentido da auto-representação.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raúl Cascais, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos)

JOÃO CUTILEIRO - Exposição antológica de 34 anos de actividade do responsável pela dignificação e difusão da escultura em pedra, de pequeno formato ou de parede. Independentemente da repetição dos temas e técnicas, João Cutileiro soube manter-se atento à vitalidade da escultura portuguesa protagonizada pelos sete escultores presentes em homenagem ao seu Mestre: António Campos Rosado, osé Esteves, José Pedro Croft, Manuel Rosa, Maria Felizol, Pedro Fazenda eSílvia Westfalen.
Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian (10 às 18 horas, excepto segundas-feiras)

PEP AGUT - Graça Fonseca parece previligiar o intercâmbio com as galerias espanholas. Depois de Eugénio Cano (por troca com Paulo Feliciano?), a galeria revela agora este catalão residente em Colónia. Além da instalação *Amigos Para Sempre*, onde diferentes tipos de cadeiras uniformizadas pelo estofo dialogam com a *pele* mudada (entretanto emoldurada na parede), Pep propõe u a reflexão sobre a desmultiplicação do espaço/suporte. Mondrian revisitado.
Galeria Graça Fonseca - Rua da Emenda, 26 (15/20 horas, excepto domingos e segundas-feiras)



Desenho de Manuel Vilarinho, na Loja de Desenho

ALMADA

30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA ESBAL
29 alunos testemunham a qualidade do ensino dessa disciplina ministrado pelos professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui homenageados.
A simulação do que é uma oficina de gravura (xilogravura, calcografia, águas-fortes e serigrafia) desmistificam e aproximam o público dos trabalhos presentes.
Galeria Municipal de Arte (15 às 22 horas, excepto segundas-feiras)

CASCAIS

ESTORIL
JOH - "Magnificências", esculturas
Galeria Arcada (11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até 23 de Abril)

OEIRAS
LAURA CEZZANA - Pintura
Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis, 90 (10/14 e 15/19 horas. Até 1 de Maio)

J.F.

TEATRO
LISBOA

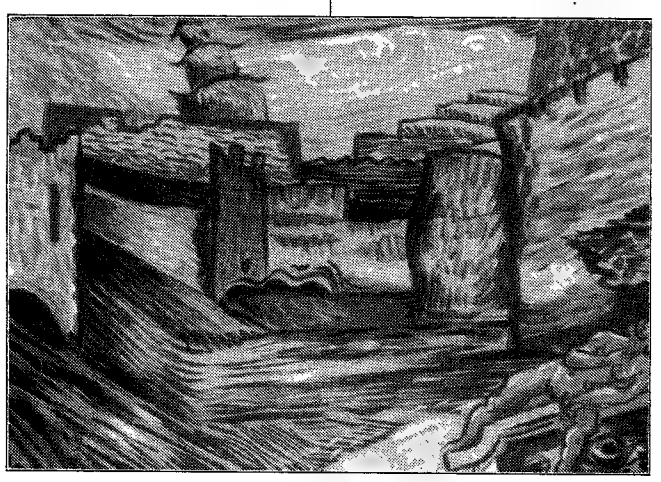
TEATRO
MUNICIPAL S. LUIZ

R. António Mª Cardoso
Telef. 327172
Estreia às 21.30 horas
QUADRANTE
Com Paulo Autran

RÁDIO
ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00:- O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo.



Pintura de Manuel João Vieira, na galeria Leo

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** O Som dos Negócios; **21.30:** Imaginário. Noticiário de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: Uma Sinfonia de Haydn; **17.32:** Música do Século XVI de Leonhard Lechner, Juan Vasquez, Juan de Anchieta, Anónimo, Ortega e Pedro Rimonte; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais. As sonatas e partitas para violino solo de Bach; **19.16:** Álbum Musical. Obras de Smetana, Chopin, Donizetti, Tchaikovsky, Liszt, Helmut Eder, Ernesto di Capua, Massenet, e Chopin; **20.10:** Álbum Musical (continuação); **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Recital de Guitarra Clássica por Paulo Pessoa; **21.35:** Obras de George Enescu; **22.00:** Música Vocal Comentada; **23.00:** Música Sinfónica com o maestro Fritz Busch; **00.25:** Música de Câmara de Mozart; **01.00:** Momento de Lied. Obras de Johannes Brahms; **01.30:** Grandes Intérpretes. O violinista Salvatore Accardo; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO
COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO
RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.10:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

15.00: Fórmula Três; **18.00:** Ideiafix; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

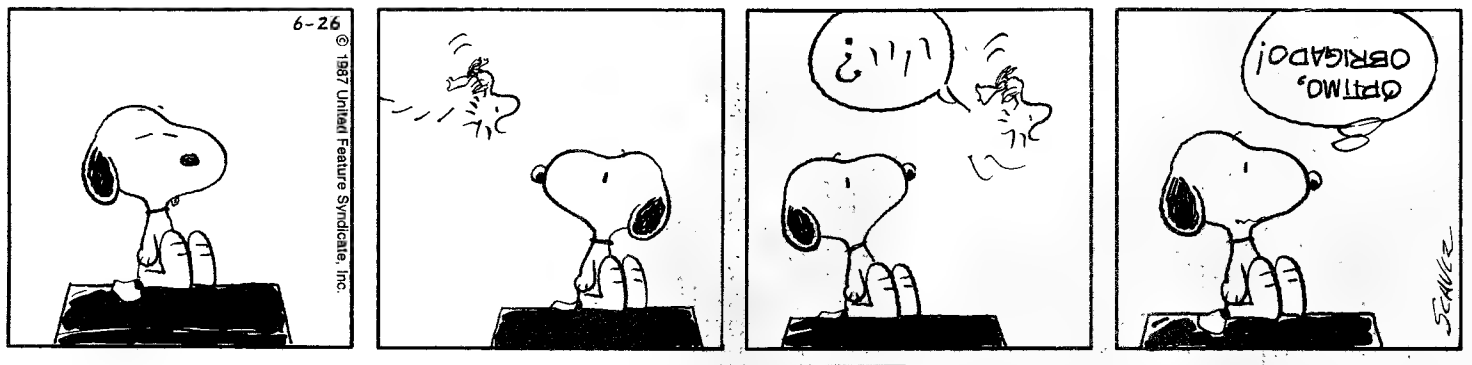
VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Alentejo em Notícia.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00: Diálogo;** 20.30: Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.35 - CLÍNICA GERAL
17.30 - A HORA DO LECAS
18.00 - CONCERTO
DE HOMENAGEM
A NELSON MANDELA
18.35 - RUA SÉSAMO
116º programa.
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - CLUBE DOS SUBSCRITORES
21.45 - CASINO ROYAL
13º e último episódio: o Casino Royal vai fechar as suas portas com uma festa que contará com voz e presença de Lara Li. Nela reinará, uma vez mais, a alegria e, também, o amor. Pois, para que tudo acabe bem, todos os espiões encontrarão as suas caras-metades. Casamentos é coisa que não faltará neste fim de festa: Zizi acaba por emigrar para Londres, com o seu maridinho Philip, enquanto Bramila Pestarosa cai nos braços do parvo Alverca, porque isto de ficar solteira é só uma grande chatice. No esgoto também se comemora a boda entre Natascha Seminova e Cachucho. A menina Ivete apanha o Trafaria em boa maré e consegue contrair matrimónio. Marybel, que é uma extraterrestre, serve de testemunha a todos estes casamentos. Quanto a Hitler, depois de tentar comprar o Crispim, parte para a América do Sul, onde se dedica à criação de pombos para tiro ao alvo.
22.50 - QUASE ADULTOS
23.45 - 24 HORAS
00.15 - UM DIA...
00.20 - REMATE
00.30 - CARTAS DE HUMOR
Com Fernando Mendes

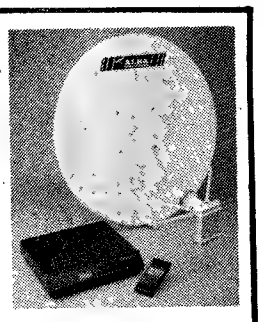
Às 21.45, no 1º canal, o 13º e último episódio do programa de Herman José, «Casino Royal»

«Andam ladrões cá em casa», uma comédia dramática portuguesa de António Pedro, no 2º canal, às 22 horas

RTP-2

16.45 - O JOVEM SHERLOCK
17.15 - ÍCONES DA MADEIRA
17.40 - ITÁLIA/90
18.35 - O MEU PÉ
DE LARANJA LIMA
83º episódio
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66», 40º episódio.
20.40- VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - ACERTO DE CONTAS
22.00 - TEATRO PORTUGUÊS
«Andam Ladrões em Casa»: esta comédia dramática da autoria de António Pedro, escrita em 1950, proclama-se contra as regras e conveniências da ordem burguesa e evidencia os sagrados direitos da liberdade. É, por outro lado, a afirmação do "teatro diferente" com que o autor sonhava. Trata-se de uma peça inédita realizada para a RTP por Bento Pinto da França com o apoio na produção de Atília Cargaleiro, cenografia de Fernando Filipe e interpretação dos actores Glicínia Quartin, Teresa Roby, Alexandre Melo, Canto e Castro, Alina Vaz e Amílcar Botica. «Andam Ladrões cá em Casa», uma história em que a figura central é Joaninha, uma mulher insubmissa que tem a coragem de não ser como as outras, por isso, diferente. Duração: 90 minutos.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - DALLAS
14.15 - VILA FAIA
15.05 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.35 - CLÍNICA GERAL
17.30- BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.20 - PRIMEIRA PÁGINA
22.25 - CRÓNICA DO CRIME
23.20 - 24 HORAS
23.50 - UM DIA...
23.55 - REMATE
00.05 - CARTAS DE HUMOR
Com Ana Bola

RTP-2

14-02 - TELEMERCADO
14.30 - PRIMEIRO JORNAL
14.45 - ESPAÇO INFANTIL
15.00 - FILHOS E FILHOS
15.20 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.20 - HÁ PINTORES QUE...
Ana Vidigal
17.35 - O HOMEM NA MARGEM
18.35 - O MEU PÉ
DE LARANJA LIMA
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TVB
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINE MAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS
23.35 - UNIVERSIDADE ABERTA

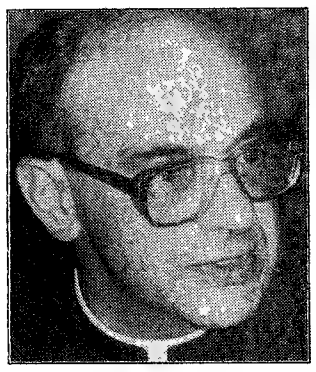
BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

«Muitas das questões ou das questiúnculas que fazem parte da vida interna do PSD (...) projectam-se no funcionamento do Governo»

Henrique Barrilaro Ruas, «Diário de Notícias», 16.04.90

A PERGUNTA DO DIA



D. Albino Cleto, bispo auxiliar de Lisboa, secretário da Conferência Episcopal

A Sé de Castelo Branco está a ser recuperada pelo Ministério das Obras Pública. A Igreja Católica tem dificuldades financeiras para manter os locais de culto?

«Em muitos edifícios cristãos de Portugal - e Portugal é todo ele um País de edifícios cristãos - há dificuldades em manter os lugares de culto. Tais dificuldades surgem, particularmente, onde as comunidades decresceram muito, ou por baixa de população, ou por diminuição da prática. Há também dificuldades onde os edifícios são de grande porte, e com quase todos os monumentos nacionais.

Felizmente essas dificuldades não se sentem em muitas localidades do País, quando comunidade e edifícios estão bem dimensionados um pelo outro; aliás, podemos dizer que é grande a generosidade dos cristãos portugueses para manter os seus lugares de culto.

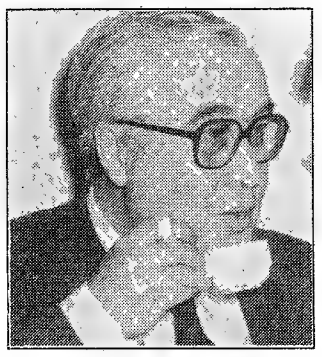
Tratando-se de monumentos nacionais, como é o caso, a sua conservação recai sobre o seu proprietário, que é o Estado.»

APLAUSOS A...

Eusébio, o maior futebolista português de todos os tempos, agora retratado em Banda Desenhada. O álbum, escrito e desenhado por Eugénio Silva, ajuda a imortalizar o célebre número 10 do Benfica e da selecção portuguesa e tem o título que todos esperávamos: "Eusébio - pantera negra".

Paulo Autran, pela estima demonstrada a Portugal ao escolher o nosso país para comemorar os 40 anos da sua vida teatral e pela atitude de não se «prostituir» em mais telenovelas. A televisão, em termos artísticos, não nos exige nada, declarou ele ao «Diário de Lisboa». O seu amor ao teatro e a qualidade desse amor poderá testemunhar-se, a partir de hoje e até ao dia 22, no palco do São Luiz.

& PATEADAS A...



Falcão e Cunha, porque na sua primeira intervenção pública perante os jornalistas, no final da reunião da comissão política do PSD, nada mais disse senão repetir o discurso que, na véspera, o líder do partido fizera na televisão. Do novo secretário-geral do PSD esperava-se algo mais, mas, humildemente, ele preferiu ser... a voz do dono.

Caixa Geral de Depósitos que, dilapidando dinheiros públicos, comprometendo um projecto urbanístico que já tinha levantado alguma polémica, descobriu agora que planeou mal a sua gigantesca sede da Av. João XXI. Solução expedita, mutile-se o edifício. Quem vai pedir contas à administração da CGD por este erro de planeamento de uma obra faraónica no qual estão empatadas muitas dezenas de milhão de contos? Que tem a dizer a isto a Câmara de Lisboa? Será que vamos ter de criar o movimento dos espoliados pela CGD?

Terça-feira no

Diário de Lisboa

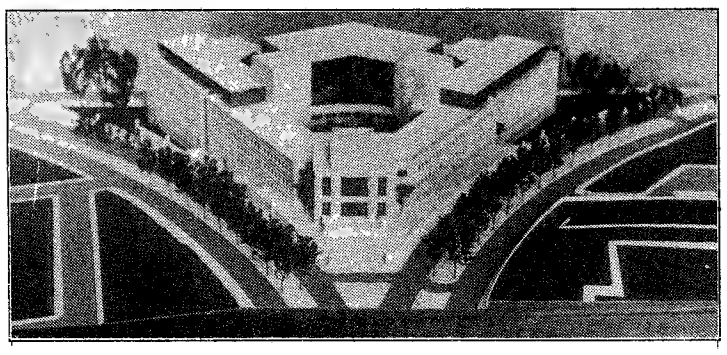
Entrevista com Mário Soares

Sondagem sobre a esquerda e a direita

A crónica de Umberto Eco

O Instituto Nacional de Estatística

está a modernizar instalações e métodos de trabalho



Leia no

SUPLEMENTO DE **ECONOMIA**

TERÇA-FEIRA

meteorologia

Segundo acto

Maiakovsky escreveu a peça *O Percevejo*, e um tal Cunha de Leiradella compôs um drama absurdo *As Pulgas*. Teatralmente falando, os parasitas crescem, multiplicam-se e fecundam o campo dramático. A farsa (?) do soviético, que se pode encarar de muitas maneiras, sobreviveu a várias datas fatídicas, inclusive a sua, inscrita no próprio texto: data em que o herói seria descongelado no curioso país do socialismo. O texto do autor português, de seu verdadeiro nome, Eduardo da Cunha Júnior, actualmente em Belo Horizonte — podia ser uma grande surpresa, se fosse possível que o teatro em Portugal constituísse alguma vez uma surpresa, se fosse produzido por uma «firma» mais conhecida do que o *Primeiro Acto* de Algés, ao cuidado do grupo *Persona*, se o texto tivesse sido escrito antes, antes de Ionesco, ou na sua época.

Todavia: o texto vive de um forte imaginário não-literário e a cena rapidamente fornece *outro texto*, autónomo, chamado espectáculo.

Todavia: *Primeiro Acto* é uma casa honrada, de algumas práticas significativas, outras menos, de alguns intervalos insuportáveis, quando terra de ninguém. Sala até agradável, apesar de revestida de luto. Mas ninguém lá foi morto.

Todavia: *Persona* é um agrupamento de jovens profissionais que tem conseguido sobreviver com reportório português, sem maçar. E quem fará a dramaturgia portuguesa? Bob Wilson, Grotowski, o D. Maria II, Peter Stein, Lioubimov?

Três razões para visitar *As Pulgas*, mais engraçadas do que as do *Quarteto* ao vivo, antes que chegue *O Percevejo* de Maiakovsky, tão actual que faz doer.

Jorge Listopad

A.M.A.® Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

o 25 de Abril visto de fora

Datados de Março de l974 a Novembro de 1975, os textos que compilamos neste suplemento, por ordem cronológica de publicação, retratam os acontecimentos que se registaram em Portugal num período dos mais críticos da sua história contemporânea. Da autoria de jornalistas estrangeiros ou de personalidades portuguesas que, vivendo no estrangeiro, escreveram na imprensa dos seus países de adopção, dão-nos desses acontecimentos uma visão «de fora», mas de modo nenhum «por fora». Passados 16 anos sobre a «revolução dos cravos», os autores de todos estes artigos e mais alguns outros jornalistas que relataram esses acontecimentos para a imprensa dos seus países, reencontram-se agora em Lisboa, a convite do «DL», para participarem no colóquio «O 25 de Abril revisitado pelos media internacionais», que amanhã se inicia no «Forum Picoas» e ali vai decorrer até à próxima quinta-feira

As máscaras caem em Portugal

Mário Soares

Dez dias antes da marcha do Regimento das Caldas sobre Lisboa, com uma antecedência de pouco mais de mês e meio relativamente ao 25 de Abril, o actual Presidente da República, então exilado político em Paris, onde exercia funções docentes na Sorbonne, escrevia em «Le Monde», na qualidade de dirigente socialista, o artigo que transcrevemos parcialmente e em que assinalava os sintomas de uma situação

Algo se passa, finalmente, em Portugal. Desde há alguns meses, a agitação social e o descontentamento político crescem em todos os sectores da sociedade portuguesa. O sistema está avariado e já nada funciona. Existem vários sintomas de uma próxima mudança no cenário político. O Governo de Marcelo Caetano vive, impotente, o dia-a- dia, e nem sequer ousa definir uma política global perante os perigos que o ameaçam.

Em primeiro lugar, há a crise económica e social do País. Não é, apenas, a morosidade nos negócios, a falta de investimentos, o atraso económico generalizado em relação à Europa, a corrupção administrativa - que acentua ainda mais as deficiências de um dirigismo corporativo decadente -, as chocantes desigualdades sociais na distribuição dos rendimentos; é, também, a inflação galopante (21 por cento em 1971, segundo números da OCDE), com o congelamento generalizado dos salários, a falta de bens essenciais, a emigração.

A guerra colonial prossegue, desde há treze anos, em Angola, em Moçambique e na Guiné-Bissau, cuja independência «de jure» foi proclamada em 1973, tendo já sido reconhecida por cerca de oitenta países. Nestes últimos meses, a situação tem vindo a agravar-se consideravelmente.

Mas o mais importante é que, também na metrópole, se está a perder a guerra. O movimento de opinião contra a guerra colonial, manifestado publicamente por ocasião da farsa eleitoral de 1973, estendeu-se a todos os sectores da população e já chegou ao Exército. Efectivamente, este recusa-se a ser o bode expiatório de uma situação que o ultrapassa e cuja responsabilidade pertence, fundamentalmente, ao próprio Governo. Não são, apenas, os jovens que se recusam a combater (existem cerca de cem mil jovens desertores portugueses, em fuga pela Europa, porque se negam a cumprir quatro anos e meio de serviço militar obrigatório); é, também, a Igreja - cuja autoridade, em Portugal, é muito importante - que se começa a demarcar do regime colonialista e fascista. (...)

Mas o aparelho repressivo do regime permanece intacto: a repressão policial mantém-se. Desde há alguns meses, a polícia política também persegue os meios católicos - e, até, os padres -, para além dos meios tradicionais de influência comunista, socialista ou de extrema esquerda. A tortura continua a constituir uma prática corrente, da qual foram vítimas, recentemente, o líder revolucionário Palma Inácio, o arquitecto católico Teotónio Pereira, o estudante Saldanha Sanches, e o militante comunista João Resende, entre muitos outros.

É neste contexto que se soube do malogro (...) de um golpe de Estado contra o Governo de Marcelo Caetano, liderado pelo general Kaùlza de Arriaga. A notícia foi divulgada pela Imprensa angolana, através de uma «fuga» premeditada, com origem em meios próximos de Marcelo Caetano. O objectivo era agitar o fantasma da ameaça ultra-direitista e fazer o ditador Caetano surgir como um «moderado» centrista, ou mesmo como um «liberal»... Ora, Kaùlza e Caetano pertencem à mesma família política, e são ambos «ultras». Trata-se, simplesmente, de uma luta pessoal pelo poder supremo. Kaùlza também se preparava para montar a sua pequena campanha de «mini liberalização», a qual, desta vez, não iria enganar ninguém...

Outros grupos militares criticam o Governo de Marcelo Caetano. Multiplicam-se as reuniões sendo que oficiais e subalternos conspiram, em maior ou menor grau. O general Spínola fez publicar (...) um livro explosivo, «Portugal e o Futuro». Spínola é um homem em ascensão no horizonte militar e político português, desde que foi nomeado governador da Guiné. Foi designado depois da tentativa abortada de Kaùlza, que era chefe-adjunto do Estado-Maior das Forças Armadas. Mas o significativo é que escreveu, no seu livro, que, em termos militares, a guerra já está perdida - «não há solução militar» - e que se deve atribuir prioridade à autodeterminação das colónias, transformando o império numa espécie de «Commonwealth» portuguesa. Para o próprio País, advoga uma viragem política no sentido da liberalização, aliás de um modo bastante vago quanto às condições em que se processaria. Não fala, explicitamente, do reconhecimento dos partidos políticos, embora lhe faça uma discreta alusão, nem de uma amnistia, nem de liberdade sindical.

Nem sequer critica, uma única vez, o Governo de modo directo, se bem que as responsabilidades deste na crise actual - «a mais grave que Portugal conheceu desde sempre» - sejam postas em evidência pela sua análise. Limita-se a reclamar uma nova Constituição, que institua um Estado federal, e a propor um referendo sobre a política global do regime. Mas que referendo? Sem liberdades fundamentais e organizado como o foram todas as farsas eleitorais de Salazar e Caetano? É aí que reside o problema. Ora, para que se possa tomar a sério a proposta de Spínola, é necessário que ele esclareça esse ponto e que todas as ambiguidades (talvez tácticas) do seu projecto sejam dissipadas.(...)

De qualquer modo, para os socialistas portugueses - cujo partido permanece na clandestinidade, como todos os outros partidos democráticos -, a linha de demarcação é nítida. Para eles, não se trata de obter uma «liberalização» mais ou menos avançada - concedida pelas cúpulas, subitamente «esclarecidas» -, mas, sim, de conquistar a democracia, à qual o povo português tem pleno direito; não se trata de improvisar novas fórmulas neocolonialistas, quaisquer que sejam, mas, sim, de reconhecer, sem ambiguidades, o direito inalienável dos povos explorados e oprimidos das colónias à autodeterminação e à independência.

(«LeMonde», 6 de Março de l974)

As criticas do General Spínola à politica seguida pelo governo de Marcelo Caetano foram uma das provas mais vivas da agonia do regime

O intempestivo avanço das tropas das Caldas fizeram intensificar os preparativos

«Os militares , que combatiam penosamente em África uma guerrilha cada vez mais bem armada

O mal colonial

Georges Dupoy (*)

Artigo publicado no «Figaro» de 26 de Abril de 1974

Um golpe militar acaba de pôr fim a uma ditadura que durava há quase cinquenta anos.

O regime instaurado em 1928 pelo dr. Salazar caiu como um fruto maduro nas mãos do exército que tanto fez para o colocar no Poder e consolidar. Sinal dos tempos. Tempos que não haviam mudado em Portugal, país imobilizado pelo corporativismo e pelos anacronismos económicos e políticos. E, também, o único país do Mundo que conservou o seu império colonial, apesar das experiências dos Estados vizinhos, das condenações e admoestações das Nações Unidas, do peso cada vez maior da guerra, cujo custo absorvia quase metade do orçamento nacional.

Apenas os militares, que combatiam penosamente em África uma guerrilha cada vez mais bem armada e - excepto em Angola - cada vez mais eficaz, estavam em contacto com as realidades do mundo exterior, enquanto Lisboa perseguia os seus velhos sonhos imperiais, nascidos no século XV. O abismo entre o Governo da metrópole e as tropas que combatiam no ultramar tornava-se ainda mais doloroso para estas, na medida em que eram condenadas não apenas pelos movimentos internacionais como, também, pelos colonos brancos, que lhes censuravam a fraqueza.

Nada havia a esperar das reacções de uma população tradicionalmente amorfa, e menos ainda de um Parlamento em que só o partido governamental estava representado. Não é, pois, surpreendente que a revolta tenha nascido e crescido entre os «centuriões», amargurados e incompreendidos. Ou que tenha sido estimulada pela obra de reflexão do seu membro mais ilustre, o general Spínola, o qual afirmava, em «Portugal e o Futuro», que a guerra colonial nunca poderia ser ganha no terreno.

A partir desse momento, os movimentos «profissionais» de oficiais, que se tinham limitado a exprimir reivindicações estritamente militares, não podiam deixar de se politizar.

A evolução foi rápida. Mal chegou a dois meses. O erro do Governo de Lisboa foi o de se recusar a admitir esta tomada de consciência, pretender ignorá-la. O alerta de 16 de Março passado, quando o regimento das Caldas marchou sobre a capital, deveria tê-lo esclarecido, encorajado a tomar, rapidamente, algumas medidas apaziguadoras. Porém, mais uma vez, prevaleceram os hábitos do regime: prisões, transferências, reformas compulsivas.

Tornava-se evidente que o processo culminaria num golpe militar. Golpe estranho, cujos objectivos anunciados são o regresso a um regime democrático e a retirada de África: uma espécie de «anti-Chile». É prenúncio, certamente, do fim de uma época e, sem dúvida, do início de uma nova fase da História, a da liberalização de Portugal para abrir caminho à sua reintegração no conjunto das nações europeias.

(*) Grande repórter do «Figaro» por ocasião do 25 de Abril de 1974, foi um dos enviados especiais ao nosso país. Presentemente, é jornalista do «Quotidien de Paris. Tem assegurado a cobertura dos acontecimentos do Leste europeu para o seu jornal.

«Finalmente...»

Dominique Pouchin (*)

Artigo publicado em «Le Monde», 28 de Abril de 1974

«Finalmente!». O rosto avermelhado do guarda de serviço, no posto fronteiriço de Elvas, ilumina-se com um grande sorriso. Não acrescenta nem mais uma palavra. Já disse tudo. O salazarismo reinou durante quarenta e seis anos. Foi derrubado em menos de quarenta e oito horas. Não se fala, em Lisboa, de revolução, e as raras pessoas que se atrevem a escrever a palavra utilizam, prudentemente, aspas. O Exército tomou o Poder; formou-se uma «Junta de Salvação Nacional», publicou-se um programa democrático, e medidas imediatas de liberalização foram postas em prática. Quanto ao povo, não desempenhou qualquer papel decisivo, embora, nas grandes cidades, tenha dado largas aos seus sentimentos.

Como na quinta-feira, dia 25 de Abril, por ocasião do cerco ao quartel-general da Guarda Republicana, onde Marcelo Caetano se tinha refugiado, quando vários milhares de pessoas desceram às ruas de Lisboa, para aclamar o «Exército libertador». O Bairro Alto, numa das colinas da capital, viveu, na sexta-feira, um dia em cheio.

Desde manhã cedo, a multidão começou a aglutinar-se nas imediações da sede da Direcção-Geral de Segurança, essa polícia política que todos continuam a designar pela antiga sigla, PIDE.

Último foco de resistência, o edifício é cercado pelos militares, que não parecem nada dispostos a tomá-lo de assalto: querem evitar qualquer troca de tiros e sabem que é aqui que existe a maior ameaça de isso se verificar.

A PIDE é o símbolo da opressão policial do regime derrubado: algumas centenas de «funcionários» que, através da terrível eficácia dos seus métodos, suscitaram o ódio cego dos militantes e de milhares de pessoas simples.

Quando, pouco antes das 10 da manhã, compreendem, finalmente, que a sua hora passou e que qualquer resistência é inútil, todo o bairro é de súbito abalado por uma explosão de alegria. Em todos os cantos, as pessoas beijam-se e choram. Dezenas de jovens desatam a correr. Velhos fecham os olhos e abrem-nos novamente, como para se assegurar que não estão sonhando. Uma senhora idosa, toda vestida de negro, abraça um soldado e, com os olhos rasos de lágrimas, murmura entre dentes: «Mataram o meu filho; há trinta anos que espero por este dia». Quatrocentos a quinhentos agentes da PIDE são, assim, apanhados.

Todavia, outros, que tiveram a sorte de não se encontrar no edifício cercado, ainda circulam pelo bairro. Mas os seus rostos são conhecidos: durante anos, arrastaram-se pelos cafés, espiaram as conversas nos passeios e prenderam os militantes. Não podem passar incógnitos, mesmo no meio da multidão. Deste modo, ao longo de toda a manhã, organiza-se uma verdadeira «caça» aos pides, nas ruas estreitas que conduzem ao centro da cidade. (...)

As instalações da Censura são saqueadas, e os «dossiers» atirados pelas janelas fora. Da sede da ANP, retiram uma enorme fotografia de Marcelo Caetano, que é logo rasgada e queimada.

Soldados dos três ramos das Forças Armadas, misturados na multidão, conseguem, mesmo assim, conter os excessos, mas parecem um pouco ofuscados pela exuberância das manifestações. Nenhum deles teria, sem dúvida, imaginado que viriam, um dia, a ser tratados como heróis.

O entusiasmo que se exprimiu, assim, desde as primeiras horas do golpe, quase não surpreendeu os chefes militares e os líderes políticos mais conhecidos. Estes últimos sentiram crescer a crise que, desde há vários meses, abalava o País.

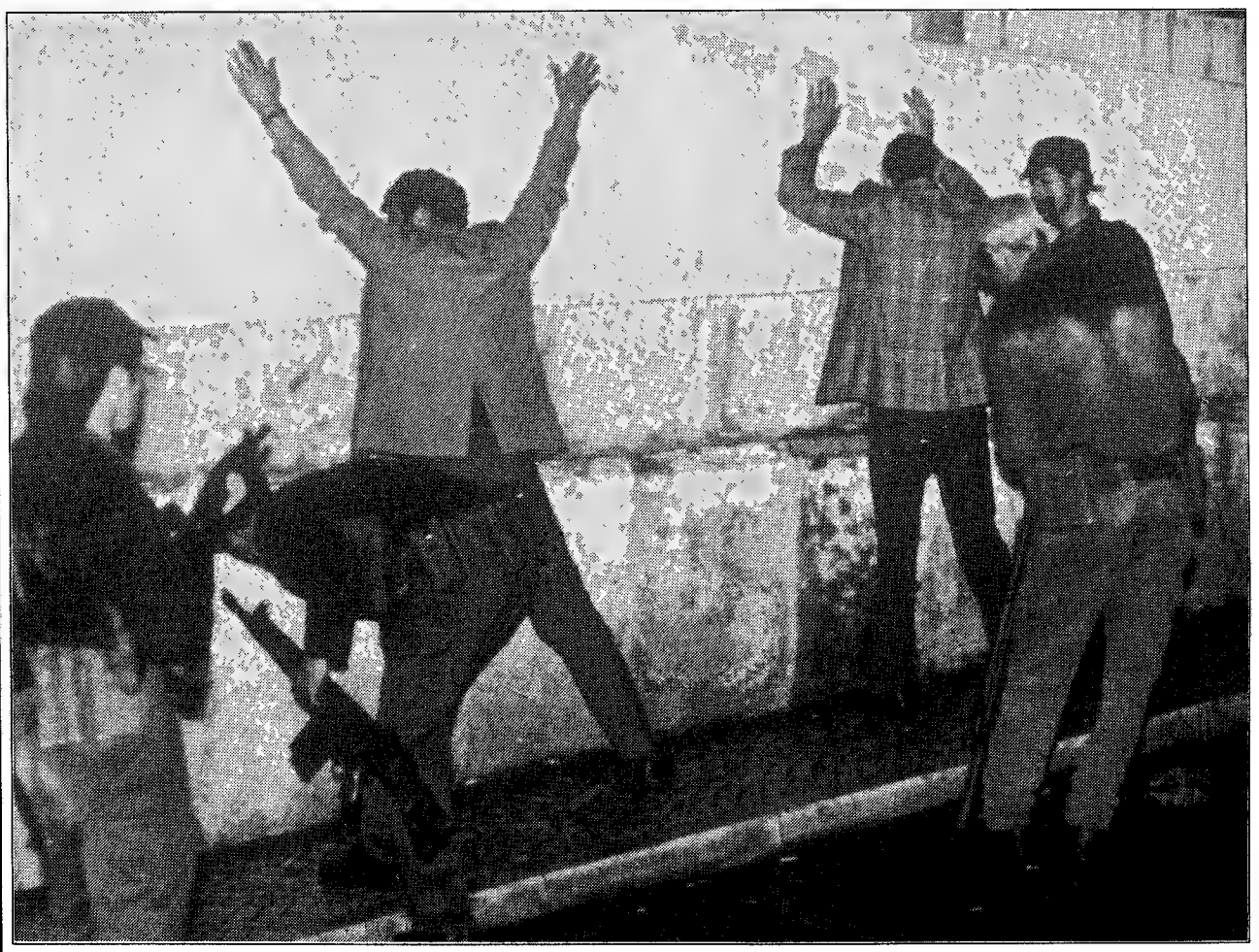
Um plano abandonado no último minuto

Foi, verosimilmente, o malogro do motim das Caldas da Rainha, em 16 de Março passado, que precipitou os planos: o general Spínola, avisado do que se preparava, teria, ele próprio, desaconselhado a execução de um plano de sublevação militar, o qual abrangia diversos regimentos mas não reunia, em seu entender, todas as garantias de êxito. O plano foi, pois, abandonado no último minuto, mas as tropas das Caldas não foram prevenidas: a sua marcha sobre Lisboa provocou, de imediato, um sobressalto da extrema-direita «ultra» que, reunida em torno do presidente da República e do ministro da Defesa, Luz Cunha, não parou de consolidar, ao longo das últimas semanas, as suas posições.

Foi, então, que o general Spínola compreendeu que o tempo começava a jogar contra si, pelo que teria acompanhado de perto a preparação do golpe decisivo do 25 de Abril. A sua presença à cabeça dos rebeldes era indispensável: a reputação que forjara no Exército e a confiança de que usufruia nos meios importantes da política e da economia portuguesas, revelavam-se, com efeito, tão decisivas para assegurar a vitória como a crescente influência do «movimento dos capitães» entre os oficiais subalternos. A conjunção destas duas forças, e uma preparação técnica minuciosa do «golpe», bastaram para deitar abaixo um regime que durava há meio século.

Passado o entusiasmo das primeiras horas, será necessário, para utilizar a expressão de Raúl Rêgo, director do «República» (jornal de oposição socialista), «pensar seriamente no futuro de Portugal», esforço esse cujas etapas essenciais já se encontram definidas no programa apresentado, em 26 de Abril, pela Junta. O programa surpreendeu, incontestavelmente, os meios da Oposição de esquerda, que não contavam com medidas imediatas tão «radicais»: abolição da Censura, dissolução da Polícia política, etc.

(*) Actual chefe de Redacção do «Libération», fazia um estágio no «Le Monde» quando, em Março de 1974, vem pela primeira vez a Portugal. Nos dois anos seguintes, faria mais de vinte viagens a Lisboa, para cobrir os principais acontecimentos originados pela «revolução dos cravos». Publica em livro uma longa entrevista com Mário Soares. Mais tarde, afastando-se das teses políticas que antes perfilara, faz uma revisão da imagem desses acontecimentos que antes transmitira.



Agentes da PIDE são presos, na rua, por militares

Os centuriões dominados pela democracia

Marcel Niedergang (*)
Artigo publicado na edição de «Le Monde» de 30 de Abril de 1974

Do alistamento voluntário ao lado das forças franquistas, durante a guerra civil espanhola, ao caloroso abraço com que recebeu, esta semana, em Lisboa, o dirigente do Partido Socialista português, de regresso do exílio - o caminho percorrido pelo general Spínola parece, à primeira vista, bem longo. Mas já um filósofo disse que apenas os imbecis nunca mudam de opinião. Sem deixar essa Península Ibérica - cujo imobilismo parecia, ainda ontem, inalterável, e que é, hoje, abalada por espectaculares mudanças-, também encontramos, em Espanha, conversões notáveis e novas tomadas de consciência. Antigos franquistas fanáticos e falangistas da primeira hora proclamam-se socialistas. Outros, é certo, agarram-se com tanto mais violência aos ideais da «cruzada» quanto a morte do salazarismo, às mãos dos capitães em cólera, é celebrada, em Madrid, como um símbolo e, por alguns, como um estímulo. Não foi António Giron, antigo patrão dos sindicatos oficiais e membro de uma «velha guarda» duplamente nostálgica, quem lançou de súbito um grito de alarme, recordando «a necessidade de não esquecer os sacrifícios de 1936»? Mas é um grito isolado, cujo eco se torna cada vez mais fraco. Em Espanha, tal como em Portugal, terras de eleição para as intervenções militares, as correntes profundas da sociedade apontam para a modernidade, a abertura, a tolerância, o progresso - não necessariamente em direcção à esquerda, ou à direita, mas, numa palavra, rumo à inteligência.

Os militares, que partilham as angústias e as esperanças da nação, não podiam escapar a este contágio. O Exército português vive, desde há mais de dez anos, o drama dos jovens ceifados ou mutilados, o horror das chacinas inúteis, a vergonha das deserções em massa, o mal-estar de um isolamento ao qual foi condenado por um número cada vez maior de países estrangeiros. O Exército - dizia Léo Harmon, por ocasião de um debate sobre o papel extramilitar das Forças Armadas no Terceiro Mundo - é a existência de uma disciplina própria e a posse de armas de combate. Coerência, estruturas, capacidade de intervenção: basta, pois, uma «ideia» para que os centuriões se transformem, momentaneamente, em grupo de pressão política. Em Portugal, o rastilho ainda é bem visível: é a recusa de uma guerra africana devoradora, desmedida, cujo carácter absurdo salta aos olhos de todos, pois não se avista um fim previsível. (...)

O que não tira que a aventura e o percurso do general de monóculo português não espantem e intriguem. Poder-se-ia imaginar, durante a guerra de Argélia, que um general no activo viesse brandir a sua espada sobre os Campos Elísios para obrigar o Governo a adoptar uma política colonial mais liberal? E, para cúmulo, apoiando-se na tropa, e passando por cima dos restantes generais dos estados-maiores? Conhecia-se um general Spínola coberto de condecorações, com a bóina «leopardo» dos para-quedistas, empenhando-se paralelamente, com igual energia, na guerra e na acção psicológica: napalm e a criação de um congresso guineense, que seria um esboço da assembleia legislativa com que queria dotar cada um dos Estados autónomos de uma eventual república federal portuguesa. Vemos, aqui, um militar com tendências políticas, seduzido pela democracia. «Spínola» - diz, com admiração, o «Pueblo», jornal dos sindicatos espanhóis - «não é, apenas, um militar; é, também, um dirigente». A inteligência do antigo comandante das forças portuguesas na Guiné-Bissau reside no facto de ter compreendido a necessidade de uma revisão radical dos meios e dos objectivos da guerra em África. A sua coragem é a de o ter dito, escrito e proclamado. A sua subtileza, a de se ter deixado levar para a cabeça do Movimento das Forças Armadas, e de ser a caução da revolta militar, depois de a ter inspirado, se não mesmo organizado. (...)

Convencer ou constranger?

Será que tudo se deve a um acaso? Um dos mais próximos colaboradores do general Spínola passou uma parte de noite, de 15 para 16 de Março passado, na Embaixada do Brasil, em Lisboa. No dia 16, o plano de sublevação militar foi abandonado, no último minuto. Apenas o 5º regimento das Caldas da Rainha, que não fora prevenido, se pôs, imprudentemente, a caminho de Lisboa. Por outro lado, não será o «raciocínio» brasileiro igual ao dos «experts» do Departamento de Estado, em Washington? Saudada tanto em Moscovo como em Pequim, a revolta vitoriosa do 25 de Abril não suscita nenhuma inquietação em Washington, onde atribuem grande importância à preservação das instalações militares americanas na base das Lajes, nos Açores. Talvez seja porque nem todas as ambiguidades foram dissipadas.

A fim de ter uma oportunidade de pôr o seu plano africano em prática, o general Spínola tinha de convencer ou constranger o Governo de Lisboa. A primeira alternativa falhou: o presidente do Conselho não soube, ou não pôde, opôr-se aos «ultras» do grupo Kaúlza de Arriaga-Adriano Moreira-Franco Nogueira. Pagou esta fraqueza, ou esta irresolução, com um exílio - de momento, dourado - num hotel do Funchal, na Madeira. Mas a coacção implicava a subversão total das estruturas internas de um regime solidamente implantado há mais de meio século. O general Spínola já não podia tentar salvar o império, ao propor a sua nova República federal, sem derrubar o neo-salazarismo de Caetano. Para os milhões de portugueses, para os liberais, os democratas, os exilados - e para todos aqueles que já não suportavam aquilo que, em Lisboa, se designava, eufemisticamente, pela «situação», constituiu uma saída que os deixou maravilhados. Para o general, só pode ser um preâmbulo. Entra neste jogo difícil com lealdade e determinação. (...)

Os soldados, o menino e a espingarda com cravo no cano: ex-libris da Revolução de Abril

(*) Jornalista de «Le Monde», desde 1952 (excepto durante uma passagem pelo «France-Soir», ainda nos anos 50), foi na qualidade de responsável pelas questões ibéricas e latino-americanas do jornal então dirigido por Beuve-Méry que iniciou a publicação das suas crónicas datadas de Lisboa, no tempo de Salazar. As suas vindas a Portugal tornaram-se, no entanto, mais frequentes após o 25 de Abril. É dos jornalistas estrangeiros que há mais tempo acompanha a evolução política no nosso país.

Pontos de interrogação com alívios e esperanças

Onésimo Teotónio de Almeida (*)
Texto publicado no «New Bedford Times» de 29 de Abril de 1974

(...) Enquanto o avião sobrevoa agora o vale de S. Joaquim rumo a Los Angeles, vem-me à mente a suposição de que alguns leitores esperarão que diga algo sobre os acontecimentos em Portugal.

Não pretendo fazê-lo. Devorei notícias. Comprei quatro ou cinco jornais por dia e não deixei escapar as reportagens televisivas, mas é cedo para fazer juízos.

Alguns jornais trouxeram títulos a todo o comprimento da primeira página. Os inevitáveis erros surgiram aqui e ali nas informações mas, de um modo geral, elas pareceram objectivas.

Creio que o momento é de júbilo. Quarenta e oito anos, todavia, é de mais para a gente acreditar que o regime salazarista acabou. Um provérbio português diz que «é de desconfiar do santo, quando o milagre é muito grande». E é esta a sensação inicial. Cedo de mais para fazer conjecturas, a situação parece constituir um passo em frente. Tudo depende do modo como as coisas evoluírem. Isto porque uma junta militar é aquilo que a gente sabe, apesar de termos vivido praticamente sob um regime militarista durante este quase meio século. Não esqueçamos o passado de Spínola e as suas relações com Hitler e com Franco. Nem o seu sangue azul. Nem o esqueleto aristocrático que serve de fundo às evoluções liberais do seu pensamento e acção nos últimos tempos. Com mais calma e sem os solavancos do avião, falaremos disto e de outras coisas nas semanas que se seguirão.

Depois, é preciso não esquecer os camaleões. Os que mudaram já e os que ainda vão mudar de cor. Com medo de perderem tachos, há muitas palmas de som oco e que se batem a qualquer um que esteja no Poder. Os patrioteiros arranjistas. Eles sempre existiram e não é agora que vão acabar. Veremos.(...)

O avião prepara-se para aterrar em Los Angeles. A crónica tem de ficar por aqui para ir para o correio. Pois que os novos líderes *aterrem* também. Assentem os pés no chão e se capacitem de que não são *anjos*. Dêem provas de que não vêm para ficar eternamente, mas para dar uma arrancada. A anedota diz que Marcello Caetano andava há tempos doente com uma *espinela* atravessada. Vamos a ver se ela vem para aliviar dores ou se vem apenas para mudar o sítio da dor. Aguardaremos. Com esperança embrulhada em espírito crítico e com a convicção de que tudo isto deve ser apenas um princípio. Para que não aconteça que se mudem apenas as palavras e passemos a ter simplesmente uma... «*Revolução na Continuidade*». Que o diabo seja surdo!

Los Angeles está coberta de nuvens brancas. O *futuro de Portugal* também está. São brancas mas, de qualquer modo, são nuvens. O facto de já não serem negras é já uma grande coisa. Mas o importante é que elas se dissipem. Que assim aconteça.

(*) Doutorado em Filosofia pela Universidade de Brown, onde lecciona desde 1975, divide a sua actividade de investigação entre a cultura portuguesa e a filosofia. Autor de uma vasta bibliografia nessas áreas, foi-lhe atribuído, em 1987, o Prémio Roberto de Mesquita, pelo seu estudo «Mensagem - uma tentativa de interpretação».

É um colaborador assíduo da Imprensa portuguesa de Lisboa, dos Açores e da emigração portuguesa no Estado de Massachusetts. Mantém, há onze anos, um programa cultural no canal português de TV por cabo de New Bedford.

O 1.º DE MAIO 1974

Lisboa, a vermelha, de cravo no punho

Colette Braeckman (*)
Artigo publicado no jornal «Le Soir» de 2 de Maio de 1974

Vermelha estava Lisboa, nesse 1º de Maio de liberdade, vermelha a cidade reconquistada pelo povo. Vermelha como a própria alegria, como a vida reencontrada após meio século de anestesia. E vermelhos, também, os molhos de cravos na boca dos canhões, nas baionetas das espingardas, nas lapelas dos uniformes, em todos os corações cingidos pelo mesmo regozijo. De cravo no punho, Lisboa viveu um 1º de Maio inesquecível, certamente o mais belo do Mundo. Se há um milhão de habitantes na cidade, houve um milhão de pessoas que participaram na festa.

Nas artérias do centro, estavam todos lado a lado, mão na mão, abraçando-se, gritando a sua alegria ao sol de Maio. Tinham vindo de toda a parte, habitantes dos bairros de lata ou das zonas residenciais, marinheiros e camponeses, e, até, emigrantes, ainda deslumbrados, quase incrédulos, chegados de comboio ou em carros carregados de flores, ou mesmo em carroças puxadas por burros, enfeitadas de cravos e de mimosas. Motorizadas, veículos e cadeiras de rodas dos deficientes percorreram a cidade ao longo do dia, ao som de altifalantes que lançavam os «slogans» repetidos sem cessar, até ao esgotamento, pela multidão enrouquecida: «O povo unido jamais será vencido». Desde a manhã, famílias inteiras tinham-se reunido na cidade, crianças empunhando a bandeira nacional, adultos com molhos de flores; até velhos estavam presentes, lembrando-se de uma época passada, anterior ao fascismo, e tremendo de emoção contida. Havia, também, viúvas, imóveis nos seus trajes negros, de olhos húmidos, apalpando, frequentemente, os cravos que lhes tinham sido colocados junto do coração.

Todo o comércio, os restaurantes, os cafés, estavam encerrados, mas ninguém pensava em beber. Nesta sóbria quermesse, a única embriaguez era a da felicidade, o único alimento, a esperança.

Durante a tarde, esta colorida maré humana começou a distribuir-se por cortejos cerrados, que percorreram as principais artérias até aos diversos pontos de concentração. Pois não havia qualquer praça, qualquer estádio suficientemente grandes para conter um povo que reencontrara a sua capital libertada. Ao longo de quilómetros e quilómetros, multidões enormes comprimiam-se, felizes, mas calmas e disciplinadas, como fitas coloridas enfeitadas por centenas de bandeirolas e «slogans» pintados em bandeiras, em cartazes ou, mesmo, em simples tiras de papel. A maior parte dos manifestantes tinha-se dividido por movimentos políticos e, sobretudo, por corporações profissionais. E estavam todos presentes: os da indústria do livro, química, metalúrgica, do vidro, farmacêutica; os intelectuais, os artistas, os actores, os trabalhadores manuais, os operários dos subúrbios, os agricultores, de boné negro. Havia, também, as mulheres por detrás das faixas vermelhas da associação das mulheres portuguesas, que trocavam flores e beijos com os soldados integrados no percurso, milicianos em uniforme de batalha.

As fachadas dos prédios por onde passava o cortejo estavam engalanadas com enormes bandeiras, que os lisboetas tinham pendurado das janelas, ou, não as tendo, pelas manchas coloridas de colchas, cobertores, lençóis e cortinados, flutuando na rua em sinal de alegria. Debruçando-se de milhares de varandas e terraços, as pessoas ofereciam garrafões para matar a sede de quem passava e, nas portas abertas, mulheres distribuíam bolachas e copos de água por desconhecidos que os partilhavam de modo fraterno. Porém, o Exército, coberto de flores e de desvelos, ofuscado pelo reconhecimento proclamado em todos os cartazes e em todos os comícios, permanecia vigilante. De metralhadoras belgas na mão, os soldados estavam atentos no cimo de todos os telhados, em todos os cruzamentos estratégicos, particularmente numerosos em redor do estádio onde discursaram os principais líderes sindicais e políticos, incluindo Mário Soares, líder do Partido Socialista, e Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista, chegado, na véspera, de Paris, e que, simbolicamente, efectuou o seu primeiro comício em cima de um tanque, à saída do aeroporto (...)

(*) Jornalista de «Le Soir» (Bruxelas) desde 1973, é membro e ex-presidente do conselho de administração da sociedade de jornalistas daquele jornal. Entre as inúmeras grandes reportagens que efectuou no estrangeiro, ao longo da sua carreira, destaca-se o acompanhamento dos acontecimentos portugueses de 1974-1975, acerca dos quais publicou o livro «Portugal, révolution surveillée». Em 1982, obteve o Prémio Pierre Mille.

Mário Soares, Álvaro Cunhal e José Tengarrinha: um comp

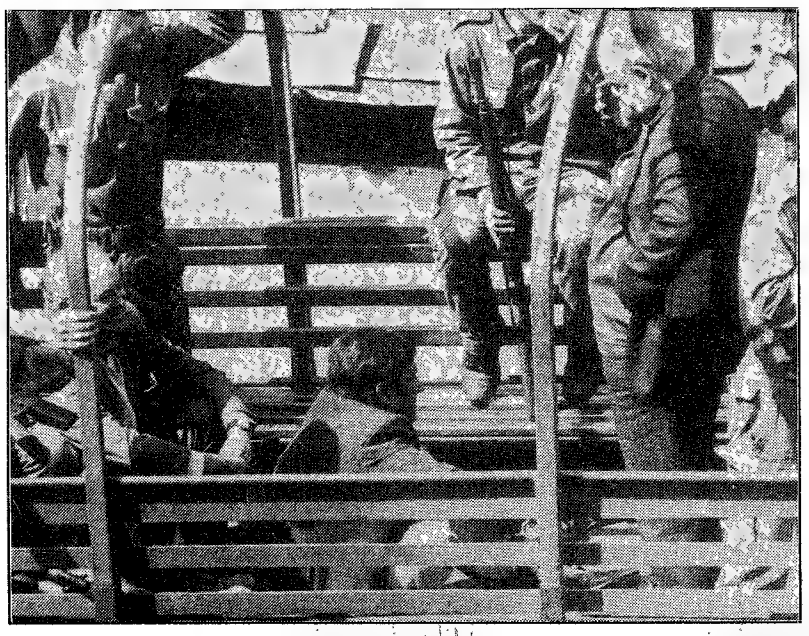
A festa da unidade

O 29 DE SETEMBRO

O pluralismo é difícil

Werner Herzog (*)
Texto publicado no «Tages Anzeiger» de 2 de Outubro de 1974

(...) Costa Gomes não possui o brio, o prestígio pessoal e o carisma do seu predecessor Spínola. Não se deve portanto esperar que prossiga uma política de força, mas sim um trabalho de equipa, com o primeiro-ministro Vasco Gonçalves. O novo chefe de Estado poderá contar com a coligação governamental de centro-esquerda que apoia sem condicionalismos o programa do MFA. Visto que até agora Costa Gomes tem seguido dentro do exército uma política de moderação, espera-se pois, que consiga manter as fileiras do exército mais unidas do que durante o tempo de Spínola. Não se sabe, porém, se o novo chefe de Estado seguirá uma política mais à esquerda do que o seu predecessor, como aliás se tem especulado. Tudo depende da sua estratégia perante um factor desconhecido, ou seja: como integrar a «maioria silenciosa» num Portugal democrático?



Civis presos são transportado em camiões militares abertos

Quem é a «maioria silenciosa»?

A primeira dúvida que se levanta com esta «maioria silenciosa» está relacionada com a questão de saber se se trata ou não duma maioria do povo. É sem dúvida uma maioria, no sentido de uma massa de indivíduos que não pertence à esquerda radicalizada. Mas Portugal está emocionalmente muito polarizado. Tem-se cometido o erro de considerar que esta massa heterogénea e indecisa se indentifica com a direita que ainda não se mostrou publicamente. O dualismo político sistematizado durante o longo consulado de Salazar e Caetano (sintetizado na fórmula governo=bom, oposição= comunismo) está agora a ter efeitos negativos.

Hoje em dia inverte-se a fórmula: os «bons» são os apoiantes do MFA e os «maus» são os reaccionários, os facistas ou qualquer um que tenha tido uma relação, verdadeira ou inventada, com o antigo regime. Por outro lado, os meios de Comunicação têm contribuido pouco para a difusão do pluralismo democrático, ou seja a tolerância de opiniões diversas, que por sua vez o actual Governo também não tem promovido. Os partidos do Governo fazem regularmente acusações, embora por vezes justificadas, aos partidos que não estão na coligação, de fomentar as manobras da extrema-direita.

As dificuldades de actuar abertamente prejudicam sobretudo um dos grupos que compõem esta «minoria silenciosa». É o grupo dos pequenos proprietários (que dependem dos grandes bancos), dos homens de negócios e das profissões liberais. São, de facto, os «spinolistas» que aceitam o sistema económico actual e são favoráveis a um sistema democrático. (...)

A queda do Governo de Spínola deve compreender-se mediante o quadro difuso dos partidos da direita. Depois da publicação do seu livro («Portugal e o futuro») e do seu afastamento imposto por Caetano, Spínola foi considerado um herói popular e no mês de Maio foi designado chefe de Estado. Spínola era a ponte necessária entre a tropa e a população, estando no entanto muito dependente dos capitães de Abril que o obrigavam a respeitar o programa do MFA. Spínola, que foi considerado por muitos observadores como «um general De Gaule dez anos depois de De Gaule», tentou dirigir a abertura do país à democracia pluralista, de uma posição «acima» de todos os outros poderes.

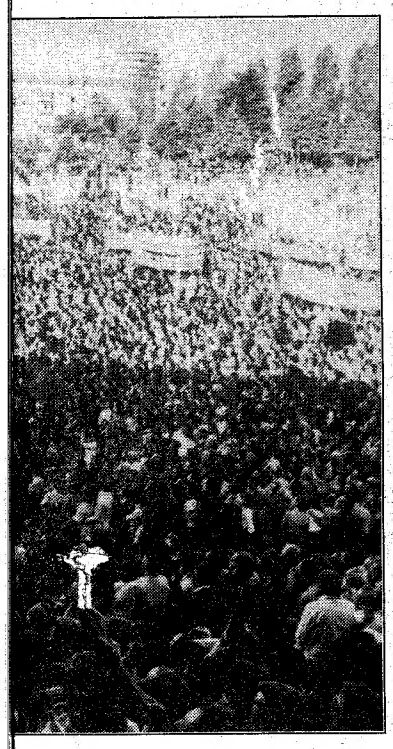
Sendo um anticomunista declarado, Spínola entrou em conflito com os jovens oficiais quando tentou reduzir a influência do Partido Comunista, para mais tarde eliminá-lo da coligação governamental de centro-esquerda. Mas o general não conseguiu impor-se. Durante a ditadura, o Partido Comunista manteve, como única força de oposição, toda a sua vitalidade intacta, e agora, depois do 25 de Abril, exige a sua parcela no novo Portugal. Spíno
um governo de
reita, mas falh
as manifestaçõ
monstrar o po
osa» se revelar
outro, os parti
eram.

Também no
zação, Spínola
esquerda. O e
rápida e uma r
dições do PAI
ram considera
rectas. Assim,
bases do exérc
militares que te
ajuda dos parti
a vontade da m
num impasse,
tar a sua demis

Mas o genera
Mantém o seu
dato, em futur
liberal. A esqu
também de des
um panorama
Assim, o plural
funcionar com

*(*) Correspond
«Tages Anzeig
Nachrichten», de
shau», de Frankfo
desde 1974, ...ad
nacionalidade sui
Ibérica e escolheu
onde reside há qua
ceram três filhos.*

um companheirismo efémero



de

gal. Spínola tentou fazer entrar para overno definitivo os partidos da di- mas falhou quando, por um lado, anifestações organizadas para de- trar o poder da «maioria silenci- se revelaram pouco pacíficas, e por , os partidos do Governo se opus-

nbém no problema da descoloni- , Spínola foi ultrapassado pela rda. O exército preferia uma paz a e uma retirada, aceitando as con- s do PAIGC e da Frelimo, que fo- onsideradas por muitos como cor- . Assim, Spínola foi vencido pelas do exército, ou seja, pelos jovens res que tentam actualmente, com a dos partidos do Governo, realizar tade da maioria do povo. Vencido e impasse, Spínola decidiu apresen- sua demissão.

s o general ainda não perdeu tudo. ém o seu prestígio para ser candi- em futuras eleições, de um partido l. A esquerda moderada não deixa ém de desejar que, no futuro, exista anorama político mais definido. n, o pluralismo democrático poderia onar com uma certa garantia.

Correspondente em Madrid dos jornais s Anzeiger», de Zurique, «Basler ichten», de Basileia, e «Frankfurter Rund- de Frankfort. Nessa qualidade, acompanha, 1974, os acontecimentos portugueses. De alidade suíça, converteu-se à Península e escolheu, como segunda pátria, a Espanha, eside há quase duas décadas e onde lhe nas- três filhos.

O 11 DE MARÇO

O ano que mudou a revolução portuguesa

Henry Giniger (*)
Artigo publicado na edição de 16 de Março de 1975 de «The New York Times»

Que género de revolução pretendem os portugueses, e quem deverá conduzi-la? Estas interrogações já vêm do dia... em que cinquenta anos de ditadura se desmoronaram nalgumas horas, embora a euforia da liberdade reconquistada tivesse contribuído para as obscurecer. As flores que um povo feliz distribuía como símbolo festivo do Portugal livre, não tardaram a murchar, sendo substituídas pelo conflito entre grupos e interesses opostos. Quanto ao povo, constantemente evocado como razão e objectivo da revolução, está algo confuso.

«É difícil entender o que está a acontecer» - dizia-nos um jovem que procurava emprego desde que trocara o exército pela vida civil, há mais de seis meses. Numa economia dominada pela crise, não consegue encontrar trabalho e, agora, com os heróis de ontem subitamente transformados nos vilões de hoje, também se sente perdido na crise política.

Na noite do golpe de 25 de Abril, o general António de Spínola, o oficial português de maior prestígio, tornou-se a principal figura política do País, como chefe da Junta de Salvação Nacional. Algumas semanas depois, o seu estatuto foi confirmado, ao ser eleito Presidente da República por aquele órgão. Mas o general tinha que comandar um grupo heterogéneo de forças, e o seu espírito militar de disciplina e hierarquia fazia com que se sentisse escandalizado perante o espectáculo de uma agitação laboral frenética, instigada pelos grupos esquerdistas.

O Governo, encabeçado por um advogado conservador, Adelino da Palma Carlos, e formado pela frágil coligação de três partidos rivais - comunistas, socialistas e centristas (Partido Popular Democrático) - poucas vezes chegava a consenso. No seio do Executivo, e entre este e o Presidente da República, o calendário e o modelo da descolonização em África, assim como da transformação de uma economia nacional atrasada, constituiam questões difíceis de definir.

A primeira crise

Como pano de fundo, um grupo de jovens oficiais - muitos de baixa patente - que havia desencadeado o golpe e se sentia, agora, irritado com a trapalhada que os políticos tinham feito com a «sua revolução». A primeira grande crise surgiu em Julho, quando o general Spínola fez uma manobra política em conluio com o seu primeiro-ministro. Pretendiam a imediata realização de eleições presidenciais, para reforçar a base popular e autoridade do chefe de Estado. Spínola foi derrotado e teve que recuar, sendo forçado a nomear um oficial de esquerda para o cargo de primeiro-ministro, o brigadeiro Vasco Gonçalves.

Com o novo primeiro-ministro vieram outros oficiais, e os militares apoderaram-se, parcialmente, do Poder. Tinham anunciado, primeiro, que regressariam às casernas no termo do período provisório, mas começaram a voltar atrás. O general Spínola foi obrigado a aceitar uma aceleração da retirada de África. No país, voltava-se a falar em «socializar» uma economia que se afundava cada vez mais na crise, enquanto prosseguia aquilo que o Presidente classificava de anarquia, nas fábricas, escritórios e empresas.

Os comunistas - a principal força política após a queda do antigo regime - falavam e agiam com aparente moderação, mas começaram a alarmar o Presidente e os seus adversários políticos com o reforço da influência que exerciam junto das Forças Armadas, dos sindicatos, da Imprensa, das escolas e da administração pública.

A segunda crise

Assustadas, as classes média e alta - habituadas a considerar a esquerda, em geral, e os comunistas, em particular, como sendo o próprio diabo - começaram a organizar-se e a procurar auxílio junto do general Spínola. Foi em Setembro que surgiu a crise seguinte, quando alguns desses elementos tentaram organizar uma vasta manifestação da «maioria silenciosa» contra o comunismo, e a favor de Spínola. Liderada pelos comunistas, a Esquerda conseguiu impedi-la: foi denunciada uma «conspiração» contra o regime revolucionário e o general Spínola demitiu-se, entre avisos quanto aos perigos da anarquia e de uma ditadura de esquerda.

Não foi tomada qualquer medida contra Spínola, que ainda usufruia de apoio nas Forças Armadas, e o general afastou-se para uma semi-reclusão. Foi ilibado de culpas pela alegada conspiração, sendo oficialmente explicado que fora enganado por outros. Assim, não apenas não foi afastado da política, como, também, a maioria dos observadores esperava vê-lo regressar como o primeiro Presidente da República eleito, após novas instituições terem sido criadas por uma assembleia constituinte.

Depois disso, seja porque o sabor do Poder era tão agradável que aumentava o seu apetite, ou porque os oficiais achavam que a revolução estaria perdida se não a controlassem, os militares reforçaram o seu papel no Governo.

Começaram a pensar em «institucionalizarem-se», para garantir a sua permanência no Poder. Mas as divisões existentes no seio das Forças Armadas tornaram-se mais acentuadas, nomeadamente quanto ao radicalismo a imprimir à revolução, e quanto ao tipo de sociedade e economia a que daria origem.

A terceira crise

Outra crise surgiu em Janeiro, quando Portugal completava o processo de descolonização, ao conceder a Angola, a principal parcela do império, a sua independência. Os comunistas, com o auxílio dos militares, conseguiram fazer aprovar medidas para impor uma central sindical única, que seria controlada pelo partido. O PS e o PPD ficaram furiosos com o êxito da manobra, que teve por efeito empurrá-los para a direita e para o general Spínola.

Foi, então, que se verificaram os acontecimentos da semana passada. Tal como na alegada conspiração de Setembro passado, surgem especulações quanto à veracidade do golpe.

Porém, a esquerda obteve uma vitória esmagadora, e o processo de radicalização - como é demonstrado e simbolizado pela criação do Alto Conselho Revolucionário das Forças Armadas, que irá, de facto, governar o país - sofreu poderoso impulso. Portugal, na franja geográfica da Europa Ocidental, parece que, também, se destina a permanecer na franja política. Mas, desta vez, tendo saído de um estado de semifascismo, corre o risco de ir parar ao outro extremo.

(*) Jornalista do «New York Times» assegurou para o seu jornal, em 1974-1975, na qualidade de correspondente em Madrid, a reportagem dos acontecimentos portugueses. A sua posição privilegiada permitiu-lhe estabelecer com nitidez o paralelo entre a queda do salazarismo em Portugal e do franquismo em Espanha.

Soldados e populares a monte: a prevenção no Ralis contra as «forças da reacção»

Lisboa: as pancadas de Molière

André Pautard (*)
Texto publicado na edição de «L'Express» 17-23 de Março de 1975

Golpe de Estado abortado ou falso golpe de Estado, o caso do 11 de Março teve inúmeras consequências: Spínola foi eliminado, os socialistas enfrentam, sozinhos, a aliança comunistas-militares. Vão realizar-se eleições. Mas que eleições?

Dois aviões de modelo antigo fazem umas arranhadelas num quartel, uma companhia de páraquedistas é lançada, sem grande convicção, num ataque frouxo: parecem bastante irrisórios, os meios utilizados pela direita portuguesa neste golpe de Estado do 11 de Março. Em todo o caso, desproporcionados em relação às consequências de uma operação que se saldou por um surpreendente e estrondoso êxito dos elementos do Exército aliados ao Partido Comunista.

Ei-los ainda mais solidamente instalados no comando político do País. É, mais do que nunca, caso para perguntar: quem lucrou com isto tudo? O líder do Partido Socialista português, Mário Soares, responde com uma espontaneidade inquieta: «Nem a direita, nem o centro, nem a esquerda moderada». Não dirá mais, de tal modo se sente encurralado numa situação incómoda. Mas, em seu redor, ninguém se priva de exprimir dúvidas: «Francamente, não consigo acreditar que esta conspiração é real» - repete, aterrado, um responsável do PS...

No entanto, parece que houve, mesmo, conspiração. Ou, antes, conspirações. Duas, sete, ou onze? Nunca o saberemos,.

(...) Na tarde de 11 de Março, apenas quatro horas após o início do golpe, três helicópteros pesados aterram no campo de Talavera la Real, em Espanha. Com um séquito de dezasseis pessoas, o general António de Spínola - agora privado da sua patente - entra no exílio.

Nessa altura, em Lisboa, já a multidão se manifesta e acusa de intenções fascistas o general de monóculo que, há menos de um ano, aclamava. Nas estradas do país, camponeses armados de espingardas de caça e de varapaus controlam o tráfego. Os elementos duros do Exército arvoram-se em Conselho da Revolução - organismo que, como acontece na Líbia, conduzirá a política nacional e ditará as leis. Encara-se a possibilidade de dissolver os partidos que se mostrem, abertamente, adeptos da moderação centrista - e, discretamente, das tradições da direita liberal. E de fazer o mesmo, para dar boa impressão, com as formações de extrema-esquerda, «fonte de constestação e de desordem». Prendem-se oficiais, banqueiros, personalidades suspeitas de hostilidade relativamente ao Movimento das Forças Armadas.

(...) Spínola está salvo..

(...) Conspirava? Talvez. Em todo o caso, manobrava. E nem sempre com habilidade: já em duas ocasiões, este oficial desabrido tinha-se envolvido em intrigas políticas cuja subtileza o ultrapassava. Era escarnecido

Continua na página 6

Vasco Gonçalves: a voz do novo rumo da revolução

As pancadas de Molière

Continuação da pág. 5

como sendo «o coleccionador de ocasiões perdidas». Todavia, continuava a preparar o regresso político, efectuando consultas, colocando condições aos partidos, esperando a sua hora. (...)

Os fiéis de Spínola eram «bonapartistas»; os outros, «profissionalistas». No princípio de Março, houve eleições no Exército. Tratava-se de designar, em cada arma, os delegados de uma espécie de «Parlamento em uniforme», que devia apoiar o Movimento das Forças Armadas e introduzir a democracia nos órgãos de comando. O MFA contava obter uma vitória. Mas teve uma decepção: numerosos oficiais moderados foram eleitos. As vedetas da tendência pró-comunista não esquecem este malogro.

(...) Esta união dos moderados surpreende todos. A começar, aliás, pelos próprios moderados. Os «bonapartistas» interrogam-se se será suficiente para inverter a marcha e fazer o general Spínola regressar rapidamente ao Poder. De facto, o processo da legalidade afigura-se bem longo. Quanto a eles, parece que têm um plano mais expedito: um golpe de Estado. São os rumores - mais uma vez - que irão apressar os preparativos. Fala-se, em Lisboa, de um «São Bartolomeu» político, que atingiria civis e militares. Circulam listas de nomes. Murmura-se que tudo estará resolvido na véspera da Semana Santa - época em que, tradicionalmente, se prepara o sacrifício do cordeiro pascal. Chamam-lhe «a matança da Páscoa». Então, resolvem apressar os seus planos. (...) Apenas dois aviões a hélice levantam voo. Um destacamento de pára-quedistas põe-se a caminho. E nem sabem por que motivo, nem por quem, irão enfrentar os seus camaradas. Assistem-se a diálogos insólitos, neste campo de batalha em miniatura. E haverá um morto, um jovem soldado. Depois, Spínola, a sua família e o seu séquito abandonarão o país, com rapidez e - miraculosamente? - sem dificuldade.

Fechado o parênteses do golpe, Portugal entra na verdadeira revolução.

(...) O Movimento das Forças Armadas controla, a partir de agora, a vida política portuguesa. Detém os principais postos ministeriais. Além disso, domina o Governo, graças ao Conselho da Revolução. Não deixará de garantir a obediência do Exército, anulando todas as eleições dos conselhos militares em que tenham sido escolhidos oficiais «bonapartistas». Ei-lo dotado dos poderes legislativo, executivo - e do braço secular, que impõe o respeito.

(...) Resta, por fim, o teste eleitoral. Com uma certa solenidade, o MFA promete que as eleições se realizarão na data prevista, a 12 de Abril. Mas sem o pluralismo político que, ainda ontem, se festejava. É em função da sua inserção na doutrina do MFA que os partidos serão, ou não, autorizados a concorrer. «O que significa - comenta um português - que só poderemos escolher entre os diferentes partidos de esquerda. É o pluralismo socialista».

Este afastamento dos partidos de centro-direita não significa que se conseguirá suprimir o seu eleitorado. Irá dividir-se pelas formações admitidas na corrida: o PSD (centro-esquerda), em crise nestas últimas semanas e, sobretudo, o PS, que surge como campeão do anticomunismo. Poderá, se as eleições se realizarem, obter a maioria absoluta. Mas seria um êxito perigoso, que o tornaria ainda mais vulnerável, pois ficaria isolado perante a aliança MFA-PC. E, sobretudo, correria o risco de conhecer as convulsões internas que o aumento dos seus efectivos não deixaria de acarretar. Através da adesão de elementos indesejáveis. De qualquer maneira, o seu êxito não terá nenhumas consequências. A futura Assembleia limitar-se-á a definir a Constituição. E o MFA já fez saber que ditaria, na prática, as suas linhas mestras. Uma mera câmara de eco...

(*) Chefe de redacção e conselheiro de redacção do semanário «L'Express», onde trabalha desde 1971, é licenciado em Direito. Na qualidade de grande reporter, foi várias vezes enviado à América Latina, à Europa Mediterrânea e ao Médio Oriente. Acompanha o processo político português desde Março de 1974, deslocando-se com frequência ao nosso país, onde conta numerosos amigos.

A ELEIÇÃO DA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

O voto e a revolução

J. M. Nobre-Correia (*)

Artigo publicado no semanário belga «Notre Temps» de 1 de Maio de 1975

Sexta-feira, exactamente um ano após o movimento militar que pôs termo à longa noite salazarista, os portugueses, com os olhos brilhantes de esperança e de emoção, foram às urnas. Tratava-se de eleger uma assembleia constituinte. Cerca de 92% dos 6,5 milhões de eleitores inscritos participaram no escrutínio - que não era, aliás obrigatório - desmentindo, assim, todos aqueles que no país, mas sobretudo no estrangeiro, afirmavam peremptoriamente que os portugueses se teriam mostrado indiferentes ao desenrolar da campanha eleitoral.

A participação maciça do eleitorado permite constatar, igualmente, até que ponto a análise da situação política, feita pelas organizações da esquerda e da extrema-esquerda portuguesas falhava ao não ter suficientemente em conta um dado aparentemente essencial: liquidada uma ditadura cega e asfixiante, a «liberdade» e a «democracia» traduzem as reivindicações de um povo que rejeita um regime responsável por 48 anos de sofrimento. Tradução abstracta, com efeito, mas explicável. Porque, no tempo de Salazar e de Caetano, as palavras de ordem da oposição (comunista, socialista ou cristã de esquerda) baseavam-se quase que exclusivamente nas noções de «liberdade» e de «democracia». E, após o 25 de Abril de 1974, face à pressão da esquerda e da extrema-esquerda, a direita, assim como os defensores de uma «sociedade tipo ocidental», glorificavam, sistematicamente, essas duas fórmulas redentoras.

Para quem viveu meio século num regime fascisante, a «liberdade» e a «democracia» eram sinónimos de França, de Inglaterra, de Estados Unidos... Mário Soares e o Partido Socialista compreenderam-no bem. Nos cartazes eleitorais do PS figuravam, apenas, os temas: «Construir um país livre» e «Defender a liberdade, vota PS para venceres». Dirigida por um conselheiro em publicidade que se encarregou, sucessivamente, das campanhas eleitorais do PSB da FGTP e de Henri Simonet, toda a campanha do Partido Socialista foi orquestrada em torno do tema «liberdade». E o tema foi rentável: com cerca de 38% dos votos expressos, o partido de Mário Soares tornou-se, de longe, a primeira formação política, no plano eleitoral.

Jornalistas portugueses e estrangeiros seguem a evolução dos resultados das eleições de Abril de 1975

Um tal sucesso não está, todavia, isento de ambiguidades. A corrente «soarista» é, de facto, importante em Portugal. Soares beneficia do prestígio próprio de um «leader» que era o homem da oposição mais popular, ao nível nacional. Prestígio acrescido pelo êxito da política externa, nomeadamente em matéria de descolonização, da qual ele foi responsável até há bem pouco tempo. Contudo, é preciso notar que não foi só a corrente «soarista» que votou no partido de Mário Soares: muitos eleitores de esquerda não comunista decidiram votar útil; e o mesmo se passou com sectores conservadores e até mesmo reaccionários para quem o PS constituía a única muralha contra a «hegemonia comunista». (...)

As reservas repetidamente manifestadas por Álvaro Cunhal quanto às condições em que se verificaria o escrutínio compreendem-se tanto mais facilmente quanto é certo que as sondagens (confidenciais) atribuíam ao seu partido um número de votos bastante reduzido. A partir do momento em que a realização de eleições se tornou um dado adquirido, o Partido Comunista Português mobilizou todas as suas forças. A poderosa máquina do partido foi posta a rodar à velocidade máxima. Reforçado pela evolução favorável da querela sindical de meados de Janeiro e pelas consequências da tentativa de golpe de Estado do 11 de Março, atacado por uma violenta campanha anticomunista desencadeada pelos socialistas e constantemente visado pelas formações de extrema-esquerda, o PCP mostrou as suas garras. Acusado de ter instigado o Conselho da Revolução a «suspender» a Aliança Operária e Camponesa (AOC - reconhecida pelo PC Chinês) e o MRPP (a extrema-esquerda maoista), o partido de Álvaro Cunhal solicitou igualmente a exclusão do PPD na altura da formação do 4.º Governo Provisório. Por outro lado, desencadeou um ataque contra a União Democrática Popular (a principal formação marxista-leninista), aliás mal recebido pela opinião pública. Enfim, os militantes comunistas receberam, pela primeira vez, carta branca para utilizar «slogans» favoráveis à União Soviética enquanto que o órgão central do partido, o jornal «Avante», criticava um artigo de um correspondente estrangeiro, por este efectivamente enviado de Lisboa, mas nunca publicado no jornal respectivo! (...)

A nova esquerda e a extrema-esquerda: o vazio

As formações governamentais de esquerda foram, portanto, esmagadas pela ala moderada da coligação. Mas é no âmbito da nova esquerda e da extrema-esquerda que a derrota é mais sensível. Para não falar, claro, de uma organização centrista, mais ou menos folclórica, o Partido Popular Monárquico, que não foi além dos 0,5%. Nesta «catástrofe generalizada», a nova esquerda (com a Frente Socialista Popular e o Movimento da Esquerda Socialista) sai-se, apesar de tudo, menos mal do que as formações marxistas-leninistas (a União Democrática Popular, a Frente Eleitoral de Comunistas e o Partido de Unidade Popular) e do que os trotsquistas da Liga Comunista Internacionalista. Apenas a FSP e o MES conseguiram ultrapassar, à justa, a barra de 1%.

Encerradas no universo dos discursos ideológicos subtis, mas afastadas da compreensão e das preocupações do povo, a nova esquerda e extrema esquerda pagaram caro o «fraccionismo» e a «religiosidade» que as caracterizavam. Ter estudado as «biblias» e os «catecismos» de um outro espaço e de um outro tempo não é condição sufuciente para interpretar e para dar resposta às necessidades reais e actuais do povo português. (...)

As dimensões de uma vitória

Há duas ou três semanas evocava-se em Lisboa a possibilidade de o aparelho do PS português vir a ser controlado pela esquerda do partido - já farta da orientação de direita imprimida pela direcção actual.Talvez tenha sido por isso que Mário Soares parece interessado em esboçar uma ligeira viragem à esquerda. Mas uma tal viragem não implicará riscos junto do eleitorado? Os 38 por cento obtidos são talvez demasiado bons para que alguém se permita alimentar fantasias...

Seja como for, o resultado eleitoral obtido por cada uma das forças políticas não terá necessariamente uma repercussão directa na vida politica de Portugal. Sabe-se há muito que a Assembleia Constituinte terá seis meses para redigir a Constituição. E sabe-se também que a política governamental não será determinada por essa assembleia constituinte, mas sim por uma assembleia legislativa cuja eleição está prevista para Outubro ou Novembro.

É preciso recordar, por outro lado, que as seis formações mais votadas são, precisamente, aquelas que assinaram um pacto com o MFA, pacto sobre o qual repousa a orientação da política governamental.

Uma coisa é certa: a relação de forças entre partidos estabelecidas com base em resultados eleitorais, não assume o mesmo significado num país em situação de estabilidade política e num outro em plena mutação política e social. O Portugal de hoje vive em plena revolução. Conta com um Movimento das Forças Armadas, detentor real do poder e para o qual Portugal deve tornar-se uma "democracia socialista e pluralista". Uma "democracia socialista" que bem poderia incomodar os soviéticos...e uma "democracia pluralista" que incomodaria certamente os americanos...

(*) Professor e presidente da secção de Jornalismo da Universidade Livre de Bruxelas, onde rege a cadeira «Técnicas Profissionais dos Meios de Comunicação Social», foi director da revista «Media Magazine». Em 1975, escreveu sobre os acontecimentos portugueses no semanário «Notre Temps».

O CASO «REPÚBLICA»

As bases teriam ultrapassado o aparelho do PC

Jean Pierre Clerc (*)

Artigo publicado em «Le Monde» de 23 de Maio de 1975

As poucas dezenas de tipógrafos, maioritariamente comunistas, que, no dia 19 de Maio, tentaram apoderar-se da direcção do diário socialista «República» não se teriam comportado como elefantes numa loja de porcelanas?

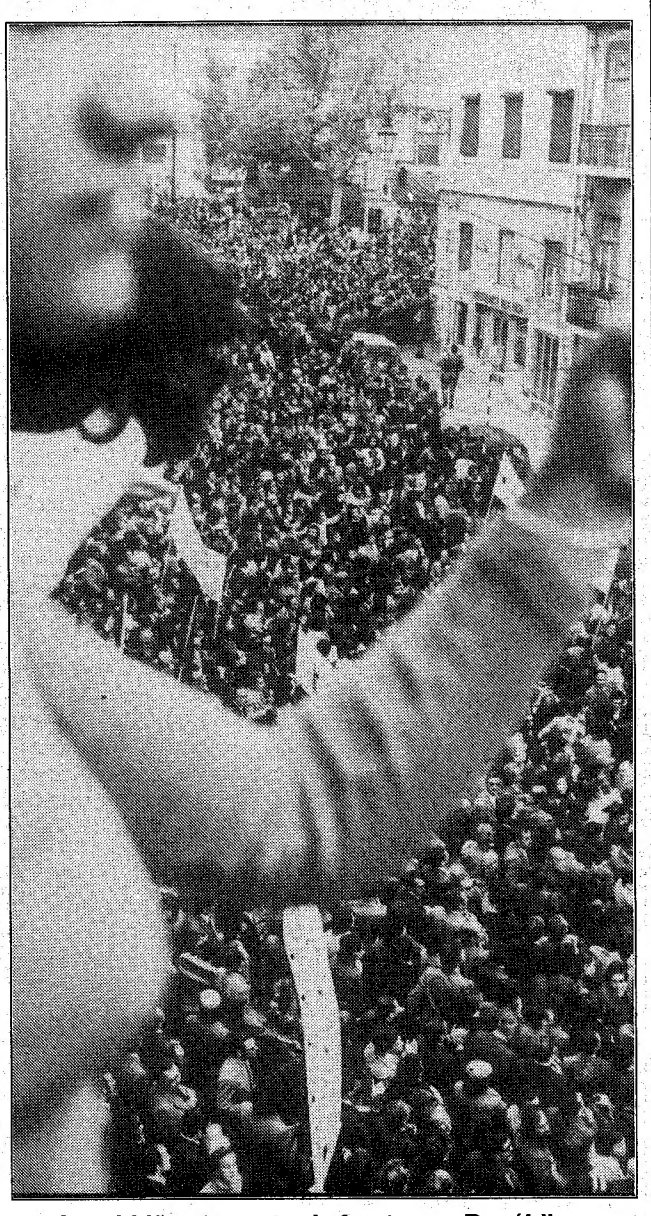
Enquanto se espera para saber se a ameaça dos socialistas de saírem definitivamente do Governo se irá concretizar, o caso está nas mãos da Justiça. O ministro da Comunicação Social, o comandante Correia Jesuíno, tirou o seu cavalinho da chuva, ao recordar que os conflitos na Imprensa não são da competência do Governo, mas sim do poder judicial. Um militante socialista, que passou a noite de 19 para 20 de Maio sob as janelas do diário, assegurou-nos, todavia, que o ministro não se sentia muito satisfeito com a perspectiva de ficar conhecido, para a posteridade, como «aquele que encerrou o República», único jornal anti-fascista no antigo regime. Mas o comandante Correia Jesuíno não deixou de condenar as «manobras de divisão do PS» ao longo deste caso. Ficou, sobretudo, muito chocado com as palavras de ordem hostis às Forças Armadas que certos militantes do PS, exaltados após uma noite de expectativa, não se conseguiram impedir de proferir, na madrugada de 20 de Maio.

(...) As razões imediatas para a ofensiva dos tipógrafos contra a direcção são evidentes. A edição do «República» de 17 de Maio saíra - numa atitude única na Imprensa portuguesa - com dois artigos que não podiam, de modo algum, agradar aos comunistas. Um divulgava um documento confidencial submetido pelo PCP ao Conselho da Revolução, preconizando a expulsão de setenta funcionários, maioritariamente socialistas, da televisão estatal, acusados de serem reaccionários e, em alguns casos, de demonstrarem tendências homossexuais! O outro reproduzia uma declaração do general Otelo Saraiva de Carvalho, segundo a qual o PCP tinha detido, durante a campanha eleitoral, militantes maoistas. O próprio chefe do Copcon - organismo de coordenação das forças de Segurança portuguesas - tê-los-ia feito libertar. O general ameaçava, no caso de tais acontecimentos se repetirem, prender os autores destes excessos.

Os objectivos políticos mais remotos da ofensiva dos tipógrafos contra o «República» são menos nítidos. O argumento segundo o qual era necessário rectificar a linha política do jornal - dado que esta não lhe assegurava suficientes leitores para poder viver dos seus próprios recursos - não parece convincente. A tese segundo a qual a ofensiva contra o «República» teria sido «teleguiada» por certos elementos do Movimento das Forças Armadas, com o objectivo de desacreditar os partidos políticos - no preciso momento em que se preparavam para fazer aprovar o projecto de uma aliança entre o povo e o Movimento, numa assembleia geral do MFA - foi totalmente posta de parte pelos observadores. (...) E, se é verdade que elementos esquerdistas, nomeadamente da UDP, tiveram alguma influência junto dos operários do «República», os comunistas são, de longe, os mais ouvidos.

Assim, a explicação mais generalizada é que, neste caso, as bases do PCP ultrapassaram, mais uma vez, o aparelho, sem se preocuparem demasiado com as possíveis repercussões nacionais de um simples «conflito de trabalho».

(*) Actual chefe de redacção do «Monde de l'Education», foi, durante algum tempo, presidente da sociedade de redactores detentora de «Le Monde» e, mais tarde, correspondente deste jornal em Roma. Assinou vários artigos e coordenou alguns suplementos sobre Portugal.



A multidão concentrada frente ao «República»

A democracia no Automóvel Clube de Portugal

Joelle Kuntz (*)

Texto publicado em «Les fusils et les urnes - Le Portugal aujourd'hui», Denoel, Paris, 1974:

Existem, no decurso da grande História, pequenas histórias que se desenrolam discretamente, que animam o quotidiano antes de caírem no esquecimento. A crise era um assunto para os ministros, para os dirigentes dos partidos e os jornalistas bisbilhoteiros. As eleições no Automóvel Clube foram as da classe média, que circula de carro, que anda a poupar para uma residência secundária, no Estoril, e que, por conseguinte, se preocupa com o estado das estradas.

Aguçava o meu apetite para um «fait divers» que pretendeu, por momentos, atingir a dimensão de um acontecimento. Ia-se experimentar a Democracia, em formato reduzido. Vejamos.

Por alheia que seja a actividade do Automóvel Clube relativamente aos grandes destinos do país, ou talvez devido a essa mesma particularidade - com efeito, são menores os riscos de poder vir a constituir um foco de agitação social -, as eleições que ali decorreram foram o primeiro campo de treino para a democracia nacional. Após quarenta e oito anos de nomeações arbitrárias, as pessoas iam aprender a eleger. Estou a brincar? De modo algum! Os dois grupos políticos que disputaram a administração e a direcção do clube levaram-se muito a sério, e os pequenos burgueses que tinham de escolher comportaram-se, no sufrágio, como bons cidadãos... Esquerda contra direita, lutando pela direcção de uma associação de utilizadores da estrada, eis o que poderia ter sido um belo debate sobre o valor respectivo do transporte individual e do transporte colectivo, sobre o préstimo das auto-estradas, a qualidade do turismo ou o futuro da indústria automóvel. Socialistas e comunistas contra a gente do Partido Popular Democrático, numa batalha extremamente actual sobre a qualidade da vida «moderna», a poluição. A luta poder-se-ia ter revestido de verdadeiro sentido político, definido por um verdadeiro confronto de posições; uns por isto, outros por aquilo. Saber-se-ia com o que se poderia contar e, com base nos programas, poder-se-ia escolher quem, da direita ou da esquerda, oferecesse as melhores perspectivas de progresso social para o futuro. Mas já ultrapassamos esse ponto.

Acontece que a esquerda mergulhou no turbilhão da direita e que, nesse movimento fatal, nos arrastou para os males/benefícios da nossa civilização ocidental.

O automóvel é uma «realidade», como se diz, tangível, inelutável. Provoca uma organização da vida urbana que a esquerda, no seu namoro ao Automóvel Clube, preferiu não discutir. Ocupadíssima com a democracia, tinha, evidentemente, um alibi: de círculo aristocrático e privilegiado que fora, nos anos 60, o ACP tinha-se, pouco a pouco, «democratizado». A classe média crescera e, com ela, o parque automóvel. O ACP começava, mesmo, a cheirar a «povo»: enquanto os pequenos burgueses colavam, com orgulho, o seu emblema nos vidros traseiros, os grandes burgueses procuravam distinguir-se de outra maneira.

Chegara, pois, a hora de os socialistas se interessarem pelo assunto. Para a sua apresentação como futuro director do ACP, o advogado socialista, Abranches Ferrão (que se fizera acompanhar de um militante extraviado do Movimento da Esquerda Socialista e de um comunista), redigiu um programa de modernização e de reorganização do clube, e de «valorização do automóvel». Programa idêntico ao do seu rival, Pinto Balsemão, membro da Comissão Política do Partido Popular Democrático e director do semanário «Expresso».

Não. A bem dizer, havia duas diferenças. A primeira dizia respeito às ambições do clube: o socialista queria que crescesse para cento e cinquenta mil sócios; o PPD para cem mil. A segunda era sobre o destino reservado aos trezentos funcionários do clube, que tinham - dizia Ferrão - solicitado aos socialistas que se candidatassem à direcção.

A partir desse momento, assistiu-se a estranhos diálogos sobre a questão da defesa dos trabalhadores, com todas as «nuances» que separam, na realidade, o PPD dos socialistas. Abranches Ferrão propunha que «representantes» da comissão de trabalhadores entrassem, de pleno direito, nos organismos directivos, enquanto Balsemão insistia em reconhecer-lhes «um papel importante na vida do clube, nomeadamente no que respeita à gestão do pessoal». Fraca distinção. (...)

«No que toca à nossa lista» - disseram os socialistas -,«o problema é, essencialmente, o da defesa dos funcionários do clube».

Abranches Ferrão: «Nunca vi o sr. Vidal Pinheiro (PPD, candidato à presidência da assembleia geral) defender os trabalhadores...Quanto a mim, eles sabem que os protegerei».

Vidal Pinheiro: «Ah! Perdão! Eu estive deportado, três anos, em Cabo Verde, justamente em nome da protecção dos trabalhadores!».

Ferrão: «Nunca estive em Cabo Verde, mas passei por Caxias, pelo Aljube e pela penintenciária de Lisboa...» (...)

Os socialistas acusaram o PPD de ser paternalista em relação aos trabalhadores do clube, e o PPD atacou a «mesquinhez» dos socialistas. Esforçaram-se por parecer diferentes, e a esquerda utilizou mais argumentos: fez a soma dos selos postais que os seus adversários tinham gasto para enviar a todos os sócios procurações com a respectiva devolução paga, e acusou Pinto Balsemão de ter uma fortuna pessoal para desperdiçar neste género de despesa. Ao que este último retorquiu que tornaria públicas as suas contas, convidando os socialistas a fazerem o mesmo. O espírito navegava a olhos vistos.

Debruçaram-se sobre as tarifas de publicidade: a esquerda verificou que o PPD tinha muitos meios, o que era perfeitamente justo. Enfureceu-se. A batalha, em seu entender, tornara-se desleal. A democracia, no entanto, não se pauta por regras éticas: a esquerda perdeu, majestosamente, as eleições, por mil e oitocentos votos contra seis mil.

Último acto: pediu um inquérito à origem dos votos e mergulhou na indignidade, ao declarar que o seu adversário vencera graças às procurações que conseguiu distribuir gratuitamente. Fim.

De peito largo, belas camisas e audaciosamente engravatados, montando reluzentes veículos de raça, os adeptos do PPD eram a imagem da vitória. Jovens, desportivos, heróis e artesãos de uma futura sociedade de consumo, defrontam o 25 de Abril com a arrogância de sedutores seguros do efeito que produzem. (...)

Colocando-se, desajeitadamente, entre o trabalho e o lazer, Abranches Ferrão não conseguiu demonstrar que apoiaria o primeiro, nem procurou aliciar as pessoas com o segundo. Ninguém o acreditou, enforcou-se na sua própria corda. .

Do outro lado, as vitórias aguçaram o apetite. Eufórico, na noite das eleições, Pinto Balsemão pensava já na Assembleia Constituinte do próximo ano. O método continuaria a dar boas provas de si: «marketing», sondagens, toda essa máquina da democracia moderna.

Enquanto a esquerda esteve triste e cáustica.

O Automóvel Clube de Portugal! A esquerda enganou-se no local, ou enganou-se na data, ou enganou-se no futuro.

(*) Correspondente de vários jornais e estações de rádio da Suiça, foi um dos primeiros jornalistas estrangeiros a chegar a Lisboa depois da «revolução dos cravos». Em 1975, publicou em França o livro «As armas e as urnas», no qual retratou o Portugal revolucionário que tão bem conheceu. Depois de trabalhar nos jornais «Quotidien de Paris» e «Le Matin», dirige actualmente o noticiário internacional da televisão suiça de língua francesa. É licenciada em Ciências Económicas e Sociais.

NOVEMBRO EM PORTUGAL:

O ridículo pode matar

André Fontaine (*)

Artigo publicado em «Le Monde» de 15 de Novembro de 1975

(...) Espera-se encontrar um país em revolução; deparar, a todo o momento, com tumultos; ouvir o ruído de explosões ou, mesmo, o estrondo dos tanques do golpe de Estado, do qual todos falam, embora sem grande convicção. Mas, nestes dias, deparamos com uma cidade um pouco enlanguescida que, sob o doce sol outonal, não renuncia ao prazer de viver livre.

Para quem conserva dela apenas recordações já antigas, Lisboa está irreconhecível. Sob a austera férula de Salazar, uma espécie de melancolia ensombrava não só as ruas miseráveis de Alfama como, também, a majestade dos palácios, das igrejas, das praças, dos monumentos legados por séculos de glória.

O que dá, hoje, a Lisboa, a sua vitalidade não se deve apenas, para falar verdade, à Revolução de 1974. A imensa ponte - lembrando a de São Francisco - que domina o Tejo a uma altura vertiginosa, conferindo todo o seu valor à expressão «obra de arte», chamava-se «Salazar», antes de ser rebaptizada «25 de Abril». O trânsito, que reveste as encostas das sete colinas da alegre confusão dos engarrafamentos, é, sobretudo, consequência do desenvolvimento, nos últimos anos da ditadura, de uma classe média, cuja atracção pela sociedade de consumo ultrapassa, manifestamente, a paixão pelo socialismo. De noite, as lojas permanecem iluminadas até altas horas, como se Portugal tivesse escapado à crise energética. O serviço, nos hotéis e restaurantes, é tão rápido quanto se poderia desejar. E as filas de espera, nas paragens de autocarro, dão a imagem de uma mltidão surpreendentemente disciplinada. (...)

Devemos desconfiar das águas paradas. Uma simples brisa bastou para as agitar. Não se passa um dia sem que um acontecimento não venha demonstrar o acumular de tensões profundas, capazes, a qualquer momento, de conduzir a uma explosão. Mais do que nunca se coloca o problema do Poder, que, como todos sabem desde Lenine, está no âmago de qualquer revolução. Todos, desde a extrema-esquerda à extrema-direita, estão de acordo em atribuir-lhe a prioridade. Só depois meterão ombros - está prometido - às enormes dificuldades económicas que se acumulam: já se contam quatrocentos mil desempregados para uma população de nove milhões de habitantes; os investimentos viram-se reduzidos a metade; o montante dos salários equivale à totalidade do produto nacional bruto.

Inúmeras empresas só conseguem fazer frente às reivindicações dos trabalhadores com a ameaça de fecharem as suas portas, o que leva os bancos nacionalizados a adiantarem-lhes as somas necessárias para os pagamentos. O défice da balança comercial não cessa de se agravar. A inflação, que já atingiu os 25 por cento, ameaça tornar-se incontrolável no dia em que se esgotar o confortável pé de meia deixado pela ditadura àqueles que a derrubaram.

Poder-se-ia dizer que, em certo sentido, o Poder não existe. Para Álvaro Cunhal, secretário-geral do PC, «está na rua». O VI Governo, presidido pelo almirante Pinheiro de Azevedo, não governa mais do que o V, o do general Vasco Gonçalves. «Em qualquer altura, o meu escritório pode ser ocupado, e não conseguirei, sem dúvida, fazê-lo evacuar» - diz-nos Almeida Santos, ministro da Comunicação Social, cujo adjunto foi impedido de entrar no gabinete por manifestantes que o acusavam de ter trabalhado, outrora, para a polícia política de Salazar.

Alguns dias mais tarde, militantes cercavam a sede da Assembleia Nacional e a residência do primeiro-ministro, obrigando este a ceder perante as suas reivindicações: um aumento de 44 por cento dos salários dos operários da construção e a abertura de um inquérito ao passado do ministro do Trabalho. Quem os impedirá de repetirem a acção? «Não existe, actualmente, em todo o Exército português, um único oficial que possa ter a certeza de que as suas ordens serão cumpridas» - admite, sem grande exagero, o general Otelo Saraiva de Carvalho, cujo rosto é revelador de muitas desilusões. (...)

A «táctica do salame»

(...) Sabendo que estava fora de questão recuperar tudo de um só golpe, o almirante Pinheiro de Azevedo e o Grupo dos Nove - em que se apoia no Conselho da Revolução - esperavam atingir os seus fins passo a passo, cortando o salame em fatias finas, recuando sempre que a resistência era demasiado forte e retomando a iniciativa mal deparavam com um ponto fraco no dispositivo adversário.

A manifestação frente ao Palácio de São Bento

O almirante dispunha, à partida, de trunfos que não pareciam de desprezar. Robusto, jovial, inteiramente desprovido de angústia metafísica, teria, sem dúvida, sido, sob a nossa IV República, um radical socialista. Alimentando poucas ilusões sobre os homens, permite-se manifestar uma atitude de indulgência. «São honestos» - afirmou-nos, com um gesto largo, referindo-se aos representantes das diversas tendências do Conselho da Revolução e dos três partidos políticos que coabitam, bastante mal, na sua equipa, mas cujo contributo (ou, pelo menos, a relativa neutralidade) lhe é indispensável. Este juízo sintético assume todo o seu valor quando se ouve Sá Carneiro, secretário-geral do Partido Popular Democrático - representado no Governo - apelidar de «estalinista» Álvaro Cunhal, secretário-geral do PC - igualmente representado no Governo - e este retorquir, chamando-lhe «fascista» (os dois só têm em comum, curiosamente, um falso ar de Robespierre). E sabe-se o que estas amenidades significam, no espírito daqueles que acabam de as proferir - que cada qual considera que o outro não tem qualquer espécie de direito de participar no Poder. (...)

O primeiro objectivo do almirante Pinheiro de Azevedo era constituir uma força de intervenção que permitisse ao Poder fazer cumprir as suas ordens. A Polícia Municipal, o Corpo de Pára-quedistas, a Força Aérea (na medida em que não estivesse paralisada por uma infra-estrutura geralmente «à esquerda»); as tropas que regressavam de Angola, os comandos da Amadora, constituíam as principais reservas onde se esperava poder recrutar os elementos desta força - a AMI - enquanto se aguardava a reconstrução de um Exército obediente ao Estado. Nenhum regimento é verdadeiramente seguro, e afigura-se impossível restituir jamais às Forças Armadas um mínimo de sentido de disciplina. Mas o almirante não desesperava - escolhendo, aqui, uma companhia, ali, um comando - de conseguir reconstituir, pouco a pouco, unidades capazes de executar as missões atribuídas. (...)

(*) *Com uma formação universitária em História, Direito e Economia Política, André Foutaine ingressou no jornal «Le Monde», em 1947, para dirigir o serviço de política estrangeira. Tinha, então, 26 anos.*

Em 1969, é nomeado chefe de redacção, funções que exerce até 21 de Janeiro de 1985, data em que assume o cargo de director. É incontestavelmente considerado o homem que salvou o «Le Monde» de uma grave crise financeira que, na primeira metade da década de oitenta, conduziu o jornal à beira do colapso.

Ao longo da sua carreira, André Fontaine conheceu e entrevistou os mais importantes dirigentes políticos do mundo. Deslocou-se diversas vezes a Lisboa, tendo assinado uma série de três grandes artigos, publicados em Novembro de 1975, nos quais destacava as contradições do processo político português.

Os manifestantes obrigaram o Governo a ceder

José Rebelo (*)

Texto publicado em «Le Monde» de 15 de Novembro de 1974

Após cercarem, durante trinta e seis horas, o Palácio de São Bento, sede da Assembleia Constituinte e residência do Primeiro-Ministro, milhares de trabalhadores da construção civil que reivindicavam a assinatura de um contrato colectivo de trabalho clamam vitória. Todas as suas exigências foram satisfeitas: salário mínimo de 6500 escudos; abertura de um inquérito às actividades do Ministério do Trabalho, capitão Tomás Rosa, e do seu secretário de Estado, Marcelo Curto, dirigente do Partido Socialista; criação de uma comissão mista, controlada pelos sindicatos, encarregada de definir uma nova política para o sector da construção, em crise, que emprega mais de quinhentos mil trabalhadores.

Eram 5 horas da manhã de sexta-feira dia 14 de Novembro. Impacientavam-se os manifestantes. Arrastavam-se as negociações já que nenhuma das duas partes em presença parecia transigir quanto a fixação de um salário mínimo. Um impasse. Por isso, quando os dirigentes sindicais anunciaram que o Primeiro-Ministro acabara de ceder, a festa irrompeu. Erguem-se, de súbito, os grevistas sonolentos que se estiravam pela relva e pelas escadarias do Palácio. Agitam-se, freneticamente bandeiras e pendões. Trocam-se abraços. Para os sindicalistas, era o triunfo. Ao clima de tensão e de agressividade das longas horas de espera sucedia uma espécie de confraternização geral. Até a Polícia Municipal e a Guarda Nacional Republicana, de serviço no Palácio, adquiriram o direito à homenagem pública. (...)

Desde a «libertação», na véspera dos deputados e funcionários da Assembleia, o edifício ficara sob o controlo dos dirigentes sindicais que filtravam todas as entradas e saídas. Uma boa parte dos salões fora «requisitada» para reuniões. Outros, funcionavam como local de repouso. Os corredores intermináveis, antes inacessíveis, tornavam-se, agora, familiares para os membros das comissões que ostentavam braçadeiras vermelhas. Aquilo que começara como um simples conflito de trabalho fazia estremecer todos os órgãos do Poder: partidos políticos, Governo, Conselho da Revolução, Presidência da República.

Num comunicado emitido na quinta-feira, 13 de Novembro, o Partido Socialista lançara um «apelo ao povo» convidado a «defender por todos os meios o mais precioso dos bens: a liberdade». O director do jornal «A Luta», Raúl Rêgo, deputado socialista, publicara um edital no qual, a propósito do sequestro dos deputados, perguntava: «Onde está o Presidente da República que não reage perante um tal crime?»

O Partido Popular Democrático, por seu lado, duvidara da eficácia do general Costa Gomes, como chefe do Estado-Maior das Forças Armadas e, num tom alarmista, mobilizava os militantes através de um comunicado distribuído ao princípio da tarde. »Como a democracia está ameaçada na rua», proclamava-se nesse texto, «é na rua que ela deve ser defendida! Deixa o teu trabalho, sai da tua casa e vem manifestar-te e[illegible] defesa da liberdade contra o totalitarismo, o fascismo e o social-fascismo». (...)

Bem discreto foi o comportamento do Partido Comunista durante toda a crise: nem declarações, nem campanhas de Imprensa. Para o PCP, com efeito, o que estava em jogo revestia-se de uma importância capital: o eventual afastamento do ministro do Trabalho constituiria a primeira vitória sobre um Governo acusado de se ter «comprometido com a burguesia». Era preciso no entanto evitar toda e qualquer possibilidade de ultrapassagem por parte da extrema-esquerda... Novembro, à noite, o Presidente da República tinha dirigido uma mensagem ao povo português, transmitida pela Rádio e pela Televisão, na qual alertava para os riscos de «a situação política vir a tornar-se explosiva». (...) Tornava-se evidente que o general Costa Gomes procurava evitar as consequências de uma repressão que, implicando a mobilização de unidades do Exército mais críticas relativamente ao evoluir do processo revolucionário, poderia descambar em confrontações. (...)

(*) Licenciado em Ciências da Informação pela Universidade de Paris 2, entrou para «Le Monde» em 1973, como responsável pelo serviço de estudos da Direcção Comercial do jornal. Em 1974, transitou para a redacção, tendo sido, pela primeira vez, enviado a Portugal em Janeiro de 1975, para cobrir a cimeira de Alvor. É, desde então, correspondente daquele jornal em Lisboa.

Traduções de Isabel Joyce, José Rebelo e Nuno Azevedo